

INTELECTUAIS NO SERTÃO

O Club Romeiros do Porvir, a produção e circulação de representações em torno da intelectualidade, da cidade do Crato-CE, e dos sertões (1900 - 1910)

Johnnys Jorge Gomes Alencar

SECULT CEARÁ

Governador do Estado do Ceará

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora do Estado do Ceará

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário de Estado da Cultura

Fabiano dos Santos

Secretária Executiva da Cultura

Luisa Cela

Secretária Executiva de Planejamento e

Gestão Interna da Cultura do Estado do Ceará

Mariana Teixeira

Chefia de Gabinete

Luziana Pinho

Coordenadora de Economia da Cultura

Laizi Fracalossi

Coordenadora de Desenvolvimento

Institucional e Planejamento

Sofia Leonor Von Mettenhim

Coordenadora de Políticas de Livro,

Leitura, Literatura e Bibliotecas

Goreth Albuquerque

Coordenadora de Comunicação

Ivna Girão

Coordenadora Jurídica

Daliene Fortuna

**Coordenador de Tecnologia
da Informação e Governança Digital**

Thyago Souza

Coordenadora Administrativo

Financeira

Wilma Jales

Coordenadora de Artes e Cidadania

Valéria Cordeiro

**Coordenadora de Patrimônio Cultural
e Memória**

Cristina Holanda

**Coordenador de Conhecimento
e Formação**

Ernesto Gadelha

Equipe da Coordenadoria de Conhecimento e Formação

Bianca Silva Campello

Daniele Amaral Lima

José Ferreira Mota Neto

Maria Janete Venâncio Pinheiro

Nílbio Thé

Paula Gomes da Silveira

Raquel Santos Honório

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
e Instituto Br apresentam

INTELECTUAIS NO SERTÃO

O Club Romeiros do Porvir, a produção
e circulação de representações em torno
da intelectualidade, da cidade do Crato-CE,
e dos sertões (1900 - 1910)

Johnnys Jorge Gomes Alencar



**Coleção
de Saberes**
Arte Urgente



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

FICHA TÉCNICA

ARTE URGENTE

Direção e Coordenação Geral

Mardonio Barros / Paulo Victor Feitosa

Direção Administrativa

Ingrid Ferreira

Direção Executiva

Pedro Ortale

Coordenação Pedagógica

Francis Wilker

Produção Geral

Henrique Castro

Técnica de Pesquisa e Acompanhamento

Angelica Castro

Técnico para Tabulação de Dados

David Paulo

Financeiro

Fernanda Araújo e Yane Lima

Coordenação de Comunicação

Leo de Carvalho

Gestão de Mídias Sociais

Nerice Carioca

Design Gráfico de Redes Sociais

Faruk Segundo e Kathelyn Freitas

Design de Interface

Leo de Carvalho

Produção de Conteúdo

Grasielly Sousa

Streaming

Saimon Oliveira Barros

Gestão de Tecnologia

Techdiffer

EDITORA

QUITANDA SOLUÇÕES CRIATIVAS

Organização Editorial

Mardonio Barros / Paulo Victor Feitosa

Conselho Editorial

Alexandre Barbalho, Claudia Leitão, Ingrid Ferreira, Mardonio Barros, Nayana Misino, Paulo Feitosa, Pedro Ortale, Rachel Gadelha, Renato Abê, Vinicius Wu, Nilde Ferreira

FICHA EDITORIAL

COLEÇÃO DE SABERES

Curadoria

Alexandre Barbalho, Beatriz Furtado, Francis Wilker, Guilherme Marcondes, Roberto Marques, Thereza Rocha

Produção

Leo de Carvalho e Pedro Ortale

Projeto Gráfico

Faruk Segundo e Leo de Carvalho

Diagramação

Faruk Segundo e Lux Farr

Catálogoção

Gustavo Augusto-Vieira

A368i ALENCAR, Johnnys Jorge Gomes ; 1998 -

Intelectuais no Sertão: O Club Romeiros do Porvir, a produção e circulação de representações em torno da intelectualidade, da cidade do Crato-CE e dos sertões (1900-1910) / Johnnys Jorge Gomes Alencar - 1ª ed - Fortaleza: Quitanda Soluções Criativas, 2021.

3300 kb; PDF. (Coleção de Saberes)

ISBN 978-65-84558-02-1

1. Cariri cearense 2. Romeiros
I. Título

CDD: 700



MATRIZ

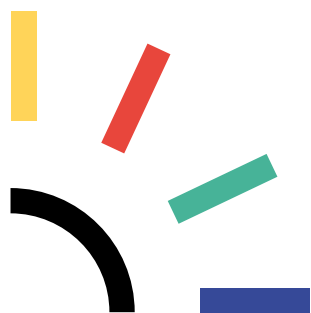
Av. Historiador Raimundo Girão, 366 - Praia de Iracema -
Fortaleza - CE - CEP 60060-570

FILIAL

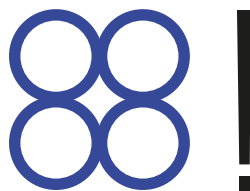
Av. Rio Branco, 115 - 19º e 20º - Centro - Rio de Janeiro -
RJ - CEP 20040-004

www.quitandasolucoescriativas.com.br
+55 (85) 3235.4063

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
e Instituto Br apresentam



**arte
urgente!**



**Coleção
de Saberes**

Arte Urgente

Realização



Labs.
Culturais

Prod. Executiva



Apoio Institucional



Apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual de Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 14.067, de 29 de junho de 2020.



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Sumário

Ecologia de Saberes	9
Conhecimento e formação como políticas culturais	13
Uma coleção de saberes urgente	15
Agradecimentos	18
Introdução	23
A cidade do Crato e o Club Romeiros do Porvir: espaços de produção intelectual	41
Do século XIX ao XX: a cidade do Crato e a emergência de novas práticas culturais	42
Manuel Soriano de Albuquerque e os espaços de produção intelectual em sua trajetória	57
Club Romeiros do Porvir: espaço de sociabilidades intelectuais no sertão	85
Os Romeiros do Porvir: A Liça, produção cultural e intelectual	105
A Liça: “jornal litterario e noticioso”	106
José Alves de Figueiredo: a mão do autor/redator e a escrita social	121

“O que dizem de nós?”	135
“Um passo mais agigantado no caminho do progresso”: a circulação de elementos “modernos” e “civilizados”	150
Crato, Cariri, Sertões: formas de ver, dizer e ser no sertão	171
O sertão, seus usos e representações: uma História dos Intelectuais no espaço sertanejo	172
Os usos do sertão na construção/manutenção da região do Cariri cearense	189
Fugindo dos “sertões com todo seu cortejo de horrores”: o sertão à luz dos Romeiros do Porvir	201
Considerações	216
Referências	224

Ecologia de saberes

Paulo Feitosa

Diretor Geral do Arte Urgente

Diretor da Quitanda Soluções Criativas

“Precisamos ser melhor formados para depois ficar bem informados. Essa é uma tarefa da universidade, para mim, assim como é para ti. É preciso que um tema como esse seja realmente discutido. Ensinar não é trazer para a escola um pacote de conhecimentos, às vezes desarticulados. Ensinar é produzir a possibilidade da produção do conhecimento por parte do aluno”, provocou o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. A educação superior, desde as origens, busca criar, transmitir e alastrar conhecimento — nas sociedades contemporâneas, a universidade ocupa estratégica posição socioeconômica. Os crescentes cortes de verbas para as instituições federais, no entanto, fragilizam o direito à educação pública: em valores atualizados, o orçamento do Ministério da Educação (MEC) para o ensino superior em 2010 seria hoje o equivalente a R\$ 7,1 bilhões. Neste ano, o repasse é de apenas R\$ 4,5 bilhões.

Com a pandemia de Covid-19, o negacionismo da ciência no Brasil alcançou proporções ainda mais alarmantes: minimização da gravidade da doença, boicote às medidas preventivas, subnotificação dos dados e tentativa de desacreditização da vacina. Diante deste cenário, o grande desafio é repensar o mundo — e a universidade é central na criação de outros possíveis. A Coleção de Saberes, ação do projeto Arte

Urgente, comprometeu-se em divulgar e valorizar pesquisas acadêmicas no campo da arte e da cultura no Ceará, como uma ponte entre estes trabalhos e um público diverso e interessado em aprender e aprofundar conhecimentos. A partir de uma chamada pública, a iniciativa selecionou pesquisas realizadas em todo o Estado e as disponibilizou em e-books com acesso gratuito.

A Coleção de Saberes elegeu 20 trabalhos originais e inéditos que costuram relevantes debates sobre arte e cultura no Ceará em suas múltiplas linguagens. Álvaro Renê Oliveira de Sousa escreve sobre as contribuições para um teatro negro de resistência; José Brito da Silva Filho aborda a experiência da Cia. Ortaet de Teatro no centro-sul cearense, entre percurso pedagógico e processos criativos; Manoel Moacir Rocha Farias Júnior investiga o gênero na cena performativa-política de Fortaleza; e Thaís Paz de Oliveira Moreira apresenta o Grupo Independente de Teatro Amador (GRITA).

Nas cartografias memorialistas desta Fortaleza em devir, Ethel de Paula Gouveia desbrava a vida esculpida com os pés do poeta Mário Gomes; Carlos Renato Araujo Freire pesquisa o engajamento cultural do historiador Nirez em prol do passado da Capital e da música popular brasileira; e Lais Cordeiro de Oliveira escreve sobre o Rei de Paus e a coprodução de personagens, objetos e lugares no maracatu. No audiovisual, a recepção de cinema no Cuca Barra do Ceará é objeto de interesse de Luciene Ribeiro de Sousa; e o cinema brasileiro contemporâneo como ato coengendrado na elaboração do morar avizinha-se nas palavras de Érico Oliveira de Araújo Lima.

Adentrando o Ceará Profundo, Izaura Lila Lima Ribeiro resgata memórias brincantes a partir do corpo e da poética do Maneiro Pau do Mestre Cirilo no Crato; e Johnnys Jorge

Gomes Alencar debruça-se sobre a agremiação literária cratense Club Romeiros do Porvir. É também no Cratim de Açúcar que a investigação de Larissa Rachel Gomes Silva sobre bonecas e memórias femininas no processo de poíesis se concentra. O patrimônio e cultura material canavieira do Cariri nos anos 1930 a 1970 é recorte do artigo de Naudiney de Castro Gonçalves; e Yasmine Moraes Alves de Lacerda analisa o universo cultural caririense ancestralmente negro a partir das narrativas fotográficas dos Orixás. Já em Baturité, José Wilton Soares De Brito Souza desenvolve um estudo antropológico sobre a memória e os espaços com ouvidos atentos aos contos e causos de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Onde tudo que é bonito é absurdo, Ridimuim borda um arquivo radical, impermanente, desorientador, ameaçador, premonitório e infinito do sertão.

O papel da coleção Arthur Ramos nos itinerários do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará é objeto de pesquisa de Maria Josiane Vieira. Ainda nos meandros educacionais, Marise Léo Pestana da Silva questiona como a educação somática possibilita o gesto dançado e quais os aportes para a criação em dança contemporânea. A pedagogia e política na experiência do corpo também instigam Renata Kely da Silva, que estuda memória como território metodológico. Em um texto-corpo-pensamento, por fim, Noá Araújo Prado nos apresenta escritos de uma Guerra Planetária ao encarar de modo radical o não-distanciamento do seu corpo de pesquisadora.

Essa pluralidade de conhecimentos heterogêneos que se entrelaçam é nomeada pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos como “ecologia de saberes”. Nos feitiços subterrâneos das vidas, severinas e de viés, os saberes correm

velozes feito sangue nas veias e atravessam gerações. Dos profetas das chuvas aos seminários nas salas de aula, cultura é tudo aquilo que construímos entre todos. “Volto a dizer que a universidade não tem de salvar-nos, não se trata de salvar ninguém, digamos mesmo que a universidade tem de assumir a sua responsabilidade na formação do indivíduo, e tem de ir além da pessoa, porque não se trata apenas de formar um bom informático ou um bom médico, ou um bom engenheiro, a universidade, além de bons profissionais, deveria lançar bons cidadãos. Creio que universidade pode, creio que vós podeis”, apostou o escritor português José Saramago (1922-2010) em conferência realizada na Universidad Complutense de Madrid no ano de 2005.

As autoras e os autores publicados na Coleção de Saberes receberam pagamento pela pesquisa, medida de estímulo, reconhecimento e respeito ao trabalho intelectual. Pensando em uma maior acessibilidade dessas pesquisas, os e-books possuem ainda um versão em audiobooks.

Conhecimento e formação como políticas culturais

Fabiano dos Santos Piúba

Secretário da Cultura do Estado do Ceará

Doutor em Educação (UFC), mestre em História (PUC-SP)

A Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE) realizou no âmbito da Lei Aldir Blanc, um conjunto de editais que se conectam com seu Plano de Gestão 2019 - 2022, denominado “Ceará, estado da cultura”. Dessa maneira, realizamos nossas ações de acordo com os eixos das políticas e dos programas estabelecidos no Plano Plurianual – PPA e do Plano Estadual da Cultura, instituído pela lei 16.026/2016, sancionada pelo governador Camilo Santana. Dentre os eixos de atuação e programas, destaca-se a “Promoção e Desenvolvimento da Política de Conhecimento e Formação”.

A agenda de formação e conhecimento ganha relevo na Secult a partir de 2016, obtendo status de programa orçamentário e se transformando em eixo das políticas culturais, além de uma Coordenadoria própria na estrutura da Secretaria. Foi assim que lançamos o “Edital de Chamamento Público para Programa de Formação e Qualificação para o Setor Artístico/Criativo do Ceará”, visando à manutenção e o fortalecimento da economia da cultura e das expressões artísticas em nosso estado.

O próprio edital estabelecia um roteiro para apresentação das propostas, considerando a clareza de seus objetivos em desenvolver um programa de formação e qualificação da

cadeia produtiva da cultura, promovendo a qualificação artística e técnica, possibilitando a geração de renda, desenvolvimento pessoal e profissional, com ênfase no empreendedorismo dos setores criativos e produtivos por meio não só de projetos, mas também de planos de negócios e de marketing, bem como de planejamento estratégico para gestão administrativa, jurídica e financeira. Noutras palavras, tínhamos em mente a necessidade da qualificação dos projetos, mas também de sua gestão e resultados. Além desses objetivos específicos, destacamos a promoção e difusão do conhecimento científico e acadêmico, considerando que formação e conhecimento são agendas indissociáveis.

O edital teve como instituição selecionada o Instituto BR Arte que apresentou um projeto de excelência para os objetivos estabelecidos pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Os Ateliês de Criação com formação artística e técnica, as Janelas Formativas com 100 cursos livres, a Agência de Futuros com suporte técnico e de gestão de projetos e a bela proposta da Coleção Saberes com a seleção e publicação de 20 pesquisas inéditas foram linhas de ações do projeto “Arte Urgente: a cultura como farol do Ceará”.

A “Coleção de Saberes” reúne um conjunto de títulos extremamente relevantes para a pesquisa e produção do conhecimento acerca do fazer artístico, do patrimônio cultural e da memória, da diversidade e da cidadania cultural no Ceará e no Brasil. São vinte obras selecionadas que não deixam de expressar o caráter de urgência, de emergência, mas também de resistência, componentes próprios das artes e da cultura como criação, reflexão, pensamento, posicionamento e reinvenção de vidas e de mundos.

Uma coleção de saberes urgente

Alexandre Barbalho

*Professor dos PPGs em Sociologia e em
Políticas Públicas da UECE*

*Líder do Grupo de Pesquisa em
Políticas de Cultura e de Comunicação – Cult.Com*

A cultura é o lugar da norma e da regra. A vasta tradição de pesquisas e elaborações teóricas das ciências humanas e da filosofia fundamenta tal afirmação. Contudo, é esse mesmo estabelecido corpus de conhecimento que informa como a cultura também é o lugar da crítica e do desregramento.

Esse formato bifronte da cultura, essa sua tensão constituinte, impõe uma lógica processual e múltipla que resulta nas diferenças diacrônicas e sincrônicas entre os mais variados tipos de agrupamentos humanos. Tal tensão pode receber diversas leituras. Para um pensamento conservador, por exemplo, quando a cultura afirma a coesão ela se denomina de civilização. Quando, ao contrário, ela dá vazão à contestação, se manifesta como barbárie.

Podemos entender essa tensão também como uma relação agonística, uma disputa cujo sentido final é adiado infinitamente. Contudo, parece que nesse jogo, o adversário que está há bastante tempo em situação de defesa, quase acuado e pedindo desculpas por ainda permanecer na disputa, é a cultura como exercício crítico. “A cultura é a regra”, afirmou Jean-Luc Godard em seu filme *Je vous salue, Sarajevo*. Ou

tempos mais atrás, quando visitava o Brasil nos anos 1980, Félix Guattari, em debate com o movimento negro na Bahia, dizia que a cultura era um “conceito reacionário”.

Trazer essas duas colocações deslocadas de seu contexto discursivo tem o intuito de provocar o leitor e possibilita destacar a importância da “Coleção de Saberes” inserida no projeto de sugestivo nome: “Arte Urgente”.

Reunindo um conjunto de pesquisas que foram originalmente dissertações ou teses acadêmicas, em diversas disciplinas, a coleção amplia o pensamento crítico e não normativo sobre a cultura feita no ou sobre o Ceará. São vinte títulos que refletem o estado a partir de uma perspectiva ampla, nada provinciana, no sentido pejorativo da palavra, de visão tacanha, mesmo quando toca em assuntos profundamente provincianos, no bom sentido da palavra, das coisas que nos afetam.

Trata-se portanto de uma **coleção de saberes urgentes para os tempos que correm.**

Agradecimentos

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade
[Raul Seixas, 1974]*

Este trabalho é fruto de muitos apoios, afetos, caminhos e colaborações, somente se tornou realidade porque foi sonhado por muitos que estiveram comigo. Para essas pessoas, devo sinceros agradecimentos, em alguns casos, também, desculpas, pelas ausências e angústias. Com o resultado em mãos, sinto que o dever foi cumprido e embora possam ser encontradas algumas falhas (ao qual me responsabilizo por todas) certamente seriam em número muito maior sem as contribuições de todos aqui citados. Vocês me ajudaram a conseguir alcançar os resultados da presente pesquisa, agora resta agradecê-los.

À queridíssima Paula Rejane Fernandes, orientadora no curso de mestrado, amiga e professora, foi, desde o primeiro contato, uma fonte de generosidade. Minha gratidão por todo apoio, orientações, conversas, caronas, empréstimos de livros, etc... jamais poderá ser expressada em um, dois ou centenas de parágrafos, sua ajuda/amizade é inenarrável. Obrigado, sobretudo, por ter me ensinado na prática como ser “gente boa”. Das reuniões, sempre iniciadas e encerradas com os desabafos e os “causos” cotidianos, até os momentos mais formais, sempre fui acolhido com as palavras “fique bem!”, confortantes e abrasadoras, como sempre foram proferidas.

Aos meus pais, Cícera Gomes (Cicinha) e Jorge Gonçalves (Idim), pelo apoio, torcida e empenho. Mesmo sendo agricultores e morando na zona rural de uma pequena cidade do interior do Ceará (Sítio São Romão, Altaneira), nunca pouparam esforços para alimentar o meu sonho de ser historiador e cursar pós-graduação. Agradeço também ao meu irmão Luan (amigo insubstituível) e as minhas irmãs Josyanne (parceira nas discussões acadêmicas e na vida) e Joyce (meiga, inteligente e bem humorada), pois sempre estiveram torcendo pelo meu sucesso e ajudando no que fosse possível. Com vocês as situações do dia-a-dia têm muito mais humor e amor. Obrigado por existirem e tornar esses percursos muito mais prazerosos.

Aos professores do curso de História da URCA que acreditaram em mim e nos trabalhos que me propus a realizar, em especial, Darlan Reis Jr. e Ana Isabel Cortez Reis, com quem aprendi o manejo de documentos históricos, processos de pesquisa e o interesse por estudar os sertões. À Ana Isabel, orientadora durante a graduação, agradeço também as perguntas e orientações que me ajudaram a definir o objeto da monografia e a produção do projeto de mestrado. Suas contribuições sempre foram pontuais e muito valiosas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História dos Sertões, Lourival Andrade, Helder Macedo, Joel Andrade e Evandro Santos, pelas discussões e leituras que muito me ensinaram sobre sertões, História e pesquisas. Agradeço igualmente a professora Juçara Luzia Leite, que juntamente com o professor Evandro Santos, participou da minha banca de qualificação. Ambos realizaram observações importantes com relação ao texto e ao percurso, diretrizes fundamentais para a construção desta pesquisa.

Aos colegas de turma, em especial, Filipe Viana, Ledson Marcos e Marcelino Gomes, por conversarmos cotidianamente sobre os percursos e as angústias.

Aos amigos e amigas que Caicó e a Casa do Estudante (CEC) me concederam com tanto carinho, a saber, Leandro Gomes, Thiago Douglas, Félix, Alicia Lira, Letícia, Joalison, Lindoaldo Campos (o poeta egipsiense que me apresentou a boêmia em Caicó) e Dikson Almeida (um “irmão” da história que “topa tudo”).

Aos amigos e amigas de longas datas, em especial, Hugo Eduardo, Felipe Silva, Cássio Expedito, Valdir Estrela, Rosy Laurentino, Gabriel Léccas e Wilton Santos, com quem conversei sobre a pesquisa (sempre que possível) e que me encorajaram a seguir.

À Francisco Roserlândio, sempre muito prestativo, pela disponibilidade dos acervos do DHDPG e de sua biblioteca pessoal.

À Aristides Arruda, pela ajuda com os trabalhos técnicos de digitalização, empréstimos de livros/revistas e pela eterna prática de “falicitação”.

À Heitor Feitosa Macedo, por ter sempre se colocado à disposição e por ter aberto as portas do ICC para esta pesquisa, de forma que se tornou amigo pessoal.

À José Flávio Vieira pelo empréstimo de livros esgotados, pelo acesso à jornais do ICC e pela ótima recepção, em seu consultório, quando lhe procurei com tais demandas.

Aos que me recepcionaram no Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), na Biblioteca Menezes Pimentel (BMGMP) e no Instituto Cultural do Cariri (ICC).

À Thor e Bruce (cães de estimação) que passaram longos dias na minha companhia enquanto eu redigia este texto. Na maioria das vezes, um sentado de cada lado da escrivaninha, pareciam entender a seriedade de tal atividade.

À Mariana, minha companheira, para quem devo mais desculpas (pelas ausências, por quase um ano que fiquei fora de casa, pelas angústias) do que agradecimentos, e tenho muito a agradecer. Agradeço por ter compreendido todos os detalhes desse processo, por ter me ajudado, me incentivado, ou simplesmente me amado. Agradeço ainda pelos momentos em que ficar contigo era motivo de descanso, sossego e inspiração.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa, quando a desenvolvi em nível de mestrado.

*Sertão é isto: o senhor empurra para trás,
mas de repente ele volta a rodear o senhor dos
lados. Sertão é quando menos se espera; digo.
(Guimarães Rosa).*



Introdução



O povo cratense não descarta do seu progresso.^[1]

O enunciado acima transcrito somente pode ser entendido se levarmos em consideração que o mesmo ajudou a construir uma série de representações acerca das ideias de progresso e de intelectualidade, elaboradas em torno de uma região (o Cariri cearense^[2]), de uma cidade (Crato) e de seus habitantes (intelectuais irmanados com o progresso), com o desejo de os classificarem como “distintos”, ao convocarem tais identidades.

Ao longo deste trabalho, buscamos analisar como o Club Romeiros do Povir, a partir das ações do grupo e dos seus membros, produziu e circulou representações, das quais, atribuiu aos integrantes do grêmio a posição de intelectuais e à cidade do Crato o lugar de urbe moderna, civilizada e “futura”, inclusive, criando oposições entre esta e o sertão, visto como o “outro”, atrasado, incivilizado e estéril. Elegemos para tais análises representações lançadas pelos intelectuais ligados ao Club Romeiros do Povir, veiculadas nos anos iniciais do século XX, na cidade do Crato, pois, compreendemos as ações estabelecidas nesse recorte como responsáveis pela perpetuação dos elementos identitários elaborados nos oitocentos àqueles que viriam a ser consolidados no centuário seguinte. Destacamos, ainda, que

| 1 | GRATOS, **A Liça**, Crato, número 02, p. 1. As fontes usadas neste trabalho foram transcritas da forma em que são encontradas no original. Foram preservadas as grafias e pontuações.

| 2 | Duas são as regiões situadas no Nordeste brasileiro designadas por Cariri, uma localizada ao centro do estado da Paraíba e outra no sul cearense. Durante algum tempo, o Cariri paraibano foi referido como “Cariris Velhos” e o cearense como “Cariris Novos”, ou “Cariri Novo”. Essa nomenclatura fazia referência aos processos de colonização desses espaços, em que ocorreu primeiro na região paraibana.

as noções e representações produzidas e veiculadas em torno do conceito, e da espacialidade, “sertão” foram determinantes para a compreensão desse conjunto de enunciados, aqui investigados.

O Club Romeiros do Porvir foi uma agremiação literária organizada na cidade do Crato a partir de interesses artísticos, culturais e literários no ano de 1900. Em torno desse grupo se reuniram intelectuais responsáveis, em grande medida, por veicular e produzir as representações consolidadas ao longo do século XX sobre e naquela cidade^[3]. Nesse caso, o marco temporal inicial do recorte da pesquisa é justificado pela fundação do grupo, por Manuel Soriano de Albuquerque^[4], no ano de 1900. A agremiação manteve suas atividades, pelos menos, até o ano de 1907, onde encontramos recorrências de suas ações em jornais publicados na cidade cratense. Destacamos, portanto, uma imprecisão quanto a sua data de extinção. Justificamos a extensão do recorte até o ano de 1910, ao entendermos que as atividades intelectuais dos remanescentes daquele grêmio foram importantes para compreensão da atuação cultural, política e artística, no sul cearense, mesmo depois da dissolução do grupo. Por exemplo, a atuação de José Alves de Figueiredo^[5], no jornal *Correio do Cariry*, contra o movimento de independência do povoado de Juazeiro, protagonizada no início da década de 1910. Ainda destacamos que, foi necessário recuarmos ao século XIX, em alguns momentos específicos deste trabalho, para situarmos as representações e experiências, colocadas em circulação início do século XX, nas historicidades e relações sociais em que foram forjadas.

Atualmente, os municípios que formam a mesorregião sul cearense, entendida por Cariri, segundo dados do IPECE-CE e seguindo a divisão operada pelo IBGE, são: Abaiara, Altaneira, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririáçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jati, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteirinhas, Potengi, Salitre e Santana do Cariri. Cf: <ipece.ce.gov.br>. Acesso em: 10/05/2020. Vale destacar, portanto, que as distribuições territoriais não são fixas e as formas dessas regionalizações, acrescentando ainda a organização desse espaço em microrregiões, são diferenciadas, inclusive, quando utilizadas por

Para compreendermos como os intelectuais estudados por nós se apropriaram de elementos culturais, históricos, políticos e sociais, utilizados nas representações criadas em torno de si, da região do Cariri e da cidade do Crato, partimos de diálogos entre a História Intelectual, História Cultural e História dos Sertões. Denominamos esses diálogos entre os campos citados, ainda que de forma ensaística, de História dos Intelectuais nos Sertões, surgiu como um conjunto de possibilidades teórico-metodológicas para pensar um objeto, mais que simplesmente a escrita da História sobre um recorte entendido como sertão, ou por pensar elementos ditos sertanejos. Preocupamos-nos, sobretudo, em questionar como os intelectuais criaram representações em torno da cidade do Crato (lugar do progresso), do grupo (âmbito intelectual) e circularam no sertão do Cariri cearense.

Trabalhamos com a História Intelectual por acreditarmos na necessidade de apontar para algumas definições do conceito de intelectual. Compreendemos por intelectuais, a partir de Jean-François Sirinelli, como sendo os sujeitos criadores e/ou mediadores socioculturais, assim como, os atores sociais que assumem pontos de intervenções e destaque nos espaços no qual se encontram inseridos^[6]. Mesmo quando Sirinelli nos oferece aparatos para construir essas definições apresenta as dificuldades de limitar o sentido desse conceito. As duas concepções citadas estão entrelaçadas, existe uma tênue relação, por comporem subsídios socioculturais e por compartilharem de elementos comuns na sua legitimação. Ao partir dessas definições, acima mencionadas, analisamos as

algumas secretarias do próprio governo do Ceará e outras instituições.

| 3 | Cf. CORTEZ, Antonia Ottonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000; VIANA, José Ítalo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato**: memória, escrita da história e representações da cidade. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, 2011.

| 4 | Soriano de Albuquerque (Água Preta-PE, 8 de janeiro de 1877 – Fortaleza-CE, 5 de setembro de

práticas de criação e mediação cultural dos integrantes do Club Romeiros do Povir ao formularem e/ou colocarem representações em circulação.

A edição de um jornal, a criação de uma biblioteca pública, as exposições cinematográficas, a escrita e encenação de peças teatrais, garantiram aos Romeiros do Porvir relevância na construção de identidades culturais dos indivíduos da cidade do Crato. No entanto, nem todos os membros do grupo, envolvidos nessas atividades, passaram a ser identificados pela categoria de intelectual, que esteve mais associada à escrita (literária e jornalística), nesse recorte. No entanto, entendemos que a figura do bibliotecário (João de Lima e Silva), do diretor da companhia teatral (Joaquim Tavares Campos), do responsável pelas exposições cinematográficas (Luiz Gonzaga – Gonzaguinha), foram atividades tão importantes quanto a prática escrita, na construção e circulação das representações por nós analisadas ao longo desta pesquisa.

Para entendermos como esses intelectuais se organizaram em torno de uma agremiação cultural, literária e artística, e construíram suas relações de forma a legitimar suas ações, foi necessário compreendermos as redes de sociabilidades por eles estabelecidas. As relações entre os intelectuais e a própria organização familiar em que esses sujeitos estavam inseridos, por exemplo, devem ser levados em conta como elemento da constituição das ações escritas na vida social. Por esse motivo, nos apropriamos dos estudos de Pierre Bourdieu e compreendemos que as noções de campo e *habitus* são importantes conceitos para a operacionalização deste trabalho¹⁷¹. A noção de campo, tal como trabalhada por Bourdieu,

1914). Bacharel pela faculdade de Direito de Recife, em 1899; foi para Crato-CE em 1900 como juiz substituto. Na cidade do Crato, fundou o colégio Leão XIII, foi redator do jornal *A Cidade do Crato* e um dos fundadores do Club Romeiros do Porvir. Para mais informações sobre Soriano de Albuquerque e sua atuação: conferir o capítulo 1 deste trabalho.

| 5 | José Alves de Figueiredo (Crato-CE, 28 de abril de 1878 – Crato-CE, 25 de fevereiro de 1961) ficou conhecido por Zuza da Botica. Foi farmacêutico, jornalista, poeta e escritor. Foi membro, na cidade do Crato, do Club Romeiros do Porvir. Participou da redação de alguns jornais que circularam na cidade do Crato, como o jornal *A Liça e Correio*

nos ajudou a entender como o Club Romeiros do Porvir se estruturou na cidade do Crato, um verdadeiro microcosmo independente, nos quais agentes sociais buscavam se posicionar naquele espaço ao lançar mão de seus capitais culturais, sociais e econômicos. O *habitus*, também nos ajudou a entender o comportamento e as práticas dos sujeitos dentro do campo. Essas categorias foram convocadas para esta discussão por nos ajudar a manusear o conceito de representação, noção chave nesta leitura, como veremos adiante.

O conceito de campo nos auxiliou a compreender como as representações de progresso, intelectualidade e sertões, veiculadas pelo grupo literário, por exemplo, não estavam desassociadas dos lugares sociais em que os intelectuais se organizaram e atuaram. Foi possível, desse modo, mapear interesses sociais e relações de poder a partir desses enunciados, visto que esse microcosmo (campo) criou condições para a formulação e mediação de tais representações. O *habitus*, conceito responsável por nossa compreensão da forma com que os intelectuais se movimentaram no campo, nos ajudou a compreender a trajetória de Soriano de Albuquerque, por exemplo. Intelectual que já havia vivenciado as práticas internas do campo intelectual em Recife, nos anos finais do século XIX, teve sua inserção e aceitação no meio intelectual na cidade do Crato de forma menos desafiadora, pois, as formas como esse espaço se organizava, principalmente a partir do saber, era inteligível à luz de sua experiência e trajetória.

Ainda em diálogo com o pensamento de Bourdieu, compreendemos os julgamentos estabelecidos pelos membros grupo na tentativa de se apresentarem

do Cariri. Para mais informações sobre José Alves de Figueiredo e sua atuação: conferir o capítulo 2 deste trabalho.

| 6 | SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 231-269.

| 7 | BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Itinerário de um conceito. s/l: Moniteur, 2002.

enquanto diferentes, como “moços distintos”. O gosto pelas letras e pelas artes, assim como os rituais de consumo, organizados através da agremiação, colocavam os membros dos Romeiros do Porvir como reguladores das formas de apropriação cultural, naquele contexto. Vale destacar que, nem todas as formas de apropriações das artes e das letras são reconhecidas como legítimas em dado momento^[8]. Os intelectuais do Club Romeiros do Porvir, dessa maneira, ofereceram formas de circulação e apropriação das letras e artes que atribuíam ao grupo à condição de fazer circular uma arte legítima, assim como, instrumentalizar as formas de apropriação.

Como pudemos perceber, o trabalho realizado no campo da História Intelectual se desenvolve dentro dos espaços historiográficos. Ainda que esteja no limite, chega a cruzar essas fronteiras e mistura-se com outras disciplinas. Para Carlos Altamirano, propor definições do termo História Intelectual, assim como para o próprio conceito de intelectual^[9], é entrar em dificuldade, como já havia advertido Roger Chartier no início da década de 1980^[10]. As dificuldades apontadas por Chartier levavam em conta, principalmente, que a História Intelectual era um campo de estudos, mas que suas próprias definições, que apontavam para a mesma como disciplina ou subdisciplina, impediam consensos na forma de se trabalhar com tal concepção.

Para estudar o Club Romeiros do Porvir, suas práticas de mediação cultural e as representações colocadas em circulação, também estabelecemos diálogos com a História Cultural, principalmente, a partir

| 8 | BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

| 9 | Embora tenhamos conhecimento das dificuldades de definição do termo “intelectual”, assinalados pela própria historiografia, trabalhamos com tal conceito a partir dos estudos de Jean-François Siri-nelli (1996), pois, entendemos que suas concepções são satisfatórias na operacionalização desta pesquisa e dos sujeitos por nós trabalhados.

| 10 | CHARTIER, Roger. *Intellectual History or Socio-cultural History*. In: LACAPRA, Dominick; KAPLAN, Steven. **Modern Euro-pean Intellectual History**. Ithaca, Cornell University

dos estudos de Roger Chartier e do seu esquema conceitual: representação, circulação e prática cultural^[11]. As formas com que os Romeiros do Porvir se apropriaram das artes, da condição de letrados e da própria cidade do Crato, enquanto espaço distinto (especificidades econômicas, culturais e naturais), foram estabelecidas, na sua maioria, pela prática escrita, responsáveis por lançar representações pelos meios de circulação utilizados na mediação das mesmas, principalmente, os jornais.

Entendemos, ainda segundo o mesmo autor, que a História Cultural foi apresentada em relação próxima com a dimensão da História Social e Política, por entendermos que os grupos sociais se relacionam de forma distinta com a cultura. Nesse caso, o conceito de representação foi operacionalizado ao compreendermos enquanto uma prática cultural, estruturada nas relações sócio-políticas e como fruto de tensões, sensibilidades e conflitos. Esse conceito, tal como trabalhado por Roger Chartier, ainda nos ajudou a entender como os membros da corporação intelectual, organizada na cidade do Crato, se perceberam e entenderam os lugares em que estiveram inseridos^[12].

A instituição de um grupo de intelectuais, como os Romeiros do Porvir, faz sentido quando entendemos que estes se organizaram em torno de uma sensibilidade ideológica e cultural comum, levavam em conta afinidades que fundiam uma vontade e um gosto de conviver, formaram estruturas de sociabilidades juntamente com aspectos do mundo “afetivo” e “ideológico”^[13]. Essas afinidades e sensibilidades ideológicas se estruturaram em

Press, 1982, Apud, ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de Historia Intelectual y otros ensayos**. 1º Ed. Buenos Aires: Siglo XXI editores Argentina, 2005.

| 11 | CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990; CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

| 12 | CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

| 13 | SIRINELLI, *op. cit.*, p. 248.

torno de projetos civilizatórios e de “futuro” para a cidade do Crato e região do Cariri, identificadas a partir dos textos veiculados em torno do jornal *A Liça*, órgão do Club, e das ações realizadas pelo grupo, mapeadas nas atas das reuniões. Os vestígios das reuniões da agremiação são importantes nessas análises por se tratar do espaço onde projetos coletivos, a serem realizados pelos membros da agremiação, estiveram em discussão. Partilharam, desta maneira, de uma comunidade interpretativa, noção trabalhada a partir de Roger Chartier, pois, além de elementos comuns para se estruturarem, compartilharam de referenciais que permitiram construir e circular representações em torno dos mesmos interesses, expressos na própria organização do grupo e na edição do jornal *A Liça* como meio de divulgação^[14]. Participar do Club Romeiros do Povir, nesse caso, era fazer parte de uma comunidade interpretativa que elaborou e circulou representações em torno do moderno, da civilização, do sertão no Cariri cearense, da intelectualidade e do Crato, enquanto uma cidade que deveria se desenvolver em um futuro próximo.

Ao estabelecer os problemas da pesquisa e os indícios (documentos) consultados iniciamos os percursos metodológicos deste trabalho. Trata-se, então, de perguntas realizadas e fontes selecionadas a partir de concepções teóricas que são próprias do nosso tempo. Os *Annales*, por exemplo, principalmente a partir da década de 1970, propuseram à História, se valendo da interdisciplinaridade, novos objetos, novos problemas e novas abordagens^[15].

| 14 | CHARTIER, 2002.

| 15 | Esse marco se deve a publicação da coletânea “História - novos objetos, problemas e abordagens”, que foi organizada na França, por Jaques Le Goff e Pierre Nora (1974).

Estabelecemos relações com os documentos para nomearmos e apreendermos os mesmos enquanto fontes para a pesquisa. Entendemos as mesmas enquanto “uma construção permanente” e devemos reconhecer as próprias historicidades que estavam em torno da construção da pesquisa^{|16|}.

Utilizamos um corpus documental formado, majoritariamente, por um conjunto hemerográfico. Trata-se, portanto, de jornais que foram editados, impressos e circulados na cidade do Crato na primeira década do século XX. São eles: *A Liça* (1903); *Cidade do Crato* (1902-1904), *Correio do Cariry* (1905-1911) e *Sul do Ceará* (1905-1906).

Compreendemos as fontes hemerográficas enquanto documentos periódicos, como jornais e revistas, que foram capazes de elaborar, discutir e articular projetos de futuro^{|17|}. Essa tipologia de fonte nos interessa por possibilitar leituras do cotidiano e por nos colocarmos em contato com as concepções de tempo histórico^{|18|} difundidas nos recortes em estudo. Foram a partir de experiências do tempo que entendemos as próprias representações de progresso, por exemplo, veiculadas pelos intelectuais aqui estudados.

O jornal *A Liça*, órgão do Club Romeiros do Porvir fundado no ano de 1903, nos ajudou a pensar como aquela agremiação se organizou em torno de alguns intelectuais e como as suas atuações ocorreram naquele período. Nas edições do jornal *A Liça* também foram transcritas atas das reuniões da agremiação, fonte de fundamental importância para entendermos a organização e dinâmica do grupo.

| 16 | KAR-NAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p.12.

| 17 | LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 120.

| 18 | A partir de Reinhart Koselleck, o tempo histórico pode ser entendido como o conflito entre as dimensões de um passado-atual e de um futuro-atual. Ou, as relações entre um Espaço de Experiência e um Horizonte de Expectativa. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos.

Para o acesso de tal periódico visitamos a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (BPGMP), localizada na cidade de Fortaleza-CE, na qual se encontram 12 números catalogados e disponíveis para pesquisa, tendo como suporte para acesso, microfilmes. As publicações desse hebdomadário nos interessam, também, por entendermos o mesmo enquanto elemento histórico e lido por nós como objeto de análise.

Rio de Janeiro:
Contraponto: Ed.
PUC – Rio, 2006.

Tivemos acesso aos jornais *Cidade do Crato* (1901-1904), *Sul do Ceará* (1905-1906) e *Correio do Cariry* (1905-1911) no Instituto Cultural do Cariri (ICC), sediado na cidade do Crato-CE. Os jornais não se encontram catalogados. Necessitamos fazer triagem das edições existentes no acervo e posteriormente realizar a transcrição do material, para garantir acesso permanente. Em torno desses jornais se organizaram um grande número de intelectuais e políticos, inclusive alguns membros do grêmio literário aqui estudado, que publicaram os projetos que estavam sendo discutidos e implantados naquela parcela dos sertões. Dessa forma, realizamos análises que levaram em conta as redes de sociabilidades e os discursos em torno dos elementos do moderno.

Tratamos de apresentar os documentos utilizados nessa pesquisa a partir dos ambientes em que eles estão disponíveis para acesso. Pois, os percursos do pesquisador no campo, nos institutos, centros de documentações e arquivos são etapas indispensáveis para a produção de um trabalho.

Percebemos que o trabalho com a imprensa periódica pode ser melhor entendido quando apontamos trabalhos que já utilizaram essas fontes em pesquisas. Robert Darnton, estudioso do papel da imprensa na França durante a Revolução Francesa, nos apresentou que os jornais e revistas podem desempenhar funções ativas nos rumos, nos costumes e nas decisões das sociedades, portanto, devemos observar sua inserção histórica^[19]. Os trabalhos desenvolvidos por Maurice Moiulloud, com os jornais cotidianos franceses, também merecem destaque, pois nos ajudam a pensar como o trabalho com a imprensa periódica é rica em elementos de forma e conteúdo, não são realidades dadas, nem inocentes e devem ser lidas levando em conta os dispositivos que estão dispostos naquele tipo de texto^[20].

O trabalho realizado por Heloisa de Faria Cruz trata de examinar as fontes periódicas em São Paulo da transição do século XIX para o século XX. Nesse caso, em específico, a autora chama atenção para o trabalho com essa tipologia de fonte, inclusive, no que diz respeito à própria periodicidade que são editados esses documentos. O fato de um jornal sair no domingo ao invés da segunda-feira revela questões socioculturais que devem ser entendidas em suas complexidades sociais^[21]. Destacamos ainda, o trabalho realizado por Paula Rejane Fernandes, essa autora pensou as relações elaboradas entre o jornal *O Mossoroense* e a construção de uma identidade moderna para a cidade de Mossoró-RN^[22]. Para isso, a autora ainda discutiu questões que são caras a este trabalho, ao elenc

| 19 | DARN-TON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Imprensa:** A imprensa na França, 1775-1800. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

| 20 | PORTO, Sérgio Dayrell; MOUILLAUD, Maurice. **O Jornal:** da forma ao sentido. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

| 21 | CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta:** periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

| 22 | FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró:** uma cidade impressa nas páginas de *O Mossoroense* (1872-1930). Dissertação (Mestrado

discussões que foram eminentemente pensadas a partir da forma e dos conteúdos, também discutidas no presente trabalho.

O contato inicial com as fontes hemerográficas se deu, em grande parte, a partir da experiência enquanto bolsista do projeto de iniciação científica intitulado de **Terra, trabalho e natureza nas páginas do jornal *A Voz da Religião no Cariri* (1868-1870)**^[23]. A fonte de primeira mão, utilizada para responder os objetivos da pesquisa, foi o jornal *A voz da Religião no Cariri*, periódico que foi lido enquanto fonte e objeto, ao levarmos em conta as problematizações propostas no trabalho. Foi a partir dessa pesquisa onde as primeiras inquietações para a elaboração deste trabalho apareceram.

Dialogamos com os estudos de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas quando entendemos ser fundamental, ao analisarmos as fontes, a relação entre o texto e o contexto. Devemos buscar os nexos entre as ideias que estão inseridas nos discursos, levando em conta as determinações extratextuais que presidem as produções, a circulação e o consumo dos mesmos^[24]. Ainda, realizamos um trabalho de triagem e transcrição de trechos desses documentos. Compilamos, assim, noções e conceitos que são recorrentes ao longo dos textos, de forma que, possamos analisar como um conjunto de textos se relacionam a partir de um campo semântico em comum.

O entrecruzamento dos dados empíricos e do suporte teórico, relacionados a partir dos estudos sobre o tema, foi o principal recurso metodológico

em História), Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2009.

| 23 | Pesquisa desenvolvida sob a orientação da Professora Dr. Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis. Para conferir parte da produção dessa pesquisa conferir: ALENCAR, Johnnys J. G.; REIS, Ana Isabel R. P. C. . **Controle Social e Trabalho**: a ordem do trabalho na ação missionária do Padre Ibiapina no Cariri cearense (1868-1870). In: XII SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC HISTÓRIA E HISTÓRIAS: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, 2016, Quixadá. Edição 2016, 2016.

| 24 | CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. História

que utilizamos para a elaboração deste trabalho. Situada nas fronteiras e cruzamentos das dimensões teórico-metodológicas da História Cultural, História Social e História Política^[25], por entendermos que as representações (criadas e circuladas) são disputadas politicamente por camadas que se distinguem socialmente e acessam de maneira distintas as espacialidades vivenciadas, a História Intelectual nos serviu de base teórica para pensarmos, ainda que de forma ensaística, uma História dos Intelectual nos Sertões.

Nomeamos de História dos Intelectual nos Sertões um campo que se delimita desde os sertões, seja pelas investigações das práticas de representar as realidades sertanejas, as atuações de mediação cultural em espaços sertanejos, a investigação da trajetória de intelectuais sertanejos ou mesmo a produção historiográfica sobre e/ou nos sertões. No caso do Club Romeiros do Porvir, grupo de intelectuais em estudo e objeto que serviu de base para delimitar alguns aspectos epistemológicos na investigação, foi trabalhado dentro dos pressupostos apontados. Trata-se de uma agremiação de intelectuais que se organizou enquanto grupo em um espaço sertanejo; criou representações dessa espacialidade com finalidades políticas acessadas por uma elite local; e, os seus integrantes foram criadores e mediadores culturais nessas espacialidades.

Construímos essa pesquisa enquanto atividade constante, levando em conta que os estágios em que ela se encontrou, ao longo de sua execução, eram pontos provisórios, pois, a cada novo resultado e a cada nova pergunta que nos aparecia o trabalho enveredava por caminhos que a própria atividade empírica

e Análise de Textos. In: CAR-DOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 378.

| 25 | SIRINELLI, *op. cit.*

nos encarregou de conduzir. Levando em consideração o próprio percurso da pesquisa, o problema histórico que nos propormos responder compreende pensar *como o Club Romeiros do Porvir construiu e circulou representações a respeito dos integrantes do grupo (enquanto intelectuais) e em torno da cidade do Crato-Cariri (utilizando o sertão como oposição)?* Na tentativa de propor respostas para a questão lançada, organizamos este livro a partir das três linhas de análises apresentadas a seguir.

No primeiro capítulo, **A cidade do Crato e o Club Romeiros do Porvir: espaços de produção intelectual**, analisamos como a emergência de representações em torno da cidade do Crato e os usos de novas dinâmicas foram responsáveis por desenvolver novas práticas culturais. No primeiro tópico do capítulo, partimos do livro do memorialista Paulo Elpídio de Menezes, que retrata os anos finais do século XIX, pois sentimos a necessidade de entender como se deram a inserção dessas novas práticas e pensarmos como foi possível a elaboração de representações em torno daquela espacialidade. Discutimos ainda, a partir de Antônia Otonite Cortez, como o momento em que o Crato se construía enquanto a “cidade da cultura”, abriu possibilidades para a construção uma ideia de intelectualidade, culminando a fundação do Club Romeiros do Porvir.

Para entendermos a organização do meio intelectual, naquele contexto, discutimos, no segundo tópico, a trajetória de Manuel Soriano de Albuquerque por entendermos que as redes de sociabilidades estabelecidas por esse intelectual foram de grande valia para a construção de um campo intelectual no espaço

sertanejo aqui estudado. Para a construção de sua trajetória nos valem de uma biografia, notas biográficas e de jornais, em que Soriano de Albuquerque atuou como colaborador e/ou redator.

No último tópico, do primeiro capítulo, em que analisamos a fundação e organização do Club Romeiros do Porvir, destacamos as atas das reuniões, publicadas no jornal *A Liça*, assim como os próprios artigos veiculados nas colunas do jornal, como fontes principais para compor o cenário. Nesse capítulo, pensamos ainda como os membros do grupo elaboraram representações de si e para a cidade do Crato, assinalando lugares de distinção, responsáveis por criar identidades para estes e ao espaço em que estavam socialmente inseridos. Essas representações compreendem, principalmente, as noções de intelectualidade, em que os membros do grupo se apresentavam como “distintos”; e, às noções de progresso, associadas à cidade do Crato. Nesse caso, nos próprios elementos circulados nas representações em torno daquela urbe, como uma “cidade futura”, os Romeiros do Povir assumiam o lugar de construtores desse progresso, ou pelo menos, como agentes na difusão de tais projetos.

No segundo capítulo, intitulado de **Os Romeiros do Porvir: *A Liça*, produção cultural e intelectual**, analisamos como as atividades desenvolvidas pelo grupo se estruturaram em torno de finalidades educativas, no sentido de difundir as representações que foram elaboradas pelo grupo. Estruturamos as discussões, da primeira parte, a partir do o jornal *A Liça*, pois, entendemos o mesmo como elemento

estratégico, eleito pelos membros do grupo, para difundir as ideias e ideais que a agremiação elaborava, mas também por ser lido como um operador simbólico que agia no seio da corporação. Entendemos, ainda, que tal periódico legitimou, em torno de si, uma comunidade interpretativa, mas reiteramos o papel realizado pelo redator do jornal, José Alves de Figueiredo, que operou linhas de publicação, no órgão, movidas por interesses pessoais. Para isso, nos debruçamos sobre trajetória de Alves de Figueiredo e como ele contribuiu para as representações circuladas em torno daquela comunidade interpretativa.

O jornal serviu também como importante instrumento de legitimação da atividade intelectual dos integrantes do Club Romeiros do Porvir, para isso, exploramos na seção “o que dizem de nós?”, o círculo de elogios mútuos, como sugeridos por Bourdieu^[26]. As práticas de elogios entre intelectuais de um mesmo campo, ou não, ajudavam a legitimar sua atuação e garantir acesso entre os pares. Ao utilizarem do jornal para a constante prática de elogios, aos outros e a eles, pudemos identificar o mesmo como um verdadeiro arquivo, onde foram depositadas as representações “ideais” de serem lembradas. Ainda, discutimos como o jornal serviu de operador simbólico para o grupo (como instrumento de civilização e progresso), mas também como veículo das representações em torno da cidade do Crato, destinadas a apresentar o que a cidade tinha de mais “adiantado”, “civilizado”, ao mesmo tempo, assinalava projetos de futuro.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, **Crato, Cariri, Sertões: formas de ver, dizer e ser no sertão**, trataremos de investigar como os intelectuais e

suas ações foram responsáveis por representar e construir novos sentidos semânticos em torno do termo sertão e das espacialidades nomeadas pelo mesmo. Partindo de alguns apontamentos e delineamentos do que intitulamos, neste trabalho, de História dos Intelectuais nos Sertões, pensamos como os intelectuais do Cariri cearense operacionalizaram as noções em torno da categoria de sertão para a criação de uma identidade para a região sul cearense, análises trabalhadas em dois níveis. Primeiro, analisamos como os discursos e representações em torno dos sertões, gestados ainda no século XIX, ajudaram a construir identidades e alteridades para a região do Cariri cearense. Por último, refletimos sobre os usos do sertão pelos Romeiros do Porvir e como esses usos conectam os membros desse grupo às noções construídas no século XIX e àquelas que se consolidaram ao longo do século XX.

A cidade do Crato e o
Club Romeiros do Porvir:
espaços de produção intelectual

Do século XIX ao XX: a cidade do Crato e a emergência de novas práticas culturais

Contava eu uns dezesseis anos de idade, fase da vida ideal para piqueniques, serenatas e festinhas onde haja danças. A cidade caririense [o Crato], a maior e a mais adiantada daquela região, contava com duas bandas de música, e em seu seio uma rapaziada estudiosa e inclinada às artes e às letras; sociedades dramáticas, jornais de pequeno formato, etc.^{|27|}

As memórias de Paulo Elpídio de Menezes^{|28|}, evocadas e narradas no livro **O Crato de meu tempo**, como as do trecho acima citado, foram direcionadas, principalmente, para os anos finais do século XIX. Paulo Elpídio ao se referir ao Crato do seu tempo, acenou ao período em que morou naquela cidade, sua infância e adolescência. Foram registrados em maior parte do livro os acontecimentos entre os anos de 1879 e 1896, período que interessa para nossas análises.

O diálogo com as memórias de Paulo Elpídio, referentes aos anos anteriores a fundação do Club Romeiros do Porvir, ocorrida em 1900, foi por nós justificado ao sentirmos necessidade de dialogar mais

| 27 | MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu tempo**. Fortaleza: Edições UFC. Col. Alagadiço Novo, 1985, p. 72.

| 28 | Paulo Elpídio de Menezes, intelectual e memorialista, foi também Procurador Fiscal do Estado do Ceará. Nasceu na cidade do Crato em 1879, onde residiu seus primeiros 18 anos de idade, foi contemporâneo e amigo de José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica). Além do livro *O Crato de meu tempo*, Elpídio publicou alguns artigos na Revista Itaytera, periódico do Instituto Cultural do Cariri (ICC).

de perto com as experiências cotidianas entrelaçadas na transição do século XIX para o XX. Entendemos esse recorte como importante para nossa pesquisa, percebermos que foi nesse período em que se estruturaram novas práticas culturais em torno da ideia de civilização e intelectualidade.

A obra aqui utilizada, nos permitiu ler a cidade do Crato pelos olhos de Elpídio. Trata-se de um livro de memórias e buscou narrar eventos e acontecimentos mais de 50 anos depois de vivenciados, o livro foi escrito em 1949. Como nos sugere Ana Isabel Cortez, existe um tempo que separa o vivido e o escrito que permitiu uma série de novas relações e significados ao que foi narrado pelo memorialista. Numa época em que afluíam textos sobre o Crato, por ocasião de seu primeiro centenário, o tempo presente vivido pelo autor foi importante para acionar lembranças em nome do Crato do seu tempo, em uma obra, que trata antes de qualquer coisa, do próprio autor.^[29]

Dentre as memórias destacadas por Elpídio, assinalamos, a partir do trecho citado inicialmente, que a ideia de uma cidade “adiantada” esteve diretamente associada às questões letradas, como as retratadas ao se referir a uma “rapaziada estudiosa e inclinada às artes e às letras”, e também, pela presença de jornais e sociedades dramáticas. Continuou sua narrativa com os seguintes destaques.

Das casas de bilhares merece salientar a de Valdivino Pantaleão, mulato prosador e pedante, que mandou escrever no alto da fachada: “Restaurant

| 29 | CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias descartiladas: o trem na cidade do Crato**. Dissertação de mestrado (UFC), 2008, p. 31.

Billhard de la Patrie”. Ficava na Rua-do-fogo, entre a praça da Matriz e o Largo de São Vicente. Quem descesse pela Rua Grande, em direção ao Fundo-da-Maca, encontrava, no primeiro quarteirão, à direita, o Teatro; na esquina do Largo de São Vicente, a Botica do Garrido; mais adiante, a de Secundo; lá, embaixo, no cruzamento com a Travessa da Califórnia, a “Farmácia Central”, onde trabalhava um rapazinho conhecido por Zuza da Botica (José Alves de Figueiredo), mais ou menos de minha idade.^[30]

| 30 | MENEZES,
op. cit. p. 72.

Os espaços de sociabilidades culturais, políticas e intelectuais, naquele período, foram os destacados por Paulo Elpídio. Em torno das casas de bilhares, do teatro e das farmácias se organizaram grupos de intelectuais e políticos que merecem destaque, inclusive, quando os assuntos são as práticas culturais e letradas implantadas na cidade do Crato no final do século XIX e início do século XX.

As farmácias foram os pontos onde muitos intelectuais se reuniram na cidade do Crato nas passagens desses séculos, pois, era onde os homens das ciências (farmacêuticos, médicos, cirurgiões, juízes e advogados) se reuniam para discutir política e também aspectos letrados.

José Alves de Figueiredo, que na época rememorada por Paulo Elpídio era um jovem rapaz, depois viria a se tornar proprietário da Farmácia Central, farmacêutico, jornalista, poeta e político. O mesmo ganhou importância na nossa pesquisa por ter sido um dos membros do Club Romeiros do Porvir e o redator encarregado das publicações do jornal

A Liça^{| 31 |}. Nas memórias narradas pelo autor, o destaque para Zuza da Botica aconteceu por suas relações de amizades, que podem ser destacadas aqui por nós a partir de trecho do próprio livro.

Partindo da descrição da botica em que Zuza trabalhava, diz Elpídio:

Esse estabelecimento de remédios tinha o aspecto de uma drogaria: frente para as duas grandes artérias; Califórnia e Rua Grande. Um dístico de letras gigantescas se estendia no alto de toda a fachada. Zuza dormia na botica. Quando, à noite, todos se acomodavam em casa, eu abria a janela da fugida; esperava a passagem da ronda, a fim de escapar, sem perdê-la de vista. Ia a procura do companheiro inesquecível. Ele andava com a chave da botica. Certa noite, resolvemos fazer um passeio mais longo. Entramos para o brejo, pelo sítio Buriti, de Egídio de Macedo. Deixamos a estrada, depois que passamos pela frente do Cemitério do Cólera. Havia me encontrado com Zuza no Beco-de-São-Vicente. Dali seguimos até a Drogaria. Ao chegarmos ele abriu uma das portas. Entramos Tirou da prateleira uma garrafa de álcool, fez baixar o grau e misturou com mel de jandaíra. Bebemos, assim, *meladinha*. Encorajados, fomos visitar alguns engenhos. O primeiro, foi o de Cazuya de Macedo: montão de cana em torno das moendas. Os cambiteiros, o metedor de cana, o tangedor de boi e o foguista, dormindo nas tipóias (redes pequenas, ordinárias, sem varandas). Ia alta da madrugada; o luar empalidecendo por influência do levantar da barra. Com um gesto de surpresa, Zuza pega-me no braço e diz-me, quase ao ouvido: “Vamos embora, senão o dia nos pega por aqui.”^{| 32 |}

| 31 | Quanto ao jornal *A Liça*, sua formatação, publicações e relevância nas ações intelectuais do Club Romeiros do Porvir, são discussões realizadas no segundo capítulo deste trabalho.

| 32 | MENEZES, *op. cit.* p. 72-73.

Alves de Figueiredo (Zuza da Botica) se figurou como “companheiro inesquecível” de Elpídio a partir das narrativas acionadas pela memória anos depois, mas também se desenhou como um intelectual inesquecível por aqueles que o sucederam, ao contar sua atuação a partir dos anos finais do século XIX. Ainda jovem, fundou e editou jornais na cidade; em torno da farmácia, do qual se tornou proprietário, conseguiu reunir intelectuais e políticos, numa espécie de ritual (político-intelectual) que, ainda ficou na lembrança anos depois. Sua atuação como jornalista rendeu importante posto na agremiação literária Romeiros do Porvir, do qual já tinha consolidado importante amizade com o fundador daquela agremiação, Soriano de Albuquerque.

A Farmácia Central e a atuação de Zuza da Botica como intelectual e político em torno daquele espaço foram narradas na autobiografia do seu filho, José Alves de Figueiredo Filho^[33], quando escreveu **Meu mundo é uma farmácia** (1940). A partir do título já lançamos mãos para alguns paralelos entre os dois, como o fato de ter se tornado farmacêutico e pela própria escrita de uma autobiografia, o posto de intelectual na cidade do Crato.

Há recordações da infância que ficam perenemente gravadas em nossa memória. Nunca poderei esquecer da farmácia de meu pai, José Alves de Figueiredo, Zuza da Botica, como vulgarmente o chamavam, no tempo da minha meninice. O prédio ficava na esquina das duas ruas mais movimentadas do Crato. Não somente estabelecimento farmacêutico para atender doentes e

| 33 | J. de Figueiredo Filho, como assinava seus escritos, era natural da cidade do Crato e filho de Emília Viana de Figueiredo e José Alves de Figueiredo, Zuza da Botica. Segundo Hidelbrando Maciel Alves, sua produção não está restrita aos escritos sobre história, como ficou conhecido no meio intelectual caririense por parte de sua produção intelectual mais conhecida. Trata-se, portanto, de “um autor de inúmeras faces”. Figueiredo Filho foi ainda farmacêutico e membro fundador do Instituto Cultural do Cariri-ICC. Cf. ALVES, Hildebrando Maciel. **A face historiadora de J. de Figueiredo Filho e a construção do Cariri cearense**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade

despachar receitas médicas. Como quase todas as boticas do passado, ali era o ponto de reunião indispensável de certas pessoas graúdas de minha terra. Médicos, bacharéis, negociantes, funcionários públicos e caixeiros viajantes.^{|34|}

O que está posto a partir das memórias de Paulo Elpídio e J. de Figueiredo Filho é o fato das boticas terem figurado um dos principais espaços de sociabilidades intelectuais na transição do século XIX para o XX na cidade do Crato. Uma prática comum, durante o século XIX e XX, como reunir vizinhos e familiares nas calçadas de suas casas para conversar, se tornou nas farmácias um ritual cada vez mais organizado dando indício de que poderia sair dali alguns grupos literários, mas também de ser simultaneamente mais um desses espaços de formação, discussões e distrações.

Para Antônio Martins Filho^{|35|}, intelectual cearense responsável por escrever a “orelha do livro” publicado por J. de Figueiredo Filho,

A farmácia, nas cidades do sertão, é o ponto de convergência das figuras mais representativas da terra. Os homens letrados, o chefe político, o fazendeiro abastado, e o Doutor que veio da Capital e nunca se adaptou ao meio em que vive – todas essas personalidades diariamente se reúnem com cadeiras nas calçadas, para discutirem a respeito das ocorrências locais ou, principalmente, sobre as Cidades Grandes e o Mundo. A farmácia é, assim, o ponto de convergência das emoções locais. [...] Cada pessoa vê o mundo através dos próprios sentimentos. Para o farmacêutico do interior, o mundo é a sua farmácia.^{|36|}

Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017, p. 18.

| 34 | FIGUEIREDO FILHO, José Alves de.

Meu mundo é uma farmácia: memórias de um farmacêutico. Fortaleza: Casa José de Alencar. 2 Ed, 1996, p. 09.

| 35 | Nascido na cidade do Crato, em 1904, Antônio Martins Filho tornou-se um dos grandes nomes do Ensino Superior no Estado. Durante a juventude, trabalhou como caixeiro viajante e no jornal Gazeta Cariry. Formado em Direito, participou de diversas agremiações intelectuais cearenses: Academia Cearense de Letras, Instituto do Ceará, Rotary Club de Fortaleza. Atuou como professor do Liceu do Ceará e tornou-se Professor Catedrático da Faculdade de Direito do Ceará,

Para além das farmácias, que ganhou destaque na apresentação de Martins Filho, outros espaços, como o Seminário de São José fundado em 1875, também foram de fundamental importância na formação cultural e intelectual nos fins do século XIX na cidade do Crato. Mesmo com algumas limitações, sociais e estruturais, a organização de eventos culturais ocorria na cidade do Crato. Essas foram responsáveis por estabelecer vínculos entre letrados e leigos, na maioria das vezes, por meio de rituais religiosos, como destacou Paulo Elpídio.

A contradança fazia parte dos divertimentos do Natal. Constituíam-se um conjunto de doze pares. Como não se admitia homens misturados com mulheres, as damas eram representadas por seis rapazes trajando bonitos e enfeitados vestidos, com faixas de seda azul. Mediante prévio aviso, dançavam nas casas de família. Ensaaiados com muitos dias de antecedência, executavam com perícia lanceiros tocados pela orquestra que acompanhava o cordão. O cavalheiro do par marcante, de apito à boca, dava os sinais necessários ao movimento da dança.^[37]

A contradança, presente no calendário festivo da cidade do Crato no final do século XIX, serve de exemplo para o que Elpidio chamou de “uma rapaziada inclinada às artes”. Para além dos elementos festivos apresentados pelo memorialista, conseguimos entender também a organização social e lugares destinados aos gêneros dentro daquele contexto. O

em 1945. Fundou a Universidade Federal do Ceará em 1954, a Universidade Estadual do Ceará, em 1977, e a Universidade Regional do Cariri em 1986. Para mais informações sobre Antônio Martins Filho e sua relação com o Ensino Superior no Ceará, Cf. RODOLFO, Renato Mesquita. **A Universidade (Federal) do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia: espaços, lugares e memórias (1956-1967).** Dissertação de Mestrado (UFC), 2015.

| 36 | MARTINS FILHO, Antônio. Orelha do livro. (In): FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **Meu mundo é uma farmácia: memórias de um farmacêutico.** Fortaleza: Casa José de Alencar. 2 Ed, 1996.

fato de não ser admitido homens e mulheres vivenciando a face pública despertou outras memórias para o narrador, onde foi possível ler o seguinte:

Também nos dramas, os homens desempenhavam os papéis que deviam ser feito por mulheres. Com quatorze anos, o autor destas crônicas [ele próprio] foi solicitado para fazer o papel de Maria, no drama “7 de Setembro”. E aceitou.^{| 38 |}

| 37 | MENEZES, *op. cit.* p. 30.

| 38 | MENEZES, *op. cit.* p. 30.

| 39 | BOURDIEU, 2002.

A vida pública, mas também a vida privada que mostrava em algum momento essa face, não era permitida às mulheres. As novas práticas culturais desenvolvidas no final do século XIX e que possibilitou, por exemplo, a fundação do Club Romeiros do Porvir, foi protagonizada por homens, o que nos deixou perceber a gestação de um campo intelectual conduzido por membros que estavam sob os códigos sociais vigentes naquele contexto.

A partir das fontes consultadas, não conseguimos identificar a existência de um campo intelectual definido na cidade do Crato, nos finais do século XIX, que agrupassem sujeitos letrados em busca de mobilizar aspirações em comum e circularem ideias que confluíssem para uma cidade das letras. Entendemos, a partir de Pierre Bourdieu, que os campos são microcosmos independentes nos quais os agentes sociais buscam posicionar-se de acordo com as práticas internas vivenciadas pelos que estão inseridos^{| 39 |}. Desse modo, podemos concluir que existia atuação intelectual e política, mas que talvez tenha se portado muito mais com

interesses pessoais, em torno de benefícios privados, do que a organização da cidade enquanto um espaço público. No entanto, no início do século XX, recorte que nos deteremos nas seções seguintes, esse campo aparece definido, principalmente, em torno das redações dos jornais editados nos anos iniciais daquele centuário e em volta do Club Romeiros do Porvir.

Antonia Otonite Cortez apontou que, “já na segunda metade do século XIX, o Crato se propunha a ser o núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região do Cariri”⁴⁰. As representações mobilizadas a partir desse pretexto se vale-ram de algumas efemérides que colocavam o Crato numa posição de distinção entre as outras cidades da região. Para isso, foi usado a seu favor o fato de ter sido a

segunda freguesia criada na região (1762); o primeiro povoado a ser elevado à condição de vila (inaugurada em 21 de Junho de 1764, com o nome de Vila Real do Crato); o primeiro a ser elevado ao foro de cidade (17 de Outubro de 1853); a primeira cabeça de comarca no sul do Ceará (criada em 1816).⁴¹

Ainda seguindo os apontamentos realizados por Cortez, compreendemos que o Seminário de São José, inaugurado em 1875, foi um dos principais marcos civilizadores para o período em questão⁴². Para além de ser uma instituição responsável por formar os filhos da elite cratense, que até então tinham que se deslocar até as capitais mais

| 40 | CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira, 2000, p.19.

| 41 | *Idem, Ibidem.*

| 42 | *Idem.*

próximas, ajudou a estruturar representações em torno da cidade. A identidade cratense, também, foi elaborada com base em uma civilidade cristã. A instalação do Seminário, que se enquadrou, sobretudo, no projeto de Romanização da Igreja católica no Ceará^[43], atendeu, sobremaneira, às necessidades de difundir a cultura letrada entre os filhos das elites locais, mas também foi responsável pela formação de padres responsáveis por educar, de acordo com os cânones da Igreja Católica, a população do sul cearense.

Ainda seguindo os escritos de Paulo Elpídio, se os aspectos letrados e simbólicos faziam da cidade do Crato um lugar de distinção, entre as demais localidades do sul do Ceará, faltavam condições materiais para o desenvolvimento daquela cidade.

Sem estrada de ferro, sem telegráfo, a *urbs* cariariense, vivia em grande atraso com as novidades da época. Um correio tardo, representado por um homem de maca às costas, lhe trazia, de quinze em quinze dias ou de oito em oito dias, a correspondência.^[44]

Os investimentos realizados na segunda metade do século XIX não foram suficientes para suprir as necessidades e demandas dos projetos para uma cidade civilizada. Já os elementos, inseridos na cidade, que representavam esse desejo, de alguma maneira, não foram satisfatórios para o progresso material. No ano de 1864, quando a Câmara Municipal enviou ofício ao presidente da província para informar a instalação de um relógio na

| 43 | Sobre a fundação do Seminário de São José no Crato e suas relações com o processo de Romanização no Ceará, conferir: PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Universidade federal do Ceará/ Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989, p. 193-204.

| 44 | MENEZES, *op. cit.* p. 77.

Matriz da cidade, o mesmo foi apresentado como um objeto que “entrara na classe dos melhoramentos mais consideráveis desta Cidade”. O presidente da Câmara, assim como os vereadores do período, tinha a preocupação de tratar com importância o novo elemento inserido no espaço urbano, pois mesmo que de forma simbólica, ajudava a ajustar o Crato no tempo do progresso. Não foi possível mapear no documento porque o relógio foi tratado como um elemento de progresso, nem conseguimos estabelecer tais leituras pela dinâmica social, pois se tratava de uma cidade predominantemente rural. Do mesmo ofício, ainda podemos destacar que “custou avultadas quantias ao público desta cidade”; e, o fato de “prestar uma geral utilidade”^{| 45 |}.

| 45 | Ofício da Câmara Municipal do Crato, em 12 de janeiro de 1864, ao Presidente da Província do Ceará, caixa 34, Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC.

| 46 | MENEZES, *op. cit.* p. 36.

Para Paulo Elpídio, nascido em 1879, 15 anos depois da instalação do relógio, aquele não representava mais um elemento de melhoramento ou do viver moderno. Ao narrar às cantigas do terço, em que os oficiais da “Tropa de Linha” prontamente assistiam, diz que “o grosso vozeiro da soldadesca terminava quando soavam as badaladas do velho relógio trepado na torre da Matriz.”^{| 46 |} No último quartel do século XIX as noções de progresso já estavam instaladas nos interiores, o velho devia abrir lugar para o novo, e mais que um amontoado de elementos na paisagem devia haver uma constante atualização de símbolos que representavam o moderno, assim como, das formas de viver. Foi nesse período em que ocorreu a formação cultural dos “moços” que viriam a compor anos mais tarde o Club Romeiros do Porvir. Dessa experiência, construíram novas

representações ao espaço que estavam inseridos e atualizaram, principalmente sob formas letradas e artísticas, novos elementos do “progresso”.

A dinâmica nas formas de organização citadina demonstrou aspectos, que além de mudanças estéticas na paisagem, compreendia formas de higienização social, distinguindo aqueles que seriam civilizados dos que não se enquadravam em tais categorizações. Em outro ofício enviado pela câmara municipal da cidade do Crato à presidência da província foi tratado “a honra de levar ao conhecimento de VExcia a deliberação que acaba de tomar esta Municipalidade de numerar as cazas das differentes ruas desta cidade que esperamos merecer a aprovação de VExcia.”^[47] Decisões como essa, sugeriram, em seus discursos, uma nova experiência do tempo alinhada com as noções de progresso. Mas, podemos perceber, também, imposição de novas formas de viver para os aspectos que julgavam como conflitantes as realidades desejadas. Fosse por meio de uma ordem espacial da cidade, ou do comportamento dos sujeitos, como a implantação do sistema de pesos e medidas franceses, que a câmara assegurava colocar em prática, em ofício datado de 24 de março de 1874, quando dizem cumprir “exigência do ministro d’agricultura, comercio e obras públicas”.^[48]

A nova forma com que se olhou uma parte da população, por exemplo, também, implicou em mudanças na forma de ver o tempo e o espaço. Foram essas também, as formas de pensar a higienização social, como por exemplo, a figura do “Cabra”

| 47 | Ofício da Câmara Municipal do Crato, em 11 de novembro de 1873, ao Vice-Presidente da Província do Ceará, caixa 34, Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC.

| 48 | Ofício da Câmara Municipal do Crato, em 24 de março de 1874, ao Vice-Presidente da Província do Ceará, caixa 34, Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC.

no Cariri cearense, a partir de um conceito forjado nos oitocentos, frente as propostas de uma nação, como discutido por Ana Sara Irffi^[49]. Ainda, a busca de uma solução para submissão dos trabalhadores, pobres e livres, em relação aos seus senhores, pautado pela desclassificação social, conforme estudado por Darlan de Oliveira Reis Junior, que alterou a forma de tratar uma parcela dessa população^[50]. Uma mudança nos meios de transporte e comunicação, as letras e a palavra impressa, com ênfase no projeto de uma civilização, passou a ser possível dentro de um processo que agrupou novas maneiras de ver um povo, o tempo, o espaço e a técnica^[51]. Dessas dinâmicas surgiram novas representações e práticas culturais, como já fizemos alguns apontamentos.

Para a cidade do Crato, representada pela elite local, foram construídas representações amparadas nos discursos que a colocavam como um lugar distinto, cidade do sul cearense com melhor desempenho econômico e instituições de formação cultural e letramento. Essa elite clamava por distinções sociais através dos projetos que foram construídos ao longo de todo aquele centuário. Com isso, alinharam seus valores e práticas com as cidades litorâneas invejadas enquanto modelo e almejadas como ponto de chegada. Desse modo, a cidade ideal era construída a partir das representações de progresso.

Os códigos de posturas, leis municipais, ou as próprias medidas e discursos veiculados por uma elite senhorial, foram determinantes para projetar uma cidade idealizada, amparada, também, nos discursos de uma “cidade da cultura”. No

| 49 | IRFFI, Ana Sara Ribeiro Parente Cortez. **O cabra do Cariri cearense**: a invenção de um conceito oitocentista. Tese de doutorado em História Social, 2015.

| 50 | REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no Cariri cearense**: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

| 51 | Essa discussão será trabalhada no segundo capítulo deste trabalho quando analisamos as representações em torno do moderno e da civilização, a partir do jornal *A Liça*.

movimento de construção dessa cidade desejada, o capital intelectual foi um bem simbólico valorizado, uma marca de distinção social. Para além dos cursos primários, realizados nos colégios de primeiras letras da cidade, das formações sacerdotais, no Seminário de São José, os filhos das elites locais desejam formações em faculdades. Nesse caso, Elpídio lembra que,

| 52 | MENEZES, *op. cit.* p. 77.

| 53 | BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato Intelectual**: dados bio-bibliográficos. Crato: Coleção Itay-tera, 1995, p. 87.

Os filhos das famílias abastadas eram mandados estudar em Recife ou no Rio de Janeiro. Os destituídos de recursos aprendiam nas escolas públicas e particulares, existentes na terra; dedicavam-se à música e às artes. Dentre estes, muitos se distinguiram. Fundavam sociedades literárias, dramáticas, etc. Quase toda aquela mocidade tocava violão, além de outros instrumentos.^{|52|}

As formações nos cursos de medicina, direito, farmácia, entre outros, realizadas em capitais como Fortaleza, Recife e Salvador, possibilitaram também o estabelecimento de redes de sociabilidades, e assim, trocas para além das instituições acadêmicas. Junto do grau acadêmico, esses recém-formados, quando retornavam à cidade, traziam novas experiências culturais e por vezes inauguravam novas práticas naquele meio.

Manuel Belém de Figueiredo, filho do Cel. José Belém de Figueiredo, que foi chefe político local dos anos finais do século XIX até 1904, foi um desses rapazes que seguiu para Recife com a finalidade de cursar Direito na famosa faculdade recifense. Desse deslocamento, foram estabelecidas

amizades determinantes. Segundo Raimundo de Oliveira Borges, “o Dr. Belém, como era conhecido, prestou um grande serviço à cultura do Crato, trazendo para aqui, ainda acadêmico, o Dr. Soriano de Albuquerque.”^[53]

A forma como Soriano de Albuquerque se inseriu na cidade do Crato merece destaque. Para Raimundo Borges, por exemplo, essa ponte, estabelecida por Manuel Belém, trata-se de uma grande atividade para a cultura cratense. Destacamos, de início, que as sociabilidades estabelecidas com a família Belém de Figueiredo ambientou Soriano, na cidade do Crato, com certos privilégios. Sua chegada à cidade do Crato, no ano de 1900, na condição de Juiz Substituto legitimava práticas que foram desempenhadas a partir da sua instalação. A fundação do Colégio Leão XIII, a inserção na redação do jornal *Cidade do Crato* e a fundação de associações literárias, como o Club Romeiros do Porvir, são exemplos dos espaços de formação intelectual protagonizadas pelo mesmo. Para entendermos como sua atividade intelectual contribuiu na condução dos Romeiros do Porvir e das representações que passaram a ser circuladas, trabalhamos, em seguida, sua trajetória.

Manuel Soriano de Albuquerque e os espaços de produção intelectual em sua trajetória

A vida intelectual em Recife

A obra e as redes de sociabilidades estabelecidas por Manuel Soriano de Albuquerque, da década de 1890 até 1914, ano de sua morte, foram responsáveis por lhe atribuírem elementos para a condição de intelectual. Sua estreia literária se deu com a publicação de contos, volatas e crônicas em jornais de Recife. Na posição de escritor foi manifestado o desejo de se tornar intelectual. A condição letrada, como nos sugere Regina Abreu, foi, durante o período de transição do século XIX para o século XX, fundamental para identificar homens públicos que desejavam o posto de intelectual e representava, também, importante bem simbólico^[54], Soriano não hesitou em usar tal qualidade a seu favor.

A perspectiva individual, trabalhada neste tópico, não está colocada como contrária à social. A partir de Jacques Revel, assinalamos que esse individualismo metodológico está colocado dentro de uma experiência coletiva e, portanto, tem limites, pois, como parte de um conjunto social é preciso procurar definir regras de constituição e funcionamento.^[55] Essa escolha metodológica foi orientada, ainda, pela concepção de trajetória, pensada por Pierre Bourdieu. Entendemos assim, que se trata de uma série de posições ocupadas sucessivamente por um mesmo agente (ou grupo), um espaço em devir, sempre submetidos

| 54 | ABREU, Regina. **A fabricação do imortal:** memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996, p. 137.

| 55 | REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: editora da FGV, 1998, p. 21.

a transformações. Essa noção se opunha à de narrativa biográfica, no sentido de que a vida se desenvolve num todo coerente e orientado por uma ordem cronológica, já a trajetória, seria então, o real descontínuo. Esses deslocamentos ocorrem no espaço social e compreendem também os diferentes tipos de capital na estrutura de distribuição que estão em jogo no campo. Para isso, foi importante mapear os estágios do campo, ou de campos em formação, para entendermos como a trajetória se vinculou aos agentes envolvidos no mesmo.^[56]

Manuel Soriano de Albuquerque chegou à cidade de Recife em 1888. Nascido em 08 de janeiro de 1877 no engenho de Frescudim, dependências de Água Preta em Pernambuco, também morou durante alguns anos na cidade de Olinda, para onde se mudou com os seus pais, Inácio Francisco de Albuquerque e Margarida Trifônia de Albuquerque, iniciando ali seus estudos primários. No ano de 1892, quando já estava residindo na capital pernambucana, passou a frequentar aulas do Curso Anexo à Faculdade de Direito de Recife e em 1895 quando concluiu o curso preparatório ingressou na Faculdade.^[57]

Uma de suas primeiras ações, contado seu ingresso enquanto acadêmico do curso de Direito, foi sua associação ao Gabinete Português de Leitura. Abelardo F. Montenegro, um de seus principais biógrafos, conta que o mesmo “freqüentava-o assiduamente. Lia autores nacionais e estrangeiros.”^[58] Espaços de sociabilidades como esse foram cada vez mais frequentes na trajetória de Soriano, não por acaso, destacamos o mesmo como um dos principais fundadores

| 56 | BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996, p. 81-82.

| 57 | MONTENEGRO, Abelardo F. **Soriano de Albuquerque.** Um Pioneiro da Sociologia no Brasil. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977, p. 11-12.

| 58 | Idem, p. 12.

do Club Romeiros do Porvir na cidade do Crato, no ano de 1900, e que discutiremos no próximo tópico deste capítulo.

A inserção no meio intelectual, não separando nesse caso sua face literária e acadêmica, foi possibilitada, sobretudo, pela condição de estudante da Escola de Recife. Essa posição garantiu experiências decisivas em sua trajetória, tais como, a publicação e organização em jornais e revistas, quão intensamente a participação e fundação de sociedades literárias e acadêmicas.

No *Jornal do Recife*⁵⁹, publicado em 18 de agosto de 1896, foi possível identificarmos uma seção intitulada de “Congresso acadêmico”, revista organizada pelos acadêmicos do curso de direito da Escola de Recife, da qual, pudemos apreciar as seguintes informações.

Congresso Acadêmico – Visitou-nos no dia 15 o 2º numero do *Congresso Academico*. Está optivamente escripto e traz o seguinte summario: *O nosso contingente* – *Uma pagina do historia do Direito Romano*, Clovis Bevilaqua. – *A reacção contra o positivismo*, Rodrigo Costa. – *Soneto*, Correria Lima. – *As duas cegueiras ou o cego duas vezes*, Gonzaga de Arruda. – *Harbeas-Corpus*, Ernesto Garcez. – *Zelia*, Soriano de Albuquerque. – *A questão do divorcio*, Landelino Baptista. – *Visão*, Augusto Cavalcanti. – *Soneto*, Newton Burlamaqui. – *As religiões são uteis ao homem*, Pedro Cirne. – *Supplicio*, Augusto Meira. – *Contos a lapis*, Block. – *L’Anima Tua*,

| 59 | Jornal destinado a publicar matérias que interessam as “sciencias – letras – artes.” Publicado sob a direção de José de Vasconcelos. O primeiro número saiu no sábado 1º de janeiro de 1859. “Instruir e deleitar, moralizando, tal é o fim a que se dirige o – Jornal do Recife. [...] Trazer os nosso leitores a par de todo o movimento social, quer no mundo da politica, quer no da sciencia, quer no da industria, será sempre o nosso primeiro cuidado.” JORNAL DO RECIFE, **Jornal do Recife**, Recife, 01 de janeiro de 1859, número 01, p. 1.

Gaspar Menezes. – *Chronica. Estatuto do Congresso Academico*. Somos gratos á visita do illustre colega.^[60] [Grifos no original]

Ao analisar o sumário da revista, transcrito no jornal acima citado, pudemos perceber que se tratou de publicações ligadas diretamente aos aspectos das ciências e letras. Soriano de Albuquerque publicou, nesse número, um texto literário sob o título de “Zelia”. Como destaca Montenegro, “apesar da tradição científica da Faculdade, dedicava mais o seu tempo à literatura.”^[61] O gosto pelas letras não ficou restrito às publicações literárias nas revistas acadêmicas.

Ainda nas publicações do Jornal do Recife, no mesmo ano de 1896, Soriano apareceu enquanto membro de uma sociedade literária, como pudemos observar nas páginas do periódico.

Sociedade Gonçalves Dias – Reunio-se ante-hontem essa corporação sob a presidencia do Sr. Fonseca Junior. Na hora do expediente foi lida e acceita uma proposta conferindo o titulo de socio honorario ao Sr. Francisco Pereira Barroso, redactor da *Gazeta do Commercio* da Parahyba. Depois do expediente usaram da palavra os Srs. Dr. Luiz Gomes, Elviro Dantas, Ernesto Baptista e Soriano de Albuquerque, discutindo sobre a responsabilidade criminal; o Sr. Dr. João Morison, recitando a sua poesia – Supplica; e o Sr. Pereira da Costa Filho, lendo o seu trabalho – A festa anniversaria da Gonçalves Dias. Para o proximo domingo foi designada a outra sessão.^[62] [Grifo no original]

| 60 | CONGRESSO ACADEMICO, **Jornal do Recife**, Recife, 18 de agosto de 1896, edição 186, p. 04.

| 61 | MONTENEGRO, *op. cit.* p. 13.

| 62 | SOCIEDADE GONÇALVES DIAS, **Jornal do Recife**, Recife, 23 de junho de 1896, edição 141, p. 3.

Nesse caso, a corporação de letras Gonçalves Dias abriu espaço em seus encontros para discussões voltadas na área do Direito Criminal. No período em discussão, os homens das letras e os homens das ciências se misturavam entre si em busca de produzir um campo intelectual que pudessem se afirmar e definir um espaço de atuação. Para esses homens, já haviam, desde meados do século XIX, instituições que criavam condições para a organização de espaços de sociabilidades que possibilitava atividades literárias e científicas^[63].

“Congresso Academico”, que nomeava a revista dos acadêmicos da Escola de Recife, aqui já mencionada, também intitulou o grêmio da qual a revista era órgão, grupo do qual Soriano fez parte como membro efetivo. Em 1897, foi publicada, no *Jornal do Recife*, uma das atas das reuniões da agremiação, no qual, foi possível entender como o próprio grupo se organizava.

Congresso Academico – Funcionou hontem esta distincta sociedade, presidida pelo bacharel Fausto Botelho, ás 2 horas da tarde. Lida e aprovada a acta da sessão anterior e não havendo expediente o Sr. Presidente em obediencia de alguns artigos dos Estatutos, nomeou as seguintes comissões: Regulamentação da revista – Carlos Costa, Augusto Aristeu e Newton Burlamaqui. Regulamentação do exercicio da comissão dos presos pobres – Estevam Lelia, Flaviano Baptista e Soriano de Albuquerque. Confecção de theses juridicas – Rodrigo Costa, Pedro Cahú e Gaspar Menezes. Parecer sobre theses dissertadas – José

| 63 | VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo:** a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951). Tese (Doutorado em História) - UFRJ/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Programa de Pós Graduação em História Social, 2003, p. 28-29.

Henrique, Augusto Meira e Gonçalves Costa. Confecção de diplomas – Paulo Amaral, Isidro Gomes Henrique Conto. O Sr. Presidente designou para representar o *Congresso Academico* na festa anniversaria da sociedade Gonçalves Dias, os Srs. Newton, Gonçalves Costa e Paulo Amaral. Nada mais havendo a tratar foi suspensa a sessão ás 3 horas marcando o Sr. Presidente uma outra para sabbado proximo.^[64] [Grifos no original]

| 64 | CONGRESSO ACADEMICO, **Jornal do Recife**, Recife, 21 de maio de 1897, edição 113, p. 2.

Essas agremiações, literárias e acadêmicas, fundadas desde meados do século XIX tinham em sua organização um caráter privado. Suas atividades consistiam, na maioria das vezes, de reuniões fechadas apenas com os membros efetivos, logo, letrados, condição de distinção e bem simbólico que garantia *habitus*, adequação com as práticas internas do grupo e legitimação para se tornar membro. Porém, realizar atividades que apresentassem o grupo com uma face pública também deveria ser uma estratégia de legitimar os integrantes dessas corporações, enquanto intelectuais, para fora dos pares. Um dos exemplos que pudemos usar para ilustrar esse quadro foi a constituição de um grupo para cuidar da “regulamentação do exercicio da comissão dos presos pobres”, da qual Soriano de Albuquerque era um dos membros. Destacamos ainda que os grupos mantinham relações entre si, enquanto órgãos institucionais. Para isso, destacamos o fato do “Congresso Academico” enviar membros para representar a instituição no aniversário da corporação literária “Sociedade Gonçalves Dias”, por exemplo.

Tão importante quanto o próprio *habitus*, que esses múltiplos espaços possibilitaram à Soriano, devemos levar em conta as redes de sociabilidades estabelecidas. Ao passo em que divulgava seus trabalhos em seções literárias de jornais, como o *Jornal do Recife* e o *Pequeno Jornal*, realizava publicações em revistas acadêmicas especializadas, como foi o caso também da “Escola de Direito”.

| 65 | ESCOLA DE DIREITO, *Jornal do Recife*, Recife, 18 de março de 1899, p. 01.

| 66 | VENÂNCIO, *op. cit.* p. 29.

<<Escola de Direito>> - A *Escola de Direito*, órgão da nossa Faculdade de Direito e que havia suspenso a sua publicação durante as férias da mesma Faculdade, reaparecerá até o dia 15 do próximo mês de Abril. Estão encarregados da sua redação os acadêmicos Pedro Cirne, Correia Pinto, Aristheu de Andrade, Alfredo Maia, Sabastião Fernandes, Soriano de Albuquerque, Carneiro da Cunha Junior, Alcides Baltar, Luiz Correia, Sergio Barretto e Malaquias Rocha.^{| 65 |}
[Grifos no original]

Essas redes de sociabilidades permitiram o trânsito de Soriano, ora como um homem de letras, ora como um homem das ciências. Foi em torno da Faculdade de direito, dos espaços literários, gabinetes de leitura e da publicação em jornais que se deu sua formação intelectual. Seguindo os conselhos de Giselle Venâncio, destacamos que diferente da idealização de intelectuais reclusos em gabinetes, dedicados somente à leitura e estudos, responsável por criar essa postura de homens de letras, destacamos as sociabilidades intelectuais como responsáveis por atribuir tal qualificação. Pois, era justamente a participação na sociedade dos letrados o atestado moral de definição da condição de intelectual.^{| 66 |}

“Na última década do século XIX, Paulo de Arruda, Demóstenes de Olinda, Clóvis Beviláqua, Carlos Porto Carreiro, França Pereira, Artur Muniz e Miguel Barros afirmavam a existência da arte em Recife.”^[67] Paulo de Arruda^[68] foi uma das principais influências literárias para Soriano e responsável por aproximá-lo ao grupo citado, depois de ter publicado um dos seus primeiros trabalhos na imprensa recifense, quando redator do *Jornal do Recife*. Sobre esse episódio, Abelardo Montenegro transcreveu trecho em que Soriano comentou essa relação:

Prossegue Soriano: “Um dia apresentei ao Paulo... um conto – “o Coxo”. Leu e apenas me disse: mostrei ao França... E num domingo vi o meu trabalho publicado na seção de literatura do jornal. “E a minha estréia, numa folha de certo mérito. Nesse dia andei muito pela rua, cheio de alegria. E não sei como não sufoquei de contentamento, quando no outro dia o França encontrando-me abraçou-me, fazendo referências lisonjeiras do meu Coxo”.^[69]

Como destaca Soriano, tratou-se de uma estreia num jornal que dispunha de mérito no meio em que circulava, desse modo, representou um episódio de destaque quanto à sua inserção no meio intelectual. O texto tem um enredo simples. Uma criança, órfã de mãe, apresentava uma extremidade mais curta que a outra e por este motivo, coxeia. Cresceu, assim, com raiva do irmão que não mancou e era mimado. Aproveitou a ocasião em que seu irmão se achava no alto da escada para vingar-se e o empurrou. O irmão rolou de escada abaixo e caiu morto. Mas, queria o irmão apenas coxo como ele, lembrou.

[67 | MONTENEGRO, *op. cit.* p. 13.

[68 | PAULO GONÇALVES DE ARRUDA (Recife/PE, 05/01/1873 - 08/05/1900) poeta e jornalista. É patrono da Cadeira nº 19 da Academia Pernambucana de Letras. Foi considerado pela crítica da época um grande sonetista. Organizou conjuntamente com França Pereira e Teotônio Freire a Revista Contemporânea. Deixou inédito um livro de poemas intitulado “Nelumbos”. Sites de busca: antoniomiranda.com.br; domingo-composia.com.br Acessados em 15/04/2019.

[69 | MONTE-NEGRO, *op. cit.* p. 15.

As publicações literárias nos jornais de Recife, inauguradas com “o coxo”, garantiu à Soriano uma coluna no *Jornal Pequeno*^[70], tratava-se de uma seção de “rodapé” em que fazia publicações livres. Sob esse mesmo título, “rodapé”, manteve uma seção no jornal *Cidade do Crato*, quando esteve na redação desse periódico. No *Jornal Pequeno*, publicado em 1899, o nome de Soriano apareceu em destaque, dessa vez, não por assuntos literários, mas na seção “quadro de bacharelados”:

Quadro de bacharelados. – Tivemos hoje ocasião de ver o bonito quadro dos bacharelados d’este anno, exposto na Galeria Artistica, á rua Barão da Victoria, n. 30. O plano foi traçado pelo talentoso bacharelado Soriano de Albuquerque, nosso distincto collaborador; e pode-se admirar a sua simplicidade e graciosa disposição. Da execução incumbiu-se o habil artista Sr. Vera-Cruz, e o seu trabalho é correcto, feito a capricho, agradando por consequencia aos mais exigentes e valendo ao mesmo tempo uma boa recommendação para seu auctor.^[71] [Grifo no original]

Naquele ano, Soriano havia concluído o curso jurídico. Tratado pela redação do jornal como talentoso, distinto, dono de uma simplicidade e disposição, logo mais, deixava Recife “para o Ceará”:

PARA O CEARA’ – Gustavo Graeff, João do Rego Coelho, Theogenes da Rocha Moreira, **Dr. Soriano de Albuquerque**, Manescillo, Emilio F.

| 70 | “Orgão do Club 22”. Teve seu primeiro número publicado em 11 de maio de 1891 na cidade de Recife. O JORNAL PEQUENO, *Jornal Pequeno*, Recife, 11 de maio de 1891, número 01, p. 1.

| 71 | QUADRO DE BACHARELANDOS, *Jornal Pequeno*, Recife, 1899, edição 92, p. 2.

Gaugiosa, Antonieta de Alencar Castello-Branco e 2 filhos, Francisca da Conceição, Izabel da Conceição, Antonio Feijó da Silva, Maria E. do Espírito-Santo; Manoel Rios.^[72] [Grifo nosso]

| 72 | PARA O CEARÁ, **Jornal do Recife**, Recife, 30 de dezembro de 1899, edição 295, p. 3.

A cidade de Recife, nos anos finais do século XIX, estava organizada em torno de projetos de modernização do espaço urbano e de espaços de sociabilidades. Desse modo, os cafés, os gabinetes de leitura, as agremiações literárias e as redações dos jornais foram espaços de formação intelectual tão quanto a Escola de Recife na trajetória de Soriano de Albuquerque. As formações agrupadas em torno dessas instituições proporcionaram a Soriano, além de aprendizados, estruturar uma rede de sociabilidades que possibilitou, inclusive, sua mudança para a cidade do Crato ocupando o cargo de Juiz Substituto.

| 73 | MONTE-NEGRO, *op. cit.* p. 18.

A vida intelectual no Crato

Janeiro de 1900. No *coração do Ceará*, na histórica cidade do Crato, começaria ele uma nova vida. O modesto caixeiro de Recife vestia, agora, a beca de magistrado. Seria uma das autoridades da comarca.^[73] [Grifo no original]

Soriano de Albuquerque se dirigiu para o Cariri cearense depois de uma viagem que teve passagem obrigatória pela capital do Estado, Fortaleza, necessária para sua nomeação como Juiz Substituto da cidade do Crato, a pedido do Coronel José Belém. O Coronel Belém, como era conhecido, foi chefe do Partido Republicano Cratense e Intendente Municipal, conduziu os destinos da cidade por

quatorze anos, mas foi deposto, no ano de 1904, por outro coronel do mesmo partido, Antonio Luiz Alves Pequeno.

Usando a narrativa literária, aspecto importante em sua trajetória, Soriano discorreu como se deu sua experiência no itinerário para o Sul cearense, sob o título de “rota íntima”.

| 74 | ALBUQUERQUE, Soriano.
Rota íntima.
Cidade do Crato,
Crato, 13 de abril
de 1902, p. 2.

E o vapor deu de marcha. Noite alta. Na minha alma havia algo de confuso, um myxto de emoções vibrando em todo o meu ser. O travo de uma partida para longe, muito longe, ainda não se me entranhara no coração, livre, numa atmosfera de carinho, e agora preso á terra, que deixava, mar em fóra. [...] As luzes da cidade, rareando, sumindo-se afinal, e depois somente o ponto luminoso do pharol, fugindo, fugindo, até desaparecer além, na sombra vastíssima.^{| 74 |}

O novo magistrado desembarcou no Cariri na condição de Juiz Substituto, apadrinhado politicamente pelo Coronel Belém, situações que o colocaram em condição de privilégio, entre os demais daquele meio, e que legitimou/possibilitou algumas de suas práticas a partir daquele momento. Devido às sociabilidades estabelecidas em torno de um grupo, que possibilitou tais movimentos, ele protagonizou a fundação de um colégio, editou jornal, organizou um grupo teatral e fundou sociedades literárias.

No livro **Crato: lampejos políticos e culturais**, escrito por F. S. Nascimento, destinado a relatar eventos elencados como importantes para a

construção da cidade do Crato, Soriano foi um dos personagens que ganhou importância na narrativa e teve sua apresentação da forma seguinte.

Deixando a cidade do Recife, para em Crato exercer o cargo de Juiz de Direito, o pernambucano Manuel Soriano de Albuquerque logo se tornaria uma figura polarizante nesse novo meio, com o fulgor de suas idéias proporcionando significativo impacto na área da criação artística e literária. Palmilhando pelos mais diversos segmentos da cultura, foi Soriano de Albuquerque professor de piano e, obviamente em torno desse instrumento, organizando agradáveis reuniões familiares na sociedade cratense. Mas, como jornalista, teatrólogo e educador é que ultrapassaria as expectativas dos seus contemporâneos.^[75]

| 75 | NASCIMENTO, F. S. **Crato: Lampejos Políticos e Culturais**. Fortaleza: Edições UFC, 1998, p. 99-100.

| 76 | A obra reúne o nome de 166 pessoas, nomeados enquanto intelectuais.

| 77 | BORGES, *Op. Cit.* p. 203.

Ainda sobre as narrativas de sua atuação no Crato, como personagem que ajudou a construir uma identidade para a cidade, destacamos as palavras de Raimundo de Oliveira Borges, no livro **O Crato intelectual**^[76].

Sem ser filho do Crato, sem ter fincadas nestes chãos as raízes dos seus ancestrais, nem ter sentido a moleira de recém-nascido banhada pela água lustral do batismo, na Sé, ou em outro templo católico da cidade, semeou ele, aqui, como talvez nenhum filho natural o fizesse com tanto amor, e dando largas à sua inata criatividade, a semente da instrução e da cultura intelectual.^[77]

A obra, **O Crato intelectual**, tinha por objetivo traçar notas biográficas e bibliográficas do que o autor julgou, a partir de suas redes de sociabilidades e das instituições que compunha, serem os intelectuais do Crato. O recorte temporal que o livro abarca compreende das primeiras atividades letradas no século XIX até os personagens que estavam em atividade no ano da publicação da obra. Quanto aos personagens escolhidos, Borges delimitou que,

| 78 | *Idem*, p. 05.

Proponho-me, neste trabalho, embora em rápidas pinceladas, traçar o perfil daqueles que aqui nasceram e se destacaram, e se destacam, pela produção intelectual. Neste pressuposto incluirei também os que, não sendo propriamente filhos da terra, aqui deixaram e deixam, não obstante, neste particular, marcantes impressões de sua pujança mental em obras do maior valor. São os filhos adotivos.^{| 78 |}

“Sem ser filho natural do Crato”, pois, para Raimundo Borges, Soriano era um dos filhos adotivos da cidade, semeou “a semente” da cultura intelectual e da instrução, dívidas às quais deveriam ser pagas a este intelectual. **O Crato intelectual** guardou em suas páginas um espaço considerável para esse “pernambucano cratense”, por suas ações, relações e pela memória preservada no meio intelectual. Ocupou, dessa forma, um total de cinco páginas na obra, sendo um dos personagens com mais espaço físico no livro.

Nem todos aqueles que estiveram envolvidos no mundo das letras e da mediação cultural, na cidade do Crato, entre meados do século XIX e o ao longo do século XX, foram lembrados, e/ou tratados, enquanto intelectuais. Acontece que, ser reconhecido como intelectual está associado diretamente às relações estabelecidas com os pares. Existe um jogo em constante ação, ora aproxima sujeitos enquanto outros são afastados, seja por tensões políticas, mortes, mudanças de cidade, ou, simplesmente, porque aos olhos dos membros do campo, melhores relacionados, não os reconhece mais como tal.

No campo, tal como entendido por Bourdieu^[79], como microcosmos independentes em que os sujeitos se inserem de acordo com os *habitus* adquiridos ao longo de sua *trajetória*, existem regras para entrar e sair. O campo é móvel, pois é definido a partir de suas particularidades e estágios. Embora existam regras, não existe um conjunto de leis que faça reger essas ações, muito menos, um legislador apontando como serão definidas tais regras^[80]. Nesse sentido, as redes de sociabilidades estabelecidas, ou a ausência delas, com outros personagens, é que foram responsáveis por aproximar e distanciar de um campo, logo, do reconhecimento pelos pares enquanto intelectual, ou não. Soriano, desse modo, soube aproveitar as ações desenvolvidas, associadas às redes de sociabilidades estruturadas, para garantir o lugar de intelectual e a aceitação pelos pares.

Entendemos, assim, a experiência construída por Soriano de Albuquerque, enquanto uma trajetória intelectual. Também, seguindo os apontamentos

| 79 | BOURDIEU, 2002.

| 80 | BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

realizados por Jean-François Sirinelli, entendemos os sujeitos criadores e/ou mediadores socioculturais, assim como, os atores sociais que assumem pontos de intervenções e destaque nos espaços nos quais se encontram, enquanto intelectuais^[81]. Para isso, acreditamos que as próprias ações estabelecidas por Soriano, como a fundação de um Colégio e do Club Romeiros do Porvir, não estão desvinculadas das posições que assumiu e essas ajudaram na sua compreensão enquanto intelectual, ao longo desta pesquisa.

Entre as **Efemérides do Cariri**, as ações de Soriano também apareceram em destaque, como pudemos ver em transcrição de trecho da obra de Irineu Pinheiro.

1901, 14 de Janeiro – Fundou no Crato o dr. Manuel Soriano de Albuquerque, que depois foi lente da Faculdade de Direito do Ceará, o colégio Leão XIII, no qual funcionaram cursos de instrução primária e secundária. Havia internato, semi-internato e externato. Redigiram seus alunos a revista “Coração do Ceará”.^[82] [Grifo no original]

A fundação do Colégio Leão XIII^[83] foi uma das primeiras ações empreendidas por Soriano de Albuquerque na cidade do Crato, ao mesmo tempo, expressava de um projeto de civilização por meio das letras, como já havia feito no ano anterior, 1900, com a fundação da agremiação literária Club Romeiros do Porvir. Essas foram duas ações que se juntaram nas suas finalidades. Para manter uma corporação de letras era necessário pessoas

| 81 | SIRINELLI, op. cit., p. 231-269.

| 82 | PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963, p. 171.

| 83 | O Colégio Leão XIII tomou dimensões importantes entre as ações pessoais de desenvolvidas por Soriano de Albuquerque na cidade do Crato. Quando o mesmo se mudou para a cidade de Barbalha, no ano de 1902, ele transferiu a sede do Colégio para a nova cidade de sua habitação, junto com o colégio alguns dos seus alunos acompanharam a mudança. Cf. MONTENEGRO, op. cit.

letradas, mas também apreciadores de arte, logo, a redação de uma revista literária pelos alunos do colégio abria caminho para a execução desse gosto.

Em 08 de Dezembro de 1901, quando Soriano já fazia parte do corpo redatorial do jornal *Cidade do Crato*, foi publicada nas páginas do jornal as seguintes informações sobre o Colégio.

| 84 | COLLEGIO LEÃO XIII,
Cidade do Crato,
Crato, 08 de
dezembro de 1901,
número 07, p. 1.

COLLEGIO LEÃO XIII - Terminou no dia 1º do corrente seus trabalhos do anno lectivo esta util instituição, fundada no dia 14 de Janeiro do corrente anno. A necessidade de um estabelecimento de instrução impõe-se numa cidade já tão grande e tão adiantada como o Crato. Havia esta falha, porem Dr. Soriano de Albuquerque supprio-a com a criação do Collegio Leão XIII que ante o grande aproveitamento perfeitamente demonstrado pelos alumnos nos ultimos exames procedidos, torna-se digno de todo apoio e de todo incitamento. E era de esperar isto mesmo pela selecto corpo docente que tem. Segundo nos informam, há projeto de fazel-o passar por uma grande reforma, fazendo-o apto para um grande internato, de modo que em janeiro proximo, quando serão abertas as aulas, ache-se em condições vantajosas. A festa com que deu fim aos seus trabalhos d'este anno excedeu á espectativa geral. Honrada com a presença do digno 3º - vice-presidente do Estado Coronel José Belem e do ilustrado Vigario Quintino de Oliveira, não comparecendo o Dr. Peixoto de Alencar por molestia, começou o festival ás 8 horas da noite em ponto, estando o salão literalmente cheio de senhoras da nossa melhor sociedade ostentado elegantes *toilettes* e formando um

conjunto bellissimo. Deu começo o *Bazar Escolar*. No meio do palco de um theatro improvisando no salão da festa, para uma representação, via-se uma pyramide bem ornamentada onde notavam -se lindos objectos, quinquilharia; etc que foram arrematados pelos alumnos. ^[84]

O texto, acima transcrito, não foi assinado por nenhum dos redatores, ou colaborador do jornal, nesse caso, pudemos aventar, em forma de hipótese, que o mesmo possa ter sido escrito pelo próprio Soriano de Albuquerque, visto que o outro redator, Peixoto de Alencar, também foi citado em terceira pessoa. Para além dessa possibilidade, de ser um texto escrito por Soriano, servindo para uma autoconstrução, outros elementos importantes no texto foram destacados para entendermos o próprio movimento cultural da cidade, naquele contexto.

A ausência de colégios, para atender a demanda de instrução, era uma realidade posta ainda no início do século XX, como o texto nos permite ler, mesmo que os políticos/elites intelectuais do Crato tenham reservado à cidade, desde meados do século XIX, o lugar de urbe adiantada. Para a correção desta falha, que, também, fora identificada por Soriano de Albuquerque, o editorial assegurou que o próprio supriu com a fundação do Colégio Leão XIII. As menções ao Coronel José Belém, à Quintino de Oliveira^[85], à Peixoto de Alencar^[86] e às “senhoras da nossa melhor sociedade”, nos permitiu observar a própria estrutura intelectual da qual Soriano se serviu para organizar as suas ações. Ainda vale ressaltar que, o Coronel Belém era proprietário do jornal,

| 85 | Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva foi o primeiro Bispo da Diocese do Crato, tendo exercido tal posição do ano de 1916 até 1929, ano de sua morte. Quintino ordenou-se Padre no Seminário de Fortaleza, na década de 1880, e em 1889, recém-ordenado, passou a lecionar no Seminário de São José do Crato. Quintino também foi, no início do século XX, um dos diretores do Colégio Leão XIII, juntamente com Soriano de Albuquerque.

| 86 | Manoel Peixoto de Alencar foi literato, crítico e jornalista. Foi, juntamente com Soriano de Albuquerque, redator do jornal *Cidade do Crato*, importante periódico da cidade do Crato, nos anos iniciais do século XX.

em que a matéria foi publicada, Peixoto de Alencar, um dos redatores, como já vimos anteriormente. A Quintino de Oliveira cabia o destaque por ser professor da instituição e um dos idealizadores do projeto do Colégio juntamente com Soriano.

| 87 | PORTICO, **Cidade do Crato**, Crato, 27 de outubro de 1901, número 01, p. 1.

Soriano de Albuquerque mesmo não sendo um filho natural do Crato, como ressaltado por Raimundo Borges, passou a defender um conjunto de formas de ser e estar naquela cidade, em torno do Club Romeiros do Porvir e da edição do jornal *Cidade do Crato*, por exemplo, momentos decisivos para sua atuação no meio intelectual daquela cidade, responsáveis por inseri-lo em uma comunidade interpretativa, em torno desses grupos, que defendia um projeto civilizatório para a cidade.

Na apresentação do jornal *Cidade do Crato*, sob o título de “Portico”, lê-se o seguinte.

E o apparecimento da CIDADE DO CRATO sob a intelligente e sensata direcção politica do prestigiado chefe desta riquissima zona, CORONEL JOSÈ BELEM, é um acontecimento de proficuos resultados para esta terra e para o Partido que aqui muito precisa de um orgão que corresponda à sua funcção proveitosamente patriotica e patrioticamente grande. E agora para completar a decoração do PORTICO: - Tudo pela República, que é o mesmo que dizer tudo pela Patria!....^{| 87 |}

O Coronel Belém, nesse caso, apresentado como diretor político do jornal, ao possibilitar a publicação de um jornal, órgão do Partido Republicano

Cratense, prestava um importante serviço ao dirigente estadual, o Governador Nogueira Acioli^{| 88 |}. Para atender as finalidades e realizar a propaganda do seu Partido, um dos redatores escolhidos foi Soriano, pois, o Coronel Belém já conhecia suas qualidades intelectuais e morais, dado sua atuação como Juiz Substituto e diretor do Colégio Leão XIII.

Segundo Abelardo Montenegro, “lembrando-se dos velhos tempos de Recife, Soriano tornava-se praticamente o redator-chefe do jornal. Imprima ao semanário um cunho literário.”^{| 89 |} Além da organização editorial do jornal, em que Soriano fazia circular a partir das páginas do jornal produções literárias de seus contemporâneos em Recife, escritores da cidade do Crato, autores conhecidos nacional e internacionalmente, publicou seus próprios textos, como a republicação do texto “O Côxo”, em 22 de dezembro de 1901, seu primeiro texto de sucesso publicado na imprensa da cidade de Recife.

O cunho literário alimentado pelo jornal não se limitava às publicações de textos desse gênero, Soriano também fazia o trabalho de mediação das publicações por meio da crítica. Numa seção do jornal, intitulada de “Publicações”, foi possível destacar.

GRACIOSA – conto singelo – Alvaro Bomilcar – Manãos – 1901. Segue-se uma parte poetica Lagrimas de oiro. Offerta de seu auctor, recebemos este livrinho chic, de que daremos nossa impressão no proximo numero.^{| 90 |}

| 88 | Antonio Pinto Nogueira Accioly (Icó, 11 de outubro de 1840 - Rio de Janeiro, 14 de abril de 1921) foi presidente do estado do Ceará e um dos políticos mais influentes do estado durante a Primeira República no Brasil. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1864, e assumiu o primeiro governo do Estado cearense ainda em finais do século XIX. Cf. portal.ceara.pro.br Acesso em: 15/11/2020.

| 89 | MONTENEGRO, *op. cit.* p. 20.

| 90 | PUBLICAÇÕES, **Cidade do Crato**, Crato, 22 de dezembro de 1901, número 09, p. 2.

No número seguinte, como prometido pela redação do jornal, está publicada a “impressão” sobre livro, assinada por Soriano de Albuquerque, em uma seção estreante, intitulada de “livros”.

| 91 | ALBUQUERQUE, Soriano. Livros. **Cidade do Crato**, Crato, 29 de dezembro de 1901, número 10, p. 2.

GRACIOSA. (Conto singelo de Alvaro Bomilcar) Um mal immenso grassa entre os moços da nova geração litteraria: apresentam-se cêdo e na maioria dos casos insufficientemente. E' raro encontrar-se o livro de um estreante que seja uma promessa, a menos que não passe por ser uma simples precipitação dos que alinhavam um conto nas columnas de um jornal benevolo e querem logo ter as honras de auctor de livro. D'ahi o apparecimento frequente d'esses livrinhos que nada significam, que nada adiantam porque nada podem significar esses productos do espirito em que não entram analyse e energia, porque nada podem adiantar essas erupções litterarias, contagiosas como as moléstias de pelle e que mais indicam algumas vezes força de nullidade. ^{| 91 |}

O escritor de “O Côxo” não poupou elementos para a construção de sua análise sobre a obra de Alvaro Bomilcar. Nessa primeira parte, partiu da crítica que pesava sob uma geração de novos escritores e se apresentavam como tal, embora ainda insufficientes, até os aspectos estéticos da narrativa e a forma que o próprio livro havia sido impresso e organizado, como veremos na próxima citação. Seguindo os ensinamentos de Pierre Bourdieu, identificamos que por meio da crítica os críticos auxiliam na construção de um público, mas, principalmente, sobre o que esse deve ou não pensar a

respeito de uma obra e do seu escritor. Interferem na aceitação e legitimação do trabalho do intelectual, pois, elaboram representações que ganham efeito de real nas sociabilidades.^[92] Soriano fazia, naquele momento, trabalho equivalente ao realizado por seus contemporâneos em Recife, quando legitimaram seu trabalho, possibilitando a publicação, mas também realizando críticas positivas dos seus escritos. Soriano falava na condição de crítico, no entanto, qualificou Alvaro Bomilcar como um dos moços da nova geração literária que se apresentavam “cedo” e “insuficientes”.

Para justificar sua posição frente à obra e ao autor em discussão, Soriano teceu as seguintes palavras:

E' bem impresso em Manáos o livrinho de Alvaro Bomilcar em que conta singelamente seu amor ou cousa que valha por uma Maria Graciosa, encontrada no Valle de Oropesa, na Bolivia. A narrativa não prende a atenção pela forma, o que é difícil conseguir, pois exigem muito senso artístico, esses trabalhos de entrecho personalíssimo como é Graciosa. Comtudo è escrito num estylo leve e mais ou menos insinuante, que deixa entrever algum mérito em seu auctor, devendo este revistil-o porém de mais escrúpulo e conscienciosidade, para conseguir os seus muitos. Segue-se ao conto uma parte poetica – Lagrymas de oiro – composta de tres poesias que parecem ter entrado no livro somente para aproveitar a vasa; e, francamente, produzem sempre mau efeito esses appendices. Agradecemos a delicadeza da offerta. S. de A.^[93]

| 92 | BOURDIEU, 2002.

| 93 | ALBUQUERQUE, Soriano. Livros. **Cidade do Crato**, Crato, 29 de dezembro de 1901, número 10, p. 2.

Alvaro Bomilcar era cratense. Quando o livro **Graciosa** foi lançado, o autor morava em Manaus, no estado do Amazonas, acreditamos, portanto, que o envio de tal obra, para sua cidade natal, deveria despertar reconhecimento pelo seu trabalho literário, ao menos entendemos que era seu desejo. Contudo, embora o pouco “senso artístico” não tenha aniquilado todo o mérito do autor, nas palavras de Soriano, seu trabalho não se destacava pela sua narrativa, muito menos pela organização, em que foram inseridos em apêndices algumas poesias. Mesmo a crítica de Soriano não tendo proporcionado a melhor recepção possível ao livro, ainda conseguimos entender e mapear sociabilidades estruturadas em torno desse processo.

As redes de sociabilidades intelectuais se organizam a partir de sensibilidades ideológicas ou culturais comuns, levando em conta também as afinidades desenvolvidas entre os mesmos, ainda que difusas, no entanto, igualmente determinantes, existindo, nesse caso, uma vontade que funde um gosto de conviver, formando assim, estruturas de sociabilidades, que se referem à junção do “afetivo” e “ideológico”^[94]. O cargo de Juiz Substituto, assumido por Soriano ao chegar à cidade do Crato, o colocava na condição de homem público, ao mesmo tempo, intelectual. Para a indução de tal afirmativa, nos apoiamos nos estudos de Sirinelli, que para além dos apontamentos e dos caminhos para definição do termo intelectual, nos orientou como pensar os contextos em que o termo estava sendo usado^[95]. No caso apontado, as duas posições assumidas pelo personagem nos levam a entender que

| 94 | SIRINELLI,
Op. Cit. p. 248.

| 95 | *Idem*,
Ibidem.

as sociabilidades intelectuais, afetivas e ideológicas pressupõem sua forma de se organizar socialmente naquele meio. Para isso, selecionamos uma de suas comemorações de aniversário, mais precisamente a de 1902, passados dois anos de sua instalação na cidade, para mapear quem eram aqueles com quem compartilhava suas aspirações ideológicas e afetivas.

| 96 | MANIFESTAÇÃO AO DR. SORIANO, **Cidade do Crato**, Crato N 12. 12 de janeiro de 1901, p. 01-02.

MANIFESTAÇÃO AO DR. SORIANO No dia 8 do corrente anniversario natalicio do illustre amigo Dr. Soriano, nosso companheiro de redacção, Juiz substituto deste termo, diversos amigos fizeram-lhe festiva manifestação. As 7 horas da noite precedidos da banda musical Tristão Gonçalves, dirigiram-se á casa de sua residencia, [...] ao nosso distincto amigo, o integro Juiz de Direito desta comarca Dr. Peixoto d'Alencar, que em phrases eloquentes saudou-o em nome do partido; seguiu-se depois com a palavra o intelligente moço, Promotor interino, Antonio Gomes, que proferiu bonita allocução; apóz usou da palavra o muito digno redactor do bem redigido jornal "Sul do Ceará" o Major Esmeraldo Sobrinho, que em elegante improviso, felicitou ao nosso querido collega. [...] Felicitarão no ainda com palavras entusiasticas Sr. Antonio Gomes, o distincto cavalheiro Frederico Naumann, Major Antonio Coimbra Villa-Nova e o Sr. Abel Arnaut em nome do corpo typographico d'esta folha. [...] Alem da felicitação pessoal do nosso insigne chefe Coronel José Belem, recebeu mais os parabens dos seus estimados discipulos Raymundo Gomes, Arthur Gomes, Eduardo Gomes, Celso Gomes, José Bezerra, em phantasiados cartões de visita.^{|96|}

O Juiz de Direito, o Promotor Interino, um Jornalista, “homens distintos”, um tipógrafo, o Chefe Político e os “discípulos” de Soriano, apresentados nominalmente, transcritos na citação anterior, compunham um dos círculos de amizades dentro da rede de sociabilidade estabelecida pelo mesmo na cidade do Crato. Esse círculo organizado, mais precisamente, em torno do jornal *Cidade do Crato* e de sua relação com o Coronel Belém começou a se desfazer ainda naquele mesmo ano.

José Alves de Figueiredo, personagem já citado neste trabalho, contemporâneo e amigo de Soriano redigiu algumas páginas sobre o episódio, dispostas a seguir, para acompanharmos o desfecho dessa querela.

O eminente sociólogo e notável homem de letras, que foi o dr. Manuel Soriano de Albuquerque, após a sua formatura, penso que em 1899, foi nomeado juiz substituto dêste termo, entrando, logo ao tomar posse do cargo, para a redação de “A Cidade do Crato”, que tinha como diretor político o então prefeito dêste município, Coronel José Belém de Figueiredo. Era o dirigente de Crato homem de muito poucas letras e que se cercava de camarilha de perversos espertalhões, exploradores de sua inexperiência, guiando-o por trilhos errados e o incompatibilizando, destarte, com a opinião sã da terra por êle dirigida. Soriano, moço inteligente e culto, começou a exercer logo certa ascendência sôbre o coronel Belém, mas foi, desde princípio, olhado pelas asas negras como uma sombra má que era preciso ser afastada, e cedo começou o trabalho de sapa com

êsse fim. Tinha o aludido bando receio de que aquêle moço de vistas largas mostrasse ao velho horizontes mais vastos. Era, pois, preciso evitar isto, plantando no ânimo do tuxaua a semente da prevenção contra aquêle intruso.^[97]

| 97 | FIGUEIREDO, José Alves de. **Ana Mulata:** contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, p. 111-112.

Soriano de Albuquerque, apresentado por Figueiredo como “eminente sociólogo”, ainda pode ser identificado nesse mesmo trecho como Juiz Substituto e Redator do principal jornal da cidade, exercia, portanto, sob tutela do Coronel Belém cargos de destaque no meio cultural e intelectual da cidade. Ele era praticamente o redator-chefe do jornal *Cidade do Crato*, sempre teve muita liberdade para escrever os textos sugeridos pelo Coronel Belém. Foi justamente dessa confiança que os demais apoiadores do diretor do jornal se aproveitaram para abrir um fosso entre os dois. Aos olhos dos apoiadores do chefe municipal Soriano exercia influências perigosas, sobretudo, por se legitimar através do saber. Alves de Figueiredo, que descreveu Soriano com certo poder de manipulador, segue.

Receoso de perder o prestígio que desfrutava, há 12 anos, junto ao dr. Acioli, que era naquele tempo o dono, de fato, do Ceará, o chefe do Crato queria aproveitar qualquer motivo ao lado do chefe do Estado. Para dar mais uma demonstração de agrado ao eminente político, oportunidade se oferecia, a talho de foice, e era necessário aproveitá-la amenizando, adoçando situação que se esboçava dúbia – o aniversário do dr. Acioli. O coronel Belém chamou o dr. Soriano e encomendou-lhe um artigo de arromba sôbre a notável

efeméride. O redator-chefe de “A Cidade do Crato” comprometeu-se a fazê-lo como melhor pudesse. A pena do ilustre sociólogo dava espírito, dava alma, dava timbres, de sonoridades divinas, dava mesmo a emoção e a elegância escorreita das coisas imortais às palavras que traçava.^{|98|}

| 98 | *Idem*, p. 112.

| 99 | *Idem*, p. 113.

É importante lembrar, antes de adentrarmos no texto publicado por Soriano, que aquela altura o Coronel Belém já não gozava de tanto prestígio do chefe de estado, Antônio Nogueira Acioli. O artigo deveria servir justamente para restabelecer laços políticos, pois, Antonio Luiz Alves Pequeno, homem do mesmo partido e cidade, começava a ganhar ascendência e prestígio com o líder estadual.

Finalmente, chegou o dia 11 e o jornal circulou, sendo lido com sofreguidão; mas em vez de agradar, causou o artigo sobre o velho estadista certo desassossêgo, que mascarava em alguns uma íntima satisfação, pois ali no cabeçalho do jornal, bem no começo do editorial, encontraram elês o veneno que podia matar a nascente afeição do coronel Belém pelo Soriano. Os mexeriqueiros correram logo para a residência do amo, levando cada qual um número do jornal na mão, com ânsia incontida de ser o primeiro a cientificar-lhe da “canalhice do Soriano”! O coronel Belém leu, e a comêço não achou nada de mais, declarando que estava conforme.^{|99|}

Quanto ao texto, Alves de Figueiredo relatou o seguinte.

Soriano traçou, com mão firme, belo panegírico ao nataliciante, salientando as qualidades de escol do velho dominador do Ceará, falando em período tersos, do seu grande coração, sempre aberto ao perdão; do seu espírito conservador e prático; de suas eminentes qualidades de administrador honesto e tolerante; do alto moral de uma vida consagrada ao bem; de todo êsse padrão tangível de virtudes cívicas que elevam um mortal ao mais alto grau na escala da admiração pública. Tôdas essas imagens de efeito, todos êsses tropos melífluos desapareceram do papel aos olhos do coronel Belém, que começou a suar de um lado só. Êle tinha essa anomalia, diziam os íntimos – suava de um lado só quando tinha raiva ou grandes contrariedades.^{| 100 |}

| 100 | *Idem*, p. 113-114.

| 101 | *Idem*, p. 113.

| 102 | *Idem*, p. 113.

Mas então, qual o problema que haviam encontrado “os mexeriqueiros”?

Tôda questão girava em tórno do intróito do artigo, que começava assim: “No Icó, no dia 11 de outubro de 1840, nasceu uma criança, e quem diria que o pequeno Antônio fôsse mais tarde o estadista que conhecemos?”^{| 101 |}

Esse trecho foi tratado como “um desafôro, era desabonador para um vulto como o dr. Acioli”^{| 102 |} ser tratado como uma criança, o pequeno Antônio. Somado a esse episódio Abelardo Montenegro registra que,

Antes dessa intrigalhada, entretanto, o coronel Belém não ficara satisfeito com Soriano, que aplicara num dos filhos do coronel alguns bolos. O

filho deste estudava no Colégio Leão XIII e não procedera bem. Soriano não podia dispensar regalias e aplicou a disciplina. O coronel exasperou-se, mas recalcou o rancor. É provável, portanto, que somados os dois fatos, não mais se entendessem os dois amigos.^[103]

| 103 | MONTE-NEGRO, *op. cit.* p. 24-25.

Soriano foi removido para a cidade de Barbalha, vizinha e distante menos de 30 quilômetros do Crato, para ocupar também o cargo de Juiz Substituto, em 04 de setembro do mesmo ano, ou seja, dias antes da publicação do polêmico texto. Entendemos, com isso, que os acontecimentos gerados a partir da publicação do artigo vieram cessar laços já comprometidos. No entanto, não significou que outras amizades e outros laços também deixaram de existir.

Em Recife ou na cidade do Crato, posteriormente em Barbalha e Fortaleza, fosse qual fosse a cidade, as sociabilidades organizadas em torno de Soriano, ou das quais fez parte, estavam presentes as organizações literárias, as redações de jornais e as instituições educacionais. Os encontros semanais nessas instituições, assim como os encontros esporádicos ocorridos por outras demandas, foram as principais formas de que encontrou de estabelecer os vínculos e suas práticas intelectuais.

Entre as ações realizadas por Soriano, na cidade do Crato, ainda destacamos a fundação do Club Romeiros do Porvir, organização literária e artística responsável por agrupar uma série de intelectuais, de forma efetiva e consciente, ou ao seu entorno,

que possibilitou mapearmos os primeiros atributos de um campo intelectual. Sendo assim, Soriano foi um personagem que ganhou espaço neste trabalho justamente por ter articulado esse grupo de intelectuais, que configurou nessa pesquisa um dos recortes que dão sentido ao objeto investigado. Para isso, passamos a investigar como esse grupo se construiu como um espaço de sociabilidades intelectuais na cidade do Crato.

Club Romeiros do Porvir: espaço de sociabilidades intelectuais no sertão

“Club Romeiros do Porvir”. Sob essa nomenclatura “uma turma de Clubistas”, assim intitulados no cabeçalho do periódico editado pelo próprio grupo, firmaram laços, no ano de 1900, em torno de uma agremiação artística e literária. Romeiros, porque essa palavra estava em bastante uso naquele meio. Designava, a princípio, um aglomerado de pessoas em torno do Padre Cícero, na povoação de Juazeiro¹⁰⁴, como nos sugeriu Antonia Otonite Cortez¹⁰⁵. No entanto, preservou-se a intensidade da palavra em detrimento de seu significado. No caso dos romeiros destinados ao “progresso”, aqui estudados, a palavra foi mobilizada a partir de outro conjunto semântico, distanciava-se da ideia de patologização dos devotos e apontava para um fanatismo que se dava de forma consciente em torno das letras e das artes.

| 104 | O “milagre” ou os acontecimentos de 1889, como ficou conhecido, dizem respeito à suposta transformação da hóstia em sangue na comunhão ministrada pelo Padre Cícero Romão Batista à beata Maria de Araújo, popularizados como “fatos extraordinários”. Os “fatos” foram responsáveis por alterações nas formas de organização política e social na região, iniciava-se a partir daquele momento a história da devoção de sertanejos no Juazeiro do Padre Cícero. Ancorados nas notícias veiculadas (cartas, jornais, etc.), de que ocorriam “milagres” naquele povoado, não paravam de chegar “romeiros”, alguns como visitantes, outros, em número considerável, chegavam para se instalar na “terra santa”. Para

“Do Porvir”, junção de duas palavras, que associadas ao termo “romeiros” lhes garantiu características e identidade, também ajudou a reorganizar/alterar o sentido semântico da palavra “romeiros”, da mesma maneira, pode ser explicada pelos movimentos sociais que ocorriam naquele contexto. No final do século XIX e anos iniciais do século XX, as ideias de novo, progresso, ruptura e revolução passaram a fazer parte não somente do cotidiano, como havia se pensado, mas começaram também a ganhar espaço na construção do imaginário social. Segundo Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira, ao trabalharem com a ideia d’**A invenção do Brasil moderno**, perceberam como o processo que perdurou de 1870 até 1930 assinalou as grandes obras de engenharia, os projetos que pretendiam europeizar o Brasil e foram inventados e disputados no período citado. A preocupação de marcar o país como aberto para um novo projeto foi interesse de vários grupos de intelectuais e políticos, que se preocupavam em marcar o início da invenção de um projeto maior, pois “na virada do século XIX para o XX a palavra de ordem é ‘civilizar’, isto é, ficar em pé de igualdade com a Europa no que se refere a cotidiano, instituições, economia, ideias liberais, etc”.^[106]

A organização e fundação do grupo, assim como o próprio nome escolhido para intitular a agremiação, são dotadas de interesses culturais e políticos, colocaram em circulação, ainda que de forma implícita, representações capazes de promover novas práticas culturais. Da ideia de um grupo responsável por discutir as letras e as artes, até de

maiores informações sobre a questão do “milagre de Juazeiro”. Cf. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977; MACÊDO, Nertan. **O Padre e a beata**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Renes; Brasília: INL, 1981.

| 105 | CORTEZ, *op. cit.* p. 102-103.

| 106 | HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.12.

pessoas responsáveis pelo futuro da cidade, estava em discussão muito mais do que apenas emaranhados retóricos manifestados na forma como se deram a ler. A ideia do “porvir”, estampada no nome da agremiação, faz ainda mais sentido na cidade do Crato dos finais do século XIX, quando relembramos as disputas entre a cidade do Crato, que se pretendia como civilizada, em contraposição aos Romeiros do Padre Cícero na povoação do Juazeiro.

Ainda que seja em termos de hipóteses, pois a documentação não nos permitiu afirmações certas, acreditamos que, uma oposição aos romeiros bárbaros, incivilizados, atrasados e fanáticos, somente foi possível com a palavra romeiros, mas acompanhada de outra terminologia, que ao invés de atribuir sentido negativo atribuiu sentido positivo. A intensidade que a palavra carregava foi mantida, no entanto, esses, não eram os Romeiros fanáticos do padre Cícero, e sim, os Romeiros do Porvir, aqueles que abriam as “luzes para o progresso”, filhos das “melhores classes”, os defensores da república.

No caso dos romeiros do Padre Cícero, era possível entender esses sujeitos como dotados de uma patologia social, alienados, uma fé de segunda categoria, ideia difundida por maioria dos intelectuais cratenses à época; no segundo momento, aos Romeiros do Povrir, foi concedida a ideia de militância para a causa do futuro, uma fé amparada no progresso, na civilização e no que ela pudesse representar de mais expressivo para o desenvolvimento do meio social.

Os projetos e as atividades inauguradas pelo grupo levavam em consideração uma preocupação maior com o futuro, ou o conflito entre as dimensões temporais apresentava o “futuro-atual” como saída nova e possível, para isso se relacionavam com o tempo histórico, inaugurado pela concepção moderna, onde o futuro (horizonte de expectativa) se distancia cada vez mais do passado (espaço de experiência), como sugere Reinhart Koselleck^{| 107 |}. Ainda podemos pensar, a partir de François Hartog, que a noção de Regimes de Historicidade também nos ajudou a organizar a experiência do grupo estabelecida com o tempo. Os Regimes de Historicidade são “os diferentes modos de articulação das categorias do passado, do presente e do futuro”^{| 108 |}, assim, como assinalado a partir de Koselleck, Hartog, entendeu que quanto maior o distanciamento entre as dimensões do passado e do futuro mais próximo de uma concepção moderna, ou de um Regime de Historicidade Moderno.

Para isso, a figura da mocidade, que se apresentou como elemento de identidade do próprio grupo, passou uma concepção de tempo histórico vivenciada por esses personagens e manifestada no desejo de um porvir que se pretendia distinto das experiências coletivas. Entendemos, assim, que a concepção de tempo lida a partir dos Romeiros do Porvir estariam situadas em um regime de historicidade moderno, onde prevaleceu a dimensão do futuro sobre as demais. O próprio Club trazia no nome aspirações de um novo tempo, reservado no “Porvir”. A época eufórica, em que o desejo pela modernidade se fazia cada vez mais presente no cotidiano e no imaginário, havia subestimado o que se devia fazer com as origens. O único trabalho possível com o passado era desfazer-se dele.

| 107 | KOSELLECK, *Op. Cit.*

| 108 | HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 16.

Quando nos perguntamos, então, quem eram os Romeiros do Porvir? Assinalamos a resposta enunciada pelos próprios membros do grupo: “somos moços marchamos para o futuro”^[109]. Quando ocorreu a fundação do jornal *A Liça*, órgão de disseminação das ideias do grupo e a efetivação de uma de suas atividades centrais (a imprensa), os membros do grupo não se apresentaram individualmente. A ideia de um grupo que dispunham de objetivos comuns e que seria responsável por conduzir o futuro da cidade do Crato, expresso no próprio nome, através das letras e da cultura, perpassou todo o editorial. Além de ter a função de apresentar um novo jornal, que começava a circular na cidade, nos deixou perceber também a função de mostrar a cara da agremiação literária para uma elite letrada, que passou a conhecê-los a partir das folhas impressas.

Para entendermos como os intelectuais se relacionaram com o grupo, enquanto uma instituição, foi necessário pensar os discursos intelectuais enunciados a partir de uma posição de verdade (fala autorizada), como nos sugere Carlos Altamirano^[110]. A produção do discurso, desse modo, foi legitimada pelo espaço institucional. A fundação do Club Romeiros do Porvir, como um espaço de sociabilidades intelectuais, assim como a edição do jornal *A Liça*, organizaram-se enquanto verdadeiras comunidades interpretativas, onde os membros compartilhavam das mesmas estratégias de interpretação^[111].

Para entendermos a organização interna do grupo, recorreremos às atas das reuniões da agremiação. O primeiro documento administrativo, dessa ordem, ao

| 109 | O NOSSO APPARECIMENTO, *A Liça*, Crato, 08 de julho de 1903, número 01, p. 1.

| 110 | ALTAMIRANO, *Op. Cit.*, p. 20.

| 111 | CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In. HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

qual tivemos acesso, diz respeito a uma reunião realizada no dia 26 de julho de 1903, transcrito a seguir.

| 112 | ACTA DE
SESSÃO ORDI-
NÁRIA..., A Liça,
Crato, número 03,
p. 3.

Acta da sessão ordinária do “Clube Romeiros do Porvir” em 26 de julho de 1903. Às 7 horas da noite, como de costume, perante crescente número de sócios, foi aberta a sessão. Precedida a leitura da acta da sessão antecedente e não havendo impugnação foi aprovada. Expediente. O sr. Presidente de acordo com o capítulo IV Art. 18. § 1.º 2.º 3.º dos nossos estatutos ordena para serem distribuídas chapas para a eleição da nova directoria que tem de reger os destinos do Club durante o quadrimestre corrente. Resultado da eleição, e nova directoria do Club: Presidente Luis T. de Alcantara; 1.º Vice P. Antonio N. Pinheiro; 2.º >> >> (Vice Presidente) Arthur Barros C.; 1.º Secretario Isaias Pereira; 2.º >> (Secretário) Antonio M. Amorim; Thesoureiro J. Tavares Campos; Bibliotecario João de L e Silva; Director do Club Ernesto Piancó; Procurador Joaquim F. de Lima; Oradores effectivos: João Vianna Monteiro e Joaquim Francisco de Lima. A comissão revisora ficou composta dos socios Antonio Nogueira Pinheiro, Antonio Milfont de Amorim e Luiz Teixeira de Alcantara. Foram multados por não comparecem a sessão nem officialem os socios João V. Monteiro, João Bezerra de Menezes e Arthur Barros Cavalcante. Não havendo nada mais a tratar o sr. presidente nomeou oradores para a sessão seguinte e declarou encerrada a sessão. O 1.º Secretario Isaias Pereira^[112]

O grupo, com membros organizados entre directoria e sócios, realizava eleições quadrimestrais, de forma que havia sempre uma grande rotatividade

entre as funções da direção. Os cargos disputados para a gerência do Club eram os seguintes: Presidente, Primeiro Vice-presidente, Segundo Vice-presidente, Primeiro Secretário, Segundo Secretário, Tesoureiro, Bibliotecário, Diretor, Procurador e oradores efetivos (num total de dois). A diretoria, composta por 11 integrantes efetivos, era responsável também por propor novas atividades para compor a agenda do grêmio. Entre os citados nessa reunião e os que apareceram em outras, assim como, os lembrados na historiografia local, pudemos destacar que foram membros do grupo: Soriano de Albuquerque, José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica), Edilson Sucupira, Luiz Teixeira de Alcantara, Isaias Pereira, Joaquim F. de Lima, Ernesto Piancó, Antonio Milfont Amorim, Joaquim Tavares Campos, João de Lima e Silva, João Vianna Monteiro, Joaquim Francisco de Lima, Antonio Nogueira Pinheiro, Arthur Barros Cavalcante, João Bezerra de Menezes, José Hollanda Bastos, Antonio de Oliveira, José Mendes, Antonio Belem Sobrinho, José Bemvenuto de Figueiredo, Raimundo Gomes de Matos, Celso Gomes de Matos, Teófilo Siqueira, Manuel Belém de Figueiredo, Celso Rodrigues, Raimundo Norões, Antonio Norões, Henrique Teles e Francisco da Franca. Alguns dos membros citados, já se conheciam e compartilhavam espaços antes da fundação do grupo. Era o caso de alguns “moços” das famílias cratenses que moravam no perímetro urbano e participavam de uma vida cultural comum, como na instrução de primeiras letras.

Devemos pensar, nesse caso, que os moços, membros daquela agremiação, não se organizaram em torno daquele grupo por acaso. Laços de amizades,

relações políticas, ocupação de cargos “apadrinhados” e reuniões de famílias, permitiram com que aquele grupo se encontrasse e frequentassem círculos sociais em comum. Tomamos ainda, o Club Romeiros do Porvir como núcleo responsável pela aproximação de “moços” que se reconheciam como um grupo e que compartilhavam do mesmo capital social e cultural. Produziram, para além dos já existentes, e circularam laços relacionais levados em suas trajetórias no campo cultural, sendo possível, inclusive, traçar processos da constituição de redes de sociabilidades.

Os sobrenomes dos membros integrantes do grupo, deixa-nos perceber que eram filhos de famílias importantes da cidade, naquele período. Um dos que não era “filho” da cidade, como o caso de Soriano, ocupava o posto de Juiz substituto, como já tratamos anteriormente. Eram filhos de (em alguns casos eles próprios) farmacêuticos, negociantes, políticos, jornalistas e fazendeiros.

As redes, as quais nos referimos quando falamos das relações estabelecidas em torno do Club Romeiros de Porvir, enquanto um espaço de sociabilidade, foram entendidas por nós como um conjunto de formas de convívio entre os intelectuais do grupo dentro dos limites dessa institucionalização, mas também fora dela. A ideia de rede remete às estruturas elementares de sociabilidade em suas múltiplas formas, como nos sugeriu Sirinelli. Elas podem se alterar com o tempo, mas permanecem como forma fundamental para aprendizagem e trocas intelectuais. Sirinelli, ainda, utilizou a expressão “microclimas” para caracterizar este espaço por onde circulavam os intelectuais e se

organiza a vida relacional^{|113|}. Pensamos também, a partir de Angela de Castro Gomes, que esses espaços de sociabilidades são mais que geográficos, tratam-se, também, de um campo de trocas afetivas, através dos vínculos de amizade/cumplicidade e/ou de hostilidade/rivalidade.^{|114|}

Referente aos anos de 1900 a 1902 não foi encontrada nenhuma documentação administrativa do grupo, com isso, quanto à organização interna só foram possíveis de serem mapeados alguns indícios das ações desse grupo, graças à recorrência de citações em outros jornais que circularam na cidade do Crato e que fizeram menção a essa organização de alguma maneira^{|115|}.

Alguns dos fundadores e primeiros integrantes, identificados a partir dos relatos da historiografia local, não faziam mais parte do grupo quatro anos depois. Os motivos de todos os que deixaram o grupo não são possíveis de serem identificados pela falta de documentação. Acreditamos, ainda, que um número considerável de pessoas povoou e contribuiu para a formação daquela agremiação, sem necessariamente terem se integrado ao grupo de forma efetiva e participado das reuniões das quais as atas aqui analisadas nos deixam ler. Mesmo assim, identificamos alguns, como Soriano de Albuquerque, por exemplo, que se afastou do grupo por conta da sua mudança de cidade. Outro personagem que teria deixado o grupo logo nos primeiros anos de atuação foi Edilson Sucupira. Em matéria publicada no ano de 1901, pelo jornal *Cidade do Crato*, nos deparamos com a seguinte narrativa.

| 113 | SIRI-NELLI, *Op. Cit.*

| 114 | GOMES. Angela de Castro “Essa gente do Rio...: Os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

| 115 | Mais especificamente os jornais *Cidade do Crato* e *Sul do Ceará*.

EDILSON SUCUPIRA No gozo d'uma licença de 3 mezes, seguiu no dia 13 do corrente com sua Exma. familia para o Estado do Pará o promotor publico Edilson de Araripe Sucupira, que inas-timaveis serviços tem prestado ao partido repu-blicano de que somos órgão na imprensa. O club "Romeiros do Porvir", do qual era presidente o intelligente moço, precedido por uma banda de musica, foi incorporado, unir-se a crescido numero de pessoas da melhor sociedade cratense, que o acompanhou até certa distancia, fora da cidade. Edilson Sucupira, que possui todos os predica-dos indispensaveis ao cavalheiro distincto sempre tornou-se [ilegível] de todos que o conhecem. Prospera e feliz viagem é o que desejamos ao nosso talentoso amigo, que deixa neste Estado, donde é filho, grandes amizades e sinceras sympathias.^[116]

| 116 | EDILSON SUCUPIRA, **Cidade do Crato**, Crato, 27 de outubro de 1901, número 01, p. 2-3.

| 117 | NASCI-MENTO, *Op. Cit.* p. 97-98.

Essa viagem para o Estado do Pará se tornou em uma mudança permanente, Edilson Sucupira não voltou a compor o corpo de membros efetivos no Club, embora, tenha sido personagem impor-tante, nos anos iniciais da atuação do grupo, e tenha mantido correspondência com os membros, como pudemos identificar algumas de suas men-ções no jornal *A Liça* no ano de 1903. Ainda sobre o mesmo, F. S. Nascimento diz que José Alves de Figueiredo, contemporâneo de Sucupira como "romeiros", testemunhou verbalmente que, "o pro-fessor Edilson Sucupira foi também um cultor das boas letras no Crato do seu tempo."^[117]

Os Romeiros do Porvir constituíram impor-tante espaço de sociabilidades intelectuais no sertão carirense. Levando em consideração as definições

trabalhadas por nós, nesta pesquisa, consideramos a atuação dos membros do grupo e os entendemos enquanto intelectuais. O processo realizado neste trabalho, que nos levou a definir tais personagens como intelectuais, se difere das dinâmicas operadas no campo intelectual que se desenhou na cidade do Crato, naquele contexto. Com isso, alguns membros da agremiação permaneceram na história e memória da cidade enquanto intelectuais, embora outros, talvez, não tenham atingido a mesma façanha nem no período em que estiveram em atuação. Acontece que, a legitimação e reconhecimento, enquanto intelectual, leva em consideração as relações mantidas com pares nas redes de sociabilidades, responsáveis por definir os movimentos que ora aproximam e ora afastam os membros desse campo.^{| 118 |}

| 118 | BOUR-DIEU; CHARTIER, 2011.

A mediação cultural, realizada pelo grupo enquanto uma instituição, também pode ser identificada como preocupação central nas reuniões administrativas da agremiação.

ACTA DA SESSÃO ORDINARIA DO “CLUB ROMEIROS DO PORVIR” EM 2 DE AGOSTO DE 1903 A’ hora do costume, com a presença dos socios effectivos Luiz T. de Alcantara, Antonio N. Pinheiro, Arthur B. C., Isaias Pereira, Antonio M. Amorim. José A. de Figueiredo, José Hollanda Basto, Antonio de Oliveira, Joaquim de Lima, E. S. Piancò, J. Mendes, e Joaquim T. Campos, foi aberta a sessão. Lida a acta da sessão anterior, foi aprovada depois de pequena emenda. Expediente, constou em o Sr. presidente convidar o nova diretocria a tomar posse dos cargos para

que foram eleitos. O socio Arthur B. C. pede dispensa da multa que lhe foi imposta pelo não comparecimento á sessão passada, e como allegasse motivos justos, è dispensado. O socio J. V. Monteiro, igualmente dispensado da multa. O sr. presidente convida o tesoureiro a prestações de contas e fazer a entrego do cofre ao novo elito. O diretor do Club, faz entrego igualmente ao eleito para substituto. Officio do socio J. V. Monteiro, requerendo uma licença de 60 dias por ter de ausentar-se desta cidade, è submettido a discussão e depois a commissão revisora. O sr. presidente, expõe aos socios a necessidade que o Club tem de continuar regularmente as aulas deste, sendo necessario para isto a bôa vontade dos socios. Foi muito aplaudida a idéa do presidente. O derector da companhia dramática filial ao Club, usando da palavra expõe aos colegas a necessidade, o mais breve possivel, ser levado à scena alguma peça dramática. Usando da palavra o socio A. N. Pinheiro, pede ao sr. presidente para fazer ver aos socios que a correspondeica do Club só poderá ser recibida pelo Bibliothecario. Fallou sobre o mesmo assumpto J. T. Campos. Pedio a palavra o socio J. A. Figueiredo, e sendo-lhe concedido diz que, como encarregado do jornal “A Liça” orgam do Club, a correspondencia deste devia ser entregue a elle: Ficando pela forma seguinte – no sabado o bibliothecario entregara a correspondencia ao diretor do jornal, e este devolverá a aquelle na 3.^a feira. Parte oratória – Usou da palavra o socio A. V. O. Lima, que foi muito aplaudido. Fallou José Mendes, agradando perfeitamente ao auditorio. Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente nomeiou oradores e declara encerrada a sessão. Isaias Pereira – 1º secretário.^[119]

| 119 | ACTA DE
SESSÃO ORDI-
NARIA..., **A Liça**,
Crato, número
06, p. 4

O gosto pelas letras e pelas artes, assim como a forma consumida através da agremiação, colocavam os intelectuais dos Romeiros do Porvir como reguladores das formas de apropriação naquele contexto. Vale destacar que, nem todas as formas de apropriações das artes e das letras são reconhecidas como legítimas em dado momento, como nos sugere Pierre Bourdieu^[120]. Para isso, ainda levando em conta os apontamentos de Bourdieu, as atividades desenvolvidas pelo grupo eram dotadas de embates simbólicos e por meio das ações do grêmio buscavam formar “leitores” para esse consumo. Esses intelectuais, ofereceram formas de circulação e apropriação das letras e artes que atribuíam ao grupo à condição de fazer circular uma arte legítima, assim como, instrumentalizar as formas de apropriação. Destacamos também, o aprofundamento de sensibilidades estéticas.

| 120 | BOURDIEU, 2007.

Cabe salientar, portanto, que mais do que uma agremiação literária para o deleite e instrução dos membros, dos cidadãos que consumiam as atividades do grupo, ou um agrupamento de intelectuais em torno de um movimento literário, o Club Romeiros do Porvir foi um espaço para afirmar a distinção dos membros, a consagração de uma elite intelectual e não de uma revolução literária/estética. Aprofundar sensibilidades estéticas não significou gerar movimentos estéticos, o espaço servia muito mais para o reconhecimento entre os pares do que como um palco de vanguarda.

No entanto, o fato de comporem uma rede de sociabilidades intelectuais e fazerem parte de uma mesma instituição (comunidade interpretativa),

não significou a ausência de conflitos de desejos pessoais. Pudemos observar, a partir da ata de reunião referente ao dia 23 de agosto de 1903, que a organização também suportava diferenças.

| 121 | ACTA DE
SESSÃO ORDI-
NARIA, *A Liça*,
Crato, número 09,
p. 03.

A' hora regimental, feita a chamada de socios, verificando-se haver numero legal, sob a presidencia do cidadão Luiz Teixeira de Alcantara foi aberta a sessão. E' lida e depois de pequena emenda aprovada a acta da sessão anterior. Foi lido pelo sr. presidente da commissão revisora o parecer nº 35, concedendo licença de 60 dias ao socio João V. Monteiro com o qual concordou a casa. Sendo incompativel para membro da commissão revisora o socio Luiz Teixeira de Alcantara, foi nomeado para substituil-o interinamente Joaquim Tavares Campos. Alguns socios censuraram não ter sido publicada a acta da sessão passada; o 1º secretario deu a explicação necessaria. Joaquim T. Campos censurou igualmente com os socios o procedimento do sr. bibliotecário em **ter mandado publicar um annuncio relativamente a biblioteca em Jornal differente ao nosso organ A LIÇA.**^{| 121 |} [Grifo nosso]

Foi comum, antes da existência do jornal *A Liça*, publicações assinadas pelo bibliotecário João de Lima e Silva, do Club Romeiro do Porvir (Biblioteca Popular), no jornal *Cidade do Crato*, dinâmica que deveria ser interrompida com a publicação de um órgão do próprio grupo. Joaquim Tavares Campos, sócio do grupo desde sua instalação, parecia fazer um esforço para que as questões internas fossem mantidas da melhor maneira e também tencionou com o

próprio presidente da agremiação em reunião no dia 30 do mesmo mês, em que “fallou sobre incorreções da parte do sr. presidente no cumprimento de nossas leis”^{| 122 |}, enquanto se referia ao estatuto interno.

Mesmo com a existência de algumas diferenças e desentendimentos, os membros do Club Romeiros do Porvir compartilhavam de uma mesma origem social e dos mesmos capitais. Ou seja, partilhavam do conjunto de recursos relacionados ao pertencimento à uma rede de relações institucionalizadas onde o reconhecimento como pares, entre os agentes, ou como vinculados a determinados grupos.

Outro aspecto destacado, na organização do grupo, foi o fato de serem apenas homens os membros do Club Romeiros do Porvir. Até onde conseguimos mapear, levando em conta os meandros burocráticos e administrativos da agremiação, não tinha nada que justificasse legalmente a ausência de mulheres na agremiação. No entanto, fazia parte dos signos sociais que estavam presentes nas relações desenvolvidas naquele contexto. A partir dos exemplos expostos anteriormente, memórias de Paulo Elpídio^{| 123 |}, pudemos perceber os lugares destinados às mulheres naquele meio social, onde as suas atuações ficavam majoritariamente restritas à vida privada. Em outras agremiações, organizadas em outros estados do país, como o caso do Bloco dos XX, estudado pela historiadora Marlene de Fáveri, apresentava no próprio estatuto que lhes eram proibidos a participação de mulheres como sócias efetivas.^{| 124 |}

Os membros, daquela agremiação, também, não hesitaram em construir uma imagem de intelectualidade para os moços do grupo. No primeiro número

| 122 | ACTA DE SESSÃO ORDINARIA, **A Liça**, Crato, número 10, p. 04.

| 123 | Apresentados na primeira seção deste capítulo.

| 124 | FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido: a construção das elites-Itajaí, 1929-1960**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

do jornal *A Liça*, órgão publicado pelo próprio clube, foi noticiada uma coluna que tratava do aparecimento do jornal, como a redação apresentou, e, também, para projetar o grupo na cidade e fora dela.

| 125 | COM-
MISSÃO DO 3º
CENTENARIO,
A Liça, Crato,
número 02, p. 4.

O que observamos, foi a construção da ideia de uma cidade da cultura efetivada a partir de elementos letrados, desse modo, projetos que pensavam uma modernização apenas por vias excludentes. Civilizar por meio das letras, uma sociedade majoritariamente analfabeta, era uma posição política de exclusão ao acesso a civilização que aquele grupo entendia como o mais apropriado.

A vida pública convocada pelo grupo, também, perpassava os elementos cívicos, como pudemos notar.

COMISSÃO DO 3º CENTENARIO No salão do “Club Romeiros do Porvir” tem se reunido constantemente os membros da comissão dos festejos de 31 de julho. Tem em mente grandes projectos de decoração das ruas desta cidade.^{|125|}

Importante pensar, também, que essas atividades faziam parte ou se inseriram em um conjunto de símbolos cívicos, sustentavam a ideia de um patriotismo, uma cultura política, específicas daquela experiência.

Embora a agremiação literária tenha sido uma instituição autônoma, ou assim tenha se mostrado em sua versão pública, percebemos que girava em torno de alguns impulsos e participação política

de alguns dos seus membros. Também podemos observar, na própria organização do grupo, posições voltadas à distinção social e ao refinamento estético. No entanto, foi ideia de patriotismo que perpassou toda a apresentação do Club. A ideia de que estavam desvencilhados de qualquer posicionamento político, que pudesse comprometer a verdade e a liberdade, era a principal linha de defesa política divulgada em seus meios.

Em politica seremos inteiramente desvencilhado de qualquer partido ou facção e garantimos, desde ja, inteira imparcialidade em qualquer assumpto que tenhamos de tocar; defenderemos o direito da massa popular dentro dos limites da diplomacia até o ponto onde não suscite a affecção da nossa paz relativamente a sociedade de que somos órgão e queremos pureza da verdade.^{| 126 |}

Podemos entender tal posicionamento, ao compreender que os membros do Club Romeiros do Porvir defendiam o direito das massas ao saírem em contraposição do governo cratense, no período. Tais governantes não construíram um governo que via na participação popular uma forma de construir a República (tão “defendida” pelo mesmo grupo), mas, pelo contrário, estruturaram um governo que se auto sustentava por vias autoritárias.^{| 127 |}

Para entendermos como o grêmio se deu a ler, naquele momento, foi importante entendermos que a ideia de um órgão ultrapassava os limites do jornal e tocava diretamente na própria organização da agremiação, que julgavam ter um papel social a desempenhar naquele cenário. Com isso, ainda

| 126 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, 08 de julho de 1903, número 01, p. 1.

| 127 | Trata-se do governo do Coronel José Belém de Figueiredo, que conduzido politicamente a cidade Crato por quatorze anos. No ano de 1904 houve a deposição do Coronel Belém, tornando-se marco celebrativo e da “civilização no Crato”. Sobre esse evento: “As datas, nas quais ocorreu e se consolidou a deposição do Coronel Belém, passaram a ser comemoradas por muitos anos - 29 de Junho e 03 de julho. A primeira lembrava a tomada do poder pelos adeptos do Coronel Antonio Luiz, a segunda lembrava a legalização da deposição, com o reconhecimento, pela Assembléia Legislativa, da câmara municipal

foi veiculada a ideia de que “é quase desnecessário externarmos qualquer justificação a respeito, pois era palpitante a necessidade de um **orgão de representação** no seio da nossa sociedade”^{| 128 |}. O jornal apareceu como um elemento estratégico de projeção do grupo. Como podemos notar, os redatores mencionam o Club Romeiros do Povir como,

Uma sociedade litteraria contando quatro annos de vida e que assenta sobre uma tão poderosa peanha – a convicção arraigada, da grandeza de uma ideia, no coração da mocidade, cujo nome ainda não transpoz o estreito circuito da cidade patria, seria uma falta de energia da nossa parte se não tentássemos esta empresa.^{| 129 |}

Apresentaram-se, ainda, como pudemos notar, enquanto uma sociedade que embora tenha uma existência a ser considerada, já naquele momento, ainda estava em uma dimensão pequena de expansão das ideias que eles veiculavam, ou que deveriam, nos anos iniciais daquele século. A “empresa” jornalística foi defendida pelo grupo como sendo responsável para expandir as ações do grupo para outros lugares que ultrapassassem os limites daquela cidade, talvez, a projeção em um cenário maior, até mesmo com intenções políticas de diálogos, caras para o grupo ou para o redator^{| 130 |} do jornal, por exemplo.

A própria ideia de representação, veiculada pelo grupo, no sentido de se colocarem enquanto representantes de uma sociedade (uma elite), que precisava de alguém para falar por ela, pode ser lida

que havia sido sufragada pelo voto. [...] As representações desse movimento investiram fortemente na construção da identidade cratense, sublinhando uma característica política que seria a sua: um espírito republicano de matriz liberal. Segundo aquelas representações, o Crato deu um “exemplo de luta e triunfo contra o conservadorismo”, nome com que se denominava a truculência dos métodos políticos na barganha eleitoral adotados pelo Coronel Belém, representado no discurso político dos intelectuais como déspota e sanguinário: “o homem que se constituiu n’esta terra um elemento de completa desordem e terror”. Ou ainda: “bastilha de carne que aprisionava o espírito de liberdade dum

por nós como um posicionamento político (ou ato político) do grupo, no sentido de tomarem uma iniciativa que buscava colocar em circulação as ideias de uma comunidade interpretativa, ainda que restrito, contrariando, a própria noção de estavam “bebendo doutrinas puras”, enquanto jornal e enquanto órgão literário.

Buscamos, desse modo, entender como ocorreu o processo de formação, autopercepção e designações como intelectuais. Destacamos, principalmente, quando se colocaram nos espelhos dos outros, “o que dizem de nós”, ao mesmo tempo que “arquivaram”, nas páginas do jornal, a memória que eles queriam que fosse guardada, construída a partir da circulação de um periódico.

A participação de não sócios na companhia teatral, a organização de eventos cívicos e a publicação de um jornal, tiveram, em grande medida, o dever de formar outras pessoas, que não os membros do grupo, para consumir artes e letras. Nesse caso, colocavam em circulação representações de progresso e de intelectualidade, tomadas, em sua maioria, para fazer distinção com o sertão. A agremiação ainda organizou uma biblioteca pública com acesso livre e empréstimos de obras para leitores da cidade. A ideia de uma cidade letrada, com bibliotecas e jornais, também esteve associada às ideias de modernização que o grupo pensou para a cidade do Crato. Desse modo, o jornal, visto por nós como um elemento estratégico de divulgação das ideias do grupo, se figurou como um elemento do viver moderno, ideia destacada pelos membros

povo, (...) matava o progresso e reprimia os surtos de seu engrandecimento”. Já o seu opositor, foi representado como “propugnador do progresso, defensor dos nossos direitos, o tutelar de nossas famílias, o anjo da paz, da bonança, da prosperidade.” Portanto, mais afeito aos ideais republicanos e civilizadores.” CORTEZ, Antonia Otonite. *Op. Cit.* p. 55-56.

| 128 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, 08 de julho de 1903, p. 1. [Grifo nosso]

| 129 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, 08 de julho de 1903, p. 1.

| 130 | Destacamos o redator, nesse caso, por se tratar de José Alves de Figueiredo, que depois ingressou na vida política da

do grupo, ponto de partida no próximo capítulo, onde identificaremos a produção cultural e intelectual dos Romeiros do Porvir.

cidade do Crato, como veremos mais adiante.

Os Romeiros do Porvir:
A Liça, produção cultural e intelectual

***A Liça*: “jornal litterario e noticioso”**

O jornal *A Liça*, “órgão do club Romeiros do Porvir”^{| 131 |}, foi redigido por José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica), que ao longo de sua trajetória foi poeta, farmacêutico, jornalista, intelectual e membro da agremiação literária da qual *A Liça* era órgão. Nesta pesquisa, tomamos tal periódico como importante fonte de consulta, mas também enquanto objeto de análise nesta primeira parte do segundo capítulo^{| 132 |}, ao lermos o mesmo enquanto importante elemento intelectual/cultural da produção daquele grupo. No entanto, o jornal não é uma entidade em si. Foi necessário pensarmos o lugar social das pessoas que estavam por trás do nome de tal tabloide.

Destacamos, ainda, o esforço que realizamos, partindo das discussões propostas por Maurice Mouillaud, em entender o nome do jornal como operador simbólico, que funcionou como um olho aberto para o mundo, onde devia corresponder com os olhos dos membros do grupo, mas, principalmente, com o olho do leitor ao qual consentia o poder de ver^{| 133 |}. Para isso, pensar o título do jornal e identificar as finalidades para qual foi fundado, ajudou a entendermos o próprio contexto em que foi publicado e o programa editorial mantido pela redação.

| 131 | Frase que se repetiu no cabeçalho do jornal durante todos os números que tivemos acesso (01-12).

| 132 | Na década de 1970, o estatuto da imprensa sofreu deslocamentos fundamentais, com isso, para além da História da imprensa, que já era uma possibilidade desde o início do século XX, e uma história por meio da imprensa, reconhecendo o jornal como uma fonte histórica também naquele momento, foi possível ainda, o jornal como objeto da pesquisa no campo da História. LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: histórias dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.).

A palavra “liça”, que anteposta pelo artigo definido “a” indicou sentido individual e garantiu a nomeação do periódico aqui estudado, não tem usos tão recorrentes nos últimos anos, para isso, resolvemos abrir dicionários da língua portuguesa que estiveram temporalmente próximos ao uso da palavra para a nomeação do jornal. No **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**, publicado em 1881, o primeiro significado apresentado refere-se a palavra enquanto substantivo feminino, “logar reservado para combates, torneios, correias, etc.: O duello que ia começar era implacável e tremendo; [...] Lucta, briga, combate”. No sentido figurado a palavra ainda podia significar “logar onde se ventitam altas questões”^{| 134|}. Acrescenta-se que a formação etimológica da palavra deriva do latim, mais precisamente, da palavra *Liciae*.

Seguindo para os significados conferidos à mesma palavra no **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** de 1913, organizado por Candido de Figueiredo, percebemos que existem poucas alterações, como apresentado a seguir: “**liça**, 1 *f.* Lugar, destinado a torneios, justas, etc. Luta; briga. Torneio. *Fig.* Lugar, em que se debatem questões importantes. * Objecto de discussões graves. (Do b. lat. *licia*)”^{| 135|}. Para os principais significados encontrados ainda hoje, poucas alterações foram identificadas no sentido semântico, como pudemos identificar no **Dicionário UNESP do português contemporâneo**, organizado por Francisco Borba, onde lê-se. “**LIÇA Sf. 1** combate; luta; briga [...]. 2 torneio; competição [...]. 3 faina; labuta; trabalho.”^{| 136|} Sendo este último significado sua principal diferenciação em relação aos seus usos no final do século XIX e início do XX.

Fontes históricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153, p. 118.

| 133 | MOUILLAUD, *op. cit.*, p. 26.

| 134 | DICCIONARIO CONTEMPORÂNEO DA LINGUA PORTUGUEZA (feito sobre um plano inteiramente novo). Segundo Volume. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, p. 1061.

| 135 | FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913, p. 1190. [Grifos no original].

| 136 | BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011, p. 841. [Grifos no original].

Quando associamos os significados e os usos da palavra ao trabalho realizado pelo jornal pudemos imaginar que se tratou de um espaço de discussões, de entrar em ação e travar combates, sobre temas julgados importantes ou para assim se tornarem. No início do editorial de apresentação do jornal foi possível perceber indícios do conjunto simbólico operado pela redação. “Na expectativa de não caracterizarem o nosso procedimento de arrojo empírico, ou facto sem causa positivamente necessária **atiramos, hoje, aos ventos da publicidade o primeiro numero de ‘A Liça’**”^{| 137 |}. O verbo “atirar”, usado logo no primeiro parágrafo do introito do periódico, mobilizava um conjunto de imagens (luta, briga, combate) que deveria ser associado ao trabalho realizado pela redação e em torno do próprio nome que o jornal carregava.

Seguindo em defesa do periódico apresentado, os redatores se colocavam como “verdadeiros evangelizadores da crença de Gutenberg”,

queremos arcar pela grandeza e integridade da patria, tão ameaçada de descalabros e ruínas pela anormalidade da epocha que atravessamos e viemos nos colocar na arena onde se degladiam os velhos e laureados campeões a fim de, bebendo doutrinas puras nos esgrimir com acerto.^{| 138 |}

A ação de “colocar-se na arena” também convocava efeitos visuais (torneio, competição) que legitimava o nome do periódico ao qual apresentavam e conferiam ao espaço da imprensa a qualidade de

| 137 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, número 01, p. 1. [Grifo nosso].

| 138 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, número 01, p. 1.

arena (lugar destinado aos torneios e justas) reconhecendo o trabalho jornalístico como conflituoso, ou como o espaço de narrativas em conflito.

E sobra-nos razões porque desde o seu aparecimento tem sido a imprensa o inmenso, colossal facho que tem iluminado as nobres e transcendentais conquistas do gênio humano e, arrostando suplícios, estigmatizado o erro e conquistado a paz e a grandeza para as nações.^[139]

Uma das questões constantemente apresentadas pela redação era a importância que a imprensa ganhava nas suas ações (lugar em que se debatem questões importantes). Desse modo, pudemos perceber que seguindo a própria apresentação do periódico, a partir do editorial, na coluna “O nosso aparecimento”, identificamos os significados da palavra Liça postos a partir do trabalho e do programa que foi alimentado pelos redatores. Ainda cabia, aos que mantinham tal trabalho, “rasgar este veio que nos tem segregado do convívio dos grandes magnates da imprensa por meio da ‘A Liça’”^[140]. Como vimos no tópico anterior deste trabalho, os membros da agremiação Romeiros do Porvir se apresentavam como distantes de aspectos políticos, para isso, no jornal, órgão do grupo, a defesa de uma expressão política se resume, nos discursos proferidos, a máxima: “ao mais só seguiremos a estrela luminosa do patriotismo”^[141].

Somada a essa apresentação, o lema do jornal “Tudo pela pátria” se repetiu no cabeçalho de todos os números analisados. Embora a redação do jornal apresentasse o mesmo como distante de relações

| 139 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, número 01, p. 1.

| 140 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, número 01, p. 1.

| 141 | O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, número 01, p. 1.

políticas e “bebendo doutrinas puras”, o editor e os colaboradores mantinham relações políticas na cidade. Com isso, concordamos com Ilka Cohen, que nos sugere, ao realizar uma rápida radiografia na imprensa brasileira, raízes políticas na atividade jornalística, constituídas a partir de grupos de interesses que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações.^{| 142 |}

O enunciado “órgão do club Romeiros do Porvir”, também apresentado no cabeçalho do jornal, nos ajudou a identificar, desde as primeiras leituras, como tal ideia conferiu sentidos para a própria estrutura dos membros em torno do grupo. Um dos significados que a palavra órgão podia expressar no período em estudo, diz respeito às publicações periódicas ligadas a um grupo ou entidade. Enquanto publicação de um grupo, o órgão, nesse caso o jornal *A Liça*, estruturou em torno de sua produção, edição e circulação uma comunidade interpretativa. Para discutir essa ideia, como nos sugere Roger Chartier, precisamos entender tais estruturas operadas como comunidade de sentidos, compartilhamento de referenciais e formas de entender as ideias.^{| 143 |} Entendemos, como apresentado no capítulo anterior, que a fundação do próprio Club Romeiros do Porvir pode ser entendida como uma comunidade interpretativa, no entanto, a estruturação de *A Liça* organizou de forma mais nítida os eixos interpretativos das ideias do grupo. Com isso, defendemos a fundação de tal periódico como a legitimação dessa comunidade interpretativa, ao organizar práticas culturais e pela produção de sentidos, a partir dos interesses e desejos compartilhados pelos membros no grupo.

| 142 | COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. (In) MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103-130.

| 143 | CHARTIER, 1990; CHARTIER, 2002.

No entanto, *A Liça* apareceu somente no dia 08 de julho de 1903, assim, mais de três anos depois da fundação do Club Romeiros do Porvir. O motivo, portanto, não se justifica pela incapacidade de organização daquela agremiação, nem por “falta de energia” dos integrantes do grupo, expressão utilizada no texto de apresentação do periódico para justificar essa demora, o fato foi que os membros do Romeiros do Porvir dispuseram de outro meio para circularem suas ideias antes daquele ano.

Soriano de Albuquerque, o principal membro fundador daquela agremiação e um dos intelectuais que mais se destacou na transição do século XIX para o XX, na urbe cratense, como discutido no capítulo anterior, foi redator do jornal *Cidade do Crato*, desde a fundação desse periódico, em 27 de outubro de 1901. Assim, usou de sua posição de redator para publicar também assuntos que diziam respeito à agremiação do qual fazia parte. Já havia publicado literatura nos jornais de Recife, participado de grêmios literários, participado da vida editorial, em alguns periódicos, foi, desse modo, um dos nomes melhor recebido por José Belém, diretor político do jornal, para compor o corpo editorial daquele periódico. Com isso, junto da tarefa de redator do jornal surgiram alguns privilégios que foram muito bem aproveitados. Para os Romeiros do Porvir esses privilégios se converteram num espaço de publicação, ainda que de forma não institucionalizada, no jornal *Cidade do Crato*, a partir da sua inserção no corpo editorial.

Assim, passou a existir um espaço, naquele jornal, em que se publicavam matérias do interesse da corporação literária e que durou, pelo menos, até

o ano de 1902, prestando um serviço satisfatório para o grupo, especialmente para Soriano. Como exemplo, podemos destacar que foram realizadas publicações de textos de literários de membros dos Romeiros do Porvir em seções destinadas a literatura¹⁴⁴. Ainda cabe ressaltar que, as seções de literatura não eram a princípio demandas do programa apresentado pelo jornal Cidade do Crato, que se apresentava como jornal político do Partido Republicano Cratense.

Uma das hipóteses que levantamos ao longo da pesquisa foi que, os desentendimentos entre Coronel José Belém e Soriano de Albuquerque, discutidos no capítulo anterior, fizeram com que o mesmo deixasse o editorial daquele periódico. Devido à limitação das fontes, para comprovar tal afirmação nos apoiamos nos episódios que ocorreram antes e depois da saída de Soriano do corpo redatorial do jornal e acreditamos, portanto, ser plausíveis tais afirmações. As implicações ocorridas a partir desses desentendimentos também são responsáveis por alterar organização da agremiação, quando, por exemplo, significou a perda de um espaço de publicação e disseminação das ideias do grupo. Desse modo, tendo essas tensões ocorridas no final do ano de 1902, como discutimos anteriormente, o contato com o “público” passava consideravelmente por uma crise, comprometendo diretamente a divulgação das atividades do grupo e das aspirações literárias e intelectuais. Menos de um ano depois daquele episódio, em meados do ano de 1903, surgiu o jornal *A Liça*. Dessa vez, um jornal “órgão do Club Romeiros do Porvir” e que se tornou o espaço exclusivo para as publicações de interesse daquela agremiação.

| 144 | São exemplos, dessas publicações, um sem número de textos literários assinados por Soriano, publicados até o ano de 1902. Para citar alguns, destacamos: **Velho Campanario**, **Página Rôxa**, **O Handjar**, **Monja**, **Trecho D’Alma**, **A Sineta** e **O Côxo**.

O jornal *Cidade do Crato* continuava suas atividades e saía aos domingos. Já o órgão dos Romeiros, teve sua primeira edição no dia 08 de julho de 1903, uma quarta-feira. Embora nos dois primeiros números do jornal seja possível ler que “A LIÇA publica-se em dias indeterminados”, notamos que foram mantidas publicações semanais, todas saídas às quartas-feiras. Somente na terceira edição apareceu em destaque o fato que “A LIÇA publica-se às quartas-feiras”¹⁴⁵, sendo possível traçar a partir de então o dia das publicações e o regime periódico. Havia certa inconsistência se a empresa jornalística seria promissora ou não, os membros do grupo, principalmente os que estavam à frente da redação do periódico, reconheciam os próprios limites com o trato jornalístico. Quando lançaram mão da publicação do jornal não tinham certeza do dia da semana em que seria publicado, como seria a recepção e qual o regime periódico seria adotado para as publicações. Ainda destacamos, seguindo os ensinamentos de Heloisa Cruz, que a imprensa periódica nada tem de inocente no seu periodismo. O dia da semana em que foi publicado e a própria frequência com que as folhas circulavam nos oferecem elementos para entender o trabalho dos intelectuais na imprensa¹⁴⁶.

Embora os membros da agremiação manifestassem o desejo de editar um jornal desde a fundação do grupo, as circunstâncias adiaram por quase quatro anos tal atividade. Àquela altura dos acontecimentos, um dos principais mentores do grupo e reconhecido jornalista, Soriano de Albuquerque, já não mais se encontrava na cidade do Crato. Nesse

| 145 | EXPE-
DIENTE, *A Liça*,
Crato, número
03, p. 1.

| 146 | CRUZ,
Op. Cit.

caso, assumiu o cargo de redator-chefe do jornal José Alves de Figueiredo, personagem que apresentaremos na próxima seção deste trabalho.

Embora tenhamos destacado uma mudança na forma como o jornal era apresentado, descrito como publicado em dias indeterminados para publicado às quartas-feiras (embora todas as publicações tenham saído semanalmente às quartas-feiras, como discutido anteriormente), poucas foram outras alterações no formato e na forma com que apresentaram as edições de tal periódico. Entre os 12 números analisados, que corresponde da primeira à décima segunda edição, únicos exemplares encontrados disponíveis para pesquisa, o jornal não passou por mudanças no seu quadro, tendo se mantido praticamente o mesmo em todas as edições analisadas.

Entendemos, a partir de Maurice Mouillaud, que não deve existir uma dicotomia entre forma e sentido, nas análises de um periódico^{| 147 |}. Dessa forma, pequenas mudanças, que ora parecem mais alterações pontuais na estruturação do jornal, podem ser lidas como operações que afetam as formas e os conteúdos apresentados juntamente com as informações. Ainda devemos entender a diagramação como produto construído ao longo da história do jornal e da trajetória dos editores, pois, a produção do sentido começa com essa atividade^{| 148 |}.

Como nos afirmou Maurice Mouillaud, os discursos veiculados no jornal não estão soltos no espaço, pois estão envoltos no que ele chama de “dispositivos”^{| 149 |}. O dispositivo não é, no entanto, uma simples entidade técnica estranha ao sentido,

| 147 | MOUILLAUD, *op. cit.*

| 148 | *Idem*, p. 25.

| 149 | *Idem*, p. 29.

são matrizes (muito mais que suporte) em que se inscrevem os textos. Podendo ser resumido, nas próprias palavras do autor, como “o dispositivo prepara para o sentido”^{| 150 |}.

| 150 | *Idem*, p. 30.

| 151 | *Idem*, p. 33.

Os dispositivos se encaixam uns nos outros. O Jornal, por exemplo, se inscreve em um dispositivo geral que baliza suas ações, no entanto, ele próprio contém dispositivos que lhes são subordinados, como as seções e as colunas que são mantidas pelo mesmo, como forma de organizar os textos que lhes são produzidos e colocados em circulação. O dispositivo precede, comanda a duração e a extensão, mas não significa, contudo, a passividade do texto. Existe uma relação dinâmica entre texto e dispositivo, um é o gerador do outro. Consideramos essa relação do ponto de vista genético e identificamos uma antecendência invertida de uma para o outro^{| 151 |}. O texto jornalístico, apresentado nas páginas do jornal *A Liça*, tal como publicado, ajudou a definir a própria estrutura, os dispositivos, que foram construídos na edição do jornal, no entanto, foram escritos a partir de matrizes (dispositivos) que precediam sua forma e seu sentido, antes mesmo de ser pensada tampouco a primeira palavra.

Para pensar a própria estrutura em que o jornal era diagramado destacamos, na página seguinte, a “Imagem 01”, correspondente a primeira página do segundo número do jornal, editado em 15 de julho de 1903. Embora tenhamos partido de uma edição como exemplo, as considerações realizadas em torno da estrutura do jornal corresponde a todos os números analisados, tendo em vista que não houve

mudanças na forma da organizar as publicações, nem tampouco na cartografia do jornal (forma com que as publicações eram alocadas no quadro).

O jornal era impresso em quatro páginas e organizado em três colunas. Não conseguimos identificar quais as dimensões físicas em que o jornal circulou e qual o tipo de papel em que foi impresso, pois tivemos acesso apenas a uma versão disponível em microfimes, na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel na cidade de Fortaleza.

Na primeira página, o cabeçalho foi organizado em forma de mosaico, foram alocadas várias frases enunciativas, capazes de atribuir representações aos membros do grupo Romeiros do Porvir, assim como, ao jornal órgão de tal agremiação. “Jornal literário e noticioso”; “Órgão do Club Romeiros do Porvir”; “Redigido por uma turma de Clubistas”; “Tudo pela Patria”. Ainda foi acrescentado ao cabeçalho, no terceiro número do jornal e mesma edição em que foram fixadas as publicações semanalmente nas quartas-feiras, o fato do trabalho realizado no jornal ser “Collaborado por diversos moços do nosso meio”.

Ainda na primeira página, após o “expediente do jornal”, em que apareciam informações sobre a circulação, assinaturas e endereço para envio das correspondências, a primeira coluna era complementada pelo artigo de fundo, geralmente o texto visto, pelos redatores, como o mais importante naquele número. Geralmente, esses artigos tomavam todas as três colunas da primeira página, algumas vezes invadiam a primeira coluna da segunda página. Os

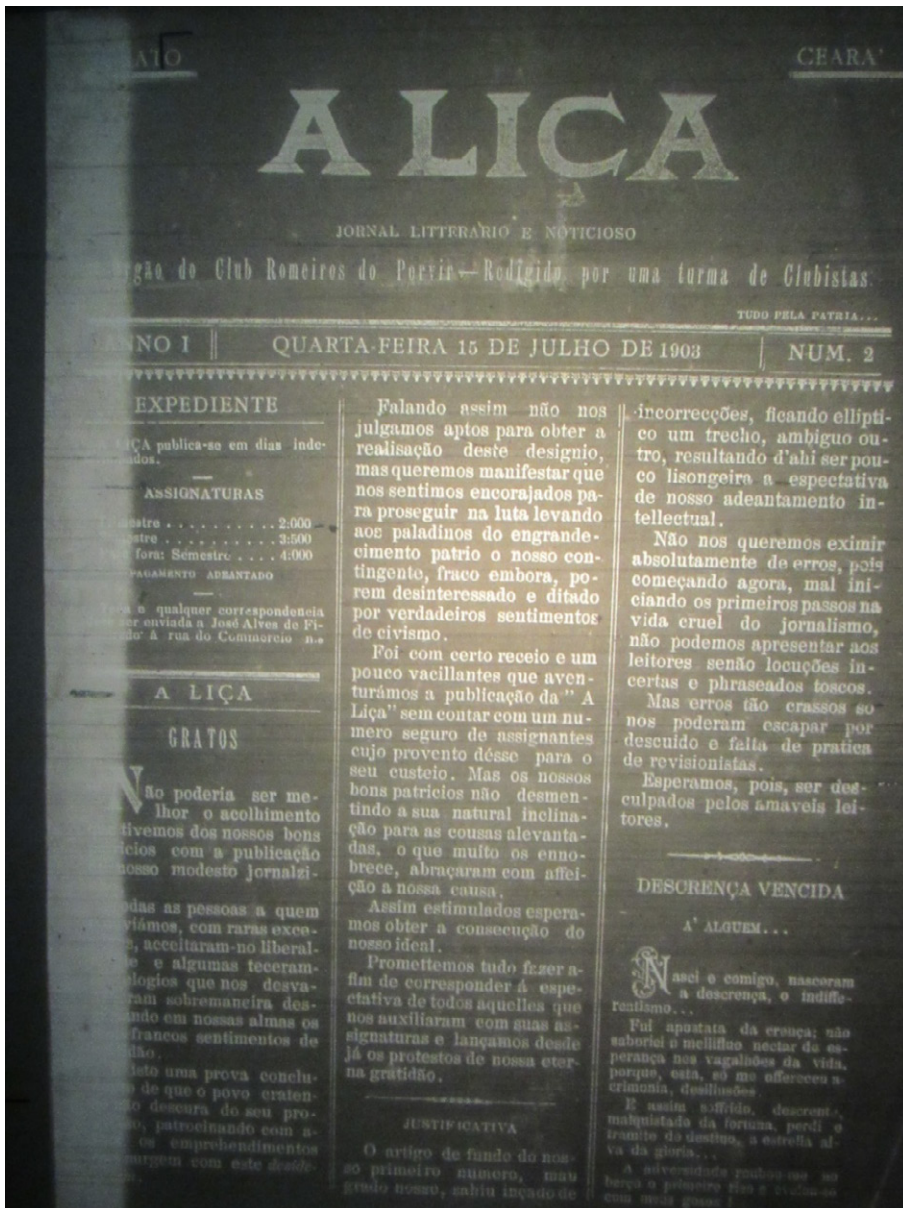


Imagem 01 - Jornal *A Lica* número 2. Publicado em 15 de julho de 1903. Disponível no setor de microfilmagens da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel - BPGMP.

artigos de fundo contemplavam o caráter noticioso mantido pelo programa do jornal e foram também os textos de maior empenho intelectual produzido pelos redatores do jornal.

As segundas páginas, em de cada edição, sempre foram inteiramente dedicadas para a publicação de textos literários. Nas raras vezes, quando os artigos de fundo não completaram a primeira página, estas foram iniciadas ainda na primeira de abertura. Alguns os textos literários eram de autores caririenses, em raros casos de membros dos Romeiros do Porvir, no entanto, a seleção era realizada para as publicações a partir de autores que tinham envergadura nacional, já naquele período.

Na terceira página mantinham-se as publicações literárias, no entanto, eram retomados textos de produção intelectual e discussão com caráter noticioso. Em alguns casos, nessa terceira página, era reservada apenas o “rodapé” da página para a publicação de literatura, que ganhava um caráter folhetinesco. A última página, embora ainda mantivesse alguns trechos literários, para completar o quadro e fechar os textos iniciados na página anterior, era destinada majoritariamente para anúncios.

No final da última página, abaixo da terceira coluna, mas já fora das margens editáveis, sempre era transcrita a mesma frase: “Typ. da ‘Cidade do Crato’”. Esta tipografia pertencia ao Cel. José Belém e mesmo depois dos episódios entre Soriano e o proprietário da tipografia as publicações foram garantidas naquele espaço de impressão. A tipografia “Cidade do Crato” e a instituição jornalística

do mesmo proprietário, que levava o mesmo nome, conseguiram articular relações de sociabilidades, aparentemente, extrapolaram o caráter político-partidário. Destacamos aqui, o fato dessas relações não se encerrarem numa questão “profissional”, da impressão do jornal órgão dos Romeiros do Porvir por aquela tipografia. Foi possível identificar a troca de informações, entre os jornais, para utilizarem em suas publicações, assim como, elogios mútuos que foram propagados nas páginas das diferentes instituições jornalísticas, melhor discutidas na segunda seção deste tópico.

| 152 | CRUZ, *Op. Cit.* p. 95.

| 153 | *Idem*, p. 109.

Fazer jornal, segundo Heloisa Cruz, tornou-se no final do século XIX e início do século XX, principalmente nas cidades mais desenvolvidas, uma das atividades centrais dos grêmios escolares e de associações recreativas, fossem essas dançantes, artísticas e literárias. Pois, reunir-se para dançar, formar grupos dramáticos, musicais, ler e escrever literatura, foram também oportunidade de escrever e fazer imprensa^{| 152 |}. Ainda segundo a mesma autora, no universo da imprensa periódica, principalmente as folhas editadas pelas agremiações citadas, faziam muitas vezes o uso da palavra “literário” como subtítulo, exemplo do jornal *A Liça* (aqui estudado), ou se remetiam como folha literária. Entre os campos do comercial, satírico, esportivo, noticioso, político, dentre outros, tais adjetivações não indicavam apenas aberturas para o campo da literatura, mas das artes em geral^{| 153 |}.

A Liça foi organizado, principalmente, a partir de dois eixos interpretativos. O primeiro, se apresentou como literário, pois na condição de órgão de

uma corporação literária e cultural, ficou marcado nesse âmbito o desejo de se mostrarem como consumidores de uma literatura legítima e de boa qualidade; o segundo, enquanto noticioso, esse eixo nos permitiu identificar a preocupação de definir a região do Cariri como espaço privilegiado e a organização da cidade, principalmente, os aspectos do desenvolvimento e o viés dos elementos modernos.

| 154 | CHARTIER, 1992, p. 183.

Nesses termos, entendemos que os intelectuais não apenas produziram sentidos ao escrever e fazer circular determinadas representações, mas, também, legitimaram determinadas práticas culturais. Orientar as formas de ler o mundo e as artes serviu de exemplo para tais exercícios, que foram articuladas em torno de uma agremiação literária, mas efetivamente a partir da publicação do jornal *A Liça*.

O jornal foi lido por nós como um objeto cultural, publicações que fizeram circular ideias válidas para o grupo Romeiros do Porvir. Vale destacar, também, que as representações colocadas em circulação nesse periódico foram formas de legitimar as apropriações dos membros da agremiação enquanto grupo, mas que foram dadas a ler como instrumento cultural e político^{| 154 |}.

Ainda buscamos entender o jornal enquanto um elemento estratégico para a agremiação, responsável por produzir a imagem de intelectuais para os membros do grupo, principalmente, para os que estavam diretamente envolvidos com a edição do jornal. Não pouparam de veicular em torno de si imagens que fortaleciam aspectos letrados e cultos para a manutenção da sociedade literária.

O jornal foi escrito e redigido a partir das demandas que o próprio grupo identificava para o desenvolvimento das suas atividades, no entanto, os interesses também são justificados pelo lugar social dos agentes que operaram a comunidade interpretativa em que estavam inseridos. Para isso, buscamos, na seção seguinte, entender como a figura do redator dialogou com o grupo para manter a edição de um órgão da agremiação, mas também como forma de manutenção dos seus interesses pessoais.

| 155 | NASCIMENTO, *Op. Cit.*
p. 100.

José Alves de Figueiredo: a mão do autor/redator e a escrita social

Poeta, jornalista e contista, o boticário José Alves de Figueiredo foi por quase cinquenta anos o príncipe das letras do seu torrão natal. Contemporâneo de Soriano de Albuquerque.^{| 155 |}

José Alves de Figueiredo, conhecido popularmente como Zuza da Botica, se inscreveu como intelectual nos primeiros anos do século XX. Suas relações pessoais, tão quais as relações políticas que estabeleceu ao longo de sua vida, foram importantes para a construção de sua imagem como homem público, mas foi como “príncipe das letras” que demarcou seu lugar no campo intelectual e se apresentou como escritor de envergadura durante a primeira metade do século XX.

Zuza da Botica cursou apenas escolas primárias. Como apresentado por José Bonifácio de Sousa, em nota biográfica traçada no Registro Bibliográfico

Cearense, foi ele verdadeiro autodidata, ao dedicar poucas horas por dia para estudar, das que lhe sobravam do trabalho^{| 156 |}. Foi farmacêutico prático licenciado e proprietário da Farmácia Central do Cariri, apresentada no capítulo anterior deste trabalho, onde conviveu, quase que num ritual ilustrado, com outros intelectuais e letrados que sempre frequentavam a roda de conversa nas calçadas da Farmácia. Segundo J. de Figueiredo Filho, a Botica de Zuza “foi autêntica forja jornalística e de escritores” e “que ficará nos anais cratenses como verdadeiro centro literário antigo da cidade”^{| 157 |}.

Figueiredo Filho destacou, ainda, a constante presença de bacharéis e médicos que mantinham contato com o estabelecimento do seu pai. Entre os médicos ele faz questão de destacar aqueles que construíram amizades mais duradouras com o velho Zuza. Foram eles:

Dr. Dario Peixoto, Dr. Álvaro Fernandes, Dr. José Furtado Filho, Dr. Elísio Gomes de Figueiredo e Dr. Irineu Pinheiro, escritor de nomeada e que só abandonou a rodinha da Farmácia Central quando o progresso eliminou, transferindo para os cafés e bares da cidade.^{| 158 |}

Alves de Figueiredo foi o redator-chefe do jornal *A Liça*, sua maior contribuição no Club Romeiros do Porvir, mas também momento importante para sua inscrição, naquele cenário, como autor e redator. Na imprensa, ele se fez um homem político, Figueiredo Filho destaca sobre a atuação do mesmo com as seguintes frases, “o forte de meu

| 156 | SOUSA, José Bonifácio de. Registro Bibliográfico Cearense. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958.

| 157 | FIGUEIREDO FILHO. José Alves de. Explicando. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

| 158 | *Idem*, s/p.

pai na imprensa foi a polêmica. Investia contra o adversário com argumentos bem seguros e sem dó nem piedade.”^{| 159 |} Na redação do jornal *A Liça*, talvez, essas polêmicas não tenham se manifestado de forma tão evidente, embora no próprio título do jornal fosse veiculada a ideia de um órgão que se colocava numa arena pronta para combate.

| 159 | *Idem*, s/p.

| 160 | *Idem*, s/p.

| 161 | *Idem*, s/p.

“Tomou êle parte nas lutas principais do Crato, nos primeiros decênios do presente século (refere-se ao século XX)”^{| 160 |}. Esteve presente de forma ativa na luta que ajudou na derrubada do Cel. José Belém de Figueiredo, fazendo frente com publicações na imprensa, e foi juntamente com Raul Carvalho, a frente do jornal *Correio do Cariri*, contra o jornal *O Rebate*, da povoação de Joaseiro, nas vésperas daquele distrito separar-se do município de Crato, que fez corpo contra a independência política daquele distrito. Outro episódio que mereceu destaque, diz respeito, ao fato de ter sido, segundo seu filho,

injustamente prêso, no tempo nefasto do Estado Novo, por ordem do Chefe de polícia de então, pelo simples crime de ter feito opúsculo elogioso ao Beato José Lourenço, pobre vítima da ignorância do meio sertanejo.^{| 161 |}

A defesa de que os membros dos Romeiros do Porvir estavam distantes de qualquer posicionamento político, principalmente os partidários, são constantemente desfeitas quando analisamos as formas com que os mesmos membros se inseririam

no meio social. José Alves de Figueiredo, por exemplo, esteve desde os primórdios de sua atuação jornalística a serviço de ideias políticas.

A estreia de José Alves de Figueiredo na imprensa se deu com a fundação e publicação do jornal *A Semana*, em abril de 1901. Alguns meses depois, em 03 de julho do mesmo ano, se tornou o periódico *Sul do Ceará*, mantendo três dos quatro redatores, Esmeraldo Sobrinho, Assiz Moreira e José Alves de Figueiredo, sendo acrescentado ainda Antenor Madeira. O jornal *Sul do Ceará*, manteve grande circulação em todo o estado do Ceará durante o período que foi editado e manteve polêmicas políticas com o jornal *Cidade do Crato*, sobretudo, na luta política contra o Coronel José Belém.

Outra polêmica política, como já assinalamos, foi mantida por José Alves de Figueiredo no jornal *Correio do Cariri*. Esse jornal, Órgão do Partido Republicano Cratense, tinha como diretor político o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno. Antônio Luiz Alves Pequeno, o terceiro na sua família com mesmo nome, foi o líder do movimento responsável pela derrubada do coronel José Belém, em 1904, assumiu, assim, o poder naquele momento. José Alves de Figueiredo, assim como os Romeiros do Porvir, também marcharam contra José Belém e foi por essas afinidades políticas que Alves de Figueiredo passou a compor o corpo da redação do jornal, tornando-se, mais tarde, redator-chefe daquele órgão. Somavam-se ainda, em torno dessa edição, nomes como Antonio Nogueira Pinheiro (gerente), Hermínio Botelho (redator) e Raul Carvalho (redator), que estiveram

juntamente com Alves de Figueiredo em defesa da cidade do Crato nas brigas políticas mantidas com o jornal *O Rebate*.

Antônio Nogueira Pinheiro fez parte das redes de sociabilidades estabelecidas por Alves de Figueiredo compostas na imprensa, também foi seu companheiro de redação no jornal *O Araripe*, órgão independente, literário e noticioso publicado no ano 1919. Outro nome importante em sua vida jornalística foi o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno que também foi chefe político do *Crato-Jornal*, semanário político, literário e noticioso publicado em 1925. Na redação deste último jornal, Figueiredo teve a honra também de trabalhar com Gerson Zábulon, amigo de longa data e que sempre estava presente nas rodas de conversa da botica, como nos assinalou Figueiredo Filho, em suas memórias^{| 162 |}.

A Liça, jornal aqui estudado e editado por Alves de Figueiredo, foi o segundo com esse nome na cidade do Crato. Em 1896 circulou um periódico manuscrito, dos alunos do Seminário Diocesano, que tinha o mesmo nome, não temos informações adicionais para identificar o corpo editorial desse primeiro periódico, mas os resquícios apresentados nos deixam perceber que não existe nenhum vínculo ou continuidade entre os dois programas. A partir dos estudos realizados por Otonite Cortez, ainda, foi possível perceber que foi comum a repetição de nomes de jornais^{| 163 |}. Além do Jornal *A Liça*, segundo periódico editado na cidade do Crato e tendo como José Alves de Figueiredo, os jornais *Correio do Cariri* e *O Araripe*, também tiveram

| 162 | FIGUEIREDO FILHO, 1996.

| 163 | CORTEZ, Antônio Otonite de Oliveira. 2000.

periódicos com os mesmos títulos no século XIX, *O Araripe* (1855-1865), sendo o primeiro jornal publicado na cidade do Crato, e no interior do Ceará, e o *Correio do Cariri*, publicado em 1892.

A atuação de José Alves de Figueiredo como redator do jornal *A Liça* não foi seu trabalho de maior destaque no meio jornalístico da cidade do Crato^{| 164 |}, no entanto, foi o trabalho que mais o aproximou do campo intelectual, em gestação, naquele período, tanto pelo envolvimento nas redes de sociabilidades em torno do Club Romeiros do Porvir, o que fez compartilhar os desejos e anseios com outros intelectuais, mas também por ter assumido o lugar de redator-chefe de um órgão da imprensa, sobre o qual fez alguns de seus desejos circularem nas páginas impressas.

Por isso, a partir dos ensinamentos de Maurice Mouillaud, entendemos que os sujeitos que falam por trás e em nome do jornal devem ser o ponto de partida para estudar os enunciados que estão nas fontes jornalísticas. O jornalista, redator, colunista não estão diretamente conectados com fatos e sim com falas.^{| 165 |} Com isso, entendemos o trabalho do redator de um jornal, como é o caso de Alves de Figueiredo, conectado com as falas que ele, enquanto sujeito, enunciou, mas, principalmente, com falas que se conectou a partir dos espaços de sociabilidades que frequentava.

Desse modo, pensamos que os Romeiros do Povir falavam em nome do jornal, enquanto instituição, mas a principal voz que ecoava, por trás das colunas jornalísticas, era a de José Alves de Figueiredo,

| 164 | O trabalho jornalístico de maior envergadura, pelo menos, o mais conhecido e citado, realizado por José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica), pode ser encontrado nas páginas do jornal *Correio do Cariri*. Para além do longo período de tempo que ficou na redação do jornal, mais de seis anos, foi responsável por manter uma querela política estruturada nos movimentos de independência do Povoado de Juazeiro. Zuza da Botica, um dos redatores principais do periódico, defendia a unidade da cidade do Crato e era contra a autonomia, do então, povoado de Juazeiro.

| 165 | MOUILLAUD, *Op. Cit.* p. 25.

que se colocava como representante do grupo, frente aquela atividade, como alguém engajado com uma escrita social que levava em conta os rumos da cidade do Crato, mas também sua trajetória pessoal enquanto intelectual.

Figueiredo, responsável por conectar falas e mediar, através do jornal, também se projetou enquanto autor/escritor a partir dos editoriais publicados nas colunas mantidas pelo periódico. Usando os meios que lhe estavam disponíveis, na condição de redator-chefe, amenizou a “complexidade do processo de publicação”, tornando o processo que tende a distanciar a mão do autor da mente do editor em ações quase correspondentes^{| 166 |}. Ainda entendemos, a elaboração da autoimagem de autor dependeu dos meios e recursos que lhes eram disponíveis. Desse modo, levava em conta, também, segundo os ensinamentos de Rodrigo Ribeiro, o desejo de autoafirmação e posteridade.^{| 167 |}

Os textos escritos para a redação do jornal, órgão do Club Romeiros do Porvir, e também àqueles produzidos para outras instituições jornalísticas, do qual fez parte do corpo redatorial, foram utilizados por Zuza da Botica como elementos essenciais para sua identificação como autor. Essas afirmações e reconhecimento foram consolidadas anos mais tarde com a publicação de um livro de contos e crônicas, **Ana Mulata**, publicado em 1958.

Ana Mulata foi o primeiro livro publicado pela Coleção Itaytera, pensada pelo Instituto Cultural do Cariri (ICC) como espaço para a projeção e consolidação de autores regionais, como própria nota explicativa, transcrita a seguir, nos deixa perceber:

| 166 | CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Trad.: George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014, p. 12.

| 167 | RIBEIRO, Rodrigo Alves. **“Releve, pois, a falta de minhas respostas...”**: interfaces entre as cartas e os livros de Gilberto Freyre [1933 – 1978]. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015, p. 13.

O Instituto Cultural do Cariri inicia novo setor de suas múltiplas atividades. Lança o primeiro livro da COLEÇÃO “ITAYTERA”. Desde o aparecimento de nosso órgão oficial, com a repercussão que obteve, não só na região, como em centros culturais adiantados, notadamente em Fortaleza, que, no Instituto, alimentamos a idéia de editar livros de autores caririenses, residentes aqui, ou que militem, no campo da inteligência, em outras paragens.¹⁶⁸

| 168 | FIGUEIREDO FILHO. José Alves de. Explicando. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

O “órgão oficial”, ao qual se referem no trecho anterior, diz respeito a *Revista Itaytera*, periódico fundado no ano de 1955 e que tinha números que saíam anualmente, a revista ainda continua sendo editada no mesmo regime periódico, apesar de ter sido suspensas suas atividades durante alguns anos. A *Revista Itaytera*, também, foi um espaço de divulgação dos trabalhos intelectuais de membros do ICC, mas parece que o lançamento de uma coleção de livros servia melhor ao propósito de publicar autores e reconhece-los enquanto tais.

Segundo José Alves de Figueiredo Filho, que a época era presidente do ICC e assinou a nota explicativa transcrita acima, a escolha do livro para abrir a coleção o Instituto não teve nenhuma relação pessoal, apenas o mérito foi levado em consideração para atender os propósitos da mesma.

Para dar início à COLEÇÃO “ITAYTERA” foi escolhido o livro de contos e crônicas “ANA MULATA”, de autoria de meu genitor José Alves de Figueiredo. Não fui eu quem o preferiu.

Quando, pela primeira vez, se ventilou, em sessão ordinário do Instituto Cultural do Cariri, lançar-se a série de livros de autores regionais, todos os presentes foram unânimes, concordando em começá-la com obra inédita de meu pai, ainda não publicada por falta de editor. Nela são focalizados, por observador consciente e estudioso, assuntos da vida passada do Cariri, notadamente de Crato, centro de importante região onde se desenrolaram grandes movimentos que tanto enriquecem a história tão colorida da terra cearense.^[169]

J. de Figueiredo Filho, como já assinalamos, era presidente do ICC quando Coleção Itaytera foi possibilitada e colocada em circulação. Na defesa que realiza a manifestação para dizer que não foi sua palavra que garantiu a publicação do livro do pai, deixa implícito que se tratou de uma proposta dele, quando os outros “presentes foram unânimes, concordando”, e usou do lugar de destaque, presidente do Instituto, mas também da condição de intelectual respeitável, naquele período, para através do poder simbólico que representava garantir a aprovação de tal livro como primeiro da coleção.

Seguindo o pensamento de Antônio Cândido, em prefácio famoso sobre a Crônica, pensamos que ela não foi produzida originalmente para o livro, na Crônica não se tem pretensão de fazer um texto para durar^[170]. Levando em conta que **Ana Mulata** é uma obra composta, majoritariamente, por Crônicas, algumas escritas mais de 30 anos antes da publicação do livro, o conteúdo não justificava, em si, o mérito para tal publicação, logo, pensamos

| 169 | *Idem*, s/p.

| 170 | CANDIDO, Antonio. À guisa de introdução: A vida ao rés-do-chão. IN: CANDIDO, Antônio [et. al.]. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas (SP): Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro (RJ): Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

que as relações externas, mantidas tanto por Alves de Figueiredo, como por Figueiredo Filho, foram determinantes na decisão de publicar tal livro.

Vale destacar que, tal obra deveria ter saído com outro título, “crônicas sertanejas”. Em nota biográfica, que José Bonifácio de Sousa fala da trajetória e obra de Alves de Figueiredo, transcrita na primeira parte do livro **Ana Mulata**, ao mencionar os trabalhos bibliográficos, diz que tal autor já tinha publicado à época um folheto sobre o beato José Lourenço, mas que ainda sairia outra obra sob o título de “crônicas sertanejas”. Em nota de fim, acrescentada pelos editores do livro aos traços biográficos escritos por Bonifácio, foi possível identificar que tal livro a ser publicado sob o título citado era na verdade **Ana Mulata**, lemos o seguinte: “O livro de José Alves de Figueiredo deveria sair com o título ‘CRÔNICAS SERTANEJAS’. Para lhe dar maior significação foi mudado para ‘ANA MULATA’ (CONTOS E CRÔNICAS).”^[171]

Não sabemos em qual contexto o novo nome foi utilizado para “lhe dar maior significação”. “Ana Mulata”, título do livro, também é nome de um conto que se encontra publicado nas páginas da mesma obra. O texto conta a aventura de um romance do narrador, quando ainda jovem, lembranças ativas anos depois e movidas por um reencontro inesperado com um amor do passado. No entanto, imaginamos que o título “Crônicas Sertanejas” associasse o conteúdo diretamente às espacialidades entendidas como sertão. Visto que, a maior parte das crônicas narram episódios

| 171 | SOUSA, José Bonifácio de. Registro Bibliográfico Cearense. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

vivenciados na cidade do Crato essas associações não convergiam para as representações elaboradas até então, pois, como veremos no próximo capítulo deste trabalho, o movimento intelectual da cidade do Crato tentou criar representações para afastar o território caririense das concepções de sertão.

Segundo Figueiredo Filho, “outro fator que influenciou decididamente para a ilustração de meu pai, para muitos conhecido então simplesmente por Zuza da Botica, foi o charadismo”.^[172] Essas atividades contribuíram também na formação do mesmo como escritor, no entanto, suas publicações em almanaques e revistas, editadas em outras cidades, não se restringiram apenas à assuntos ligados ao charadismo. Para tais publicações utilizou-se do pseudônimo “Gastão de Lorena”, como na publicação do soneto “O trem”, possivelmente, segundo Figueiredo Filho, publicado pela primeira vez no “Almanaque Luso- Brasileiro”.

| 172 | FIGUEIREDO FILHO. José Alves de. Explicando. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

Do correr no fantástico bailado
Bufa o centauro no seu leito de aço,
Grossa espiral de fumo para o espaço
Sopramos qual o sinistro monstro irado.

E avança, avança! Audaz, desesperado,
Galgam da serra o tímido espinhaço,
Mergulha após dos vales no regaço,
Vence a floresta, vence o descampado!

No entanto, às vezes do vagão olhando
Supomos que rios, píncaros e ramos
Vão ao contrário rápidos voando...

Embalados também não raro andamos
No vão pensar que o tempo vai marchando,
Quando êle é que se fica e nós nos vamos...^[173]

| 173 | *Idem*, s/p.

O trem e a estrada de ferro foram assuntos que também estiveram presentes na vida de José Alves de Figueiredo e em toda sua produção intelectual. Dos jornais editados no início do século XX, aos seus textos escritos décadas depois, a figura do trem, guiado pela estrada de ferro, representava o progresso, a resolução de problemas e a ordem do espaço na civilização. E, talvez, como nenhum outro elemento do viver moderno, “vence a floresta, vence o descampado!”.

O desejo pelo progresso, manifestado nos escritos, mas também nas ações de Zuza da Botica, foram expressões de um tempo em que o novo, o “porvir” e a civilização eram as palavras de ordem. Veremos adiante, ainda nesse capítulo, como o Club Romeiros do Porvir pensou os elementos do moderno a partir das publicações do jornal *A Liça*. Zuza da Botica, ainda desempenhou papéis institucionalizados na vida política da cidade do Crato, onde exerceu o mandato de vereador, em mais de um período, e o de prefeito municipal, nos anos de 1925 e 1926, onde se apresentou como defensor do progresso na cidade.

Um dos episódios que se destacou na sua luta em defesa da civilização na cidade do Crato, quando prefeito, diz respeito ao fato de ter proibido, ou pelo menos tentado proibir, apresentações das bandas cabaçais no perímetro da cidade. As bandas cabaçais,

bandas de pífanos e/ou bandas de couros, como são conhecidas no Cariri cearense, são formadas por um conjunto de instrumentos de percussão e sopro, constituído por zabumba, bombo (tambor de couro), caixa (também produzida com couro) e pifes de taboca, tocados na vertical ou horizontal. Segundo Rosenberg Cariry, ainda podemos entender que as bandas cabaçais “mesclam as diferentes influências dos povos ibéricos, negros e índios”^[174], características que em alguma medida representavam o atraso e a tradição. Figueiredo Filho, ao escrever texto sobre as bandas do Cariri, destacou.

a luta do progresso contra o passado é bem árdua. Meu pai, José Alves de Figueiredo, quando prefeito, tentou proibi-las na cidade (refere-se as bandas cabaçais). Naquele tempo, tudo que não vinha de fóra, não estava de acordo com a civilização que começava a penetrar no interior. Não podíamos, de forma alguma, apresentar-nos ao visitante, vindo do litoral, com músicos tão bisonhos e primitivos. O estudo de folclore estava ainda bem em seu início. A tradição apresentava-se como inimiga número um do progresso.^[175]

Podemos entender, seguindo os estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que as formas de ver e de dizer o regional, o popular e a tradição, nas construções discursivas no Nordeste brasileiro, foram apropriadas por políticos e intelectuais que utilizaram desses discursos para apontar valores culturais para uma região e estabelecer uma unidade identitária^[176]. A partir do caso citado, em que podemos

| 174 | CARIRY, Rosenberg; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa**: estudos e reportagens. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982, p. 124.

| 175 | FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Bandas Cabaçais do Cariri. **Revista Itaytera**. Crato, n° 1, ano I, 1955, p. 109-110.

| 176 | ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

observar a forma como Alves de Figueiredo se posicionou contra as bandas cabaçais e em nome do progresso e civilização, as formas de apropriação realizadas por esses intelectuais não se deram de forma uniforme. Nesse caso, em específico, o elemento letrado deveria servir como ponto de identidade e distinção na cidade do Crato ao longo dos anos 1920, pois, entendemos que a fabricação do folclore e da cultura popular naquela cidade somente passou a ser vista com tais intenções anos mais tarde.

A trajetória de José Alves de Figueiredo somente foi possível ser lida se entendermos que ela esteve inscrita socialmente na forma como se inseriu no campo intelectual na cidade do Crato e como usou seus capitais sociais e culturais para se relacionar com outras pessoas. Das querelas políticas, desenvolvidas no meio jornalístico, às crônicas escritas a partir de suas memórias, devemos compreender que sua escrita foi marcada pelo lugar que ocupou ao longo de sua vida e sua construção como intelectual.

Alves de Figueiredo, nas palavras de Figueiredo Filho,

foi prefeito de Crato, sempre primando, em época de agitação constante, por seu espírito de tolerância na política partidária. Na qualidade de administrador, realizou algumas obras de vulto, dentro de minguado orçamento de então. No entanto, foi sobretudo como jornalista, escritor e poeta, que a obra de meu pai se tornou valiosa para a coletividade do Cariri e do Ceará.¹⁷⁷

| 177 | FIGUEIREDO FILHO. José Alves de. Explicando. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

Obra que foi orientada pelo mesmo, em grande medida, como deveria ser lida e consumida. Embora tenha assumido cargos no meio político institucionalizado fez questão de apresentar-se como intelectual. O desejo de ser lido enquanto um intelectual, também, foi compartilhado por “diversos moços do mesmo meio”, prova desse fato é a forma como ele, juntamente com outros membros dos Romeiros do Porvir, a partir do jornal A Liça, realizaram a manutenção de uma coluna intitulada de “o que dizem de nós”, onde além de arquivarem as memórias desejadas, para serem inscritas no meio social, se davam a ler no cotidiano.

| 178 | O QUE
DIZEM DE NÓS,
A Liça, Crato,
número 02, p. 3.

“O que dizem de nós?”

A LIÇA

<<Recebemos o numero 1 deste novo campeão da imprensa cratense. E’ um interessante jornalzinho de regular formato que atesta bem a força da nossa mocidade que se soergue em generosos impulsos de amor pátrio. Traz bonitos trabalhos e um bem elaborado artigo-programma. São seus redactores uma turma de moços do Club ‘Romeiros do Porvir’, a cuja frente se acha o nosso estimado confrade pharmaceutico Alves de Figueiredo que muito lisongeiramente já é conhecido nos torneios da nossa imprensa local. Conta mais com a colaboração de diversos moços do nosso meios. Agradecendo a gentileza, auguramos ao novel collega vida longa e proveitosa. >>|¹⁷⁸|

“O que dizem de nós”, coluna mantida pelo jornal *A Liça*, foi um espaço destinado pela redação do periódico para a transcrição e mediação de discursos veiculados em outros meios de comunicação, que faziam referência ao jornal e seus redatores. Tais discursos, eram entendidos pelos redatores como apropriados para se construírem enquanto intelectuais, assim, colaboravam para a legitimação do órgão jornalístico como confiável e bem elaborado. Embora tal seção não tenha sido publicada em todos os números, ela sempre era retomada, parece que as boas notícias e as críticas positivas, a respeito do jornal *A Liça* e dos Romeiros do Porvir, não cessavam. Logo no segundo número, publicado pelo hebdomadário, como pudemos notar no trecho acima citado, foram transcritas críticas positivas do trabalho realizado pelo órgão, publicadas, inicialmente, no jornal *Cidade do Crato*, periódico que circulava no mesmo período naquela cidade.

A seção destinada às transcrições das críticas sempre foi organizada, também, a partir daqueles que “dizem de nós”. O que diziam era tão importante quanto quem dizia. Pois, nas publicações dessa coluna os editores do jornal não poupavam os adjetivos sobre aqueles que falavam sobre o grupo.

Sobre o nosso aparecimento na arena jornalística a ‘Cidade do Crato’ valente e bem redigido campeão de imprensa local inseriu em sua edição de 12 de julho a notícia que com muito prazer e imensamente reconhecidos transcrevemos para nossas columnas:[...] Muito nos desvanecem conceitos

desta ordem quando são emanados de pessoas competentes como os inteligentes redactores da ‘Cidade do Crato’. Agradecidos.^[179]

| 179 | O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 02, p. 3.

| 180 | BOURDIEU, 2002.

Para assegurar que a opinião manifestada em relação ao órgão jornalístico e seus redatores tinha validade havia a necessidade de mediar quem falava a respeito do grupo. Não bastava ser o “novo campeão”, “interessante jornalzinho”, aquele que “traz bonitos trabalhos”, o qual conta com a colaboração de “diversos moços do nosso meios”, essas palavras tomavam significados ainda maiores quando ditas pelos “inteligentes redactores” de um jornal já consolidado na cidade. A ideia de campeão, adjetivação usada para as representações criadas aos dois órgãos jornalísticos, somada a noção de arena, tal como posta na apresentação do meio jornalístico, nos ajudou a compreender o trato da imprensa como um campo de disputas. Disputas por projetos, por líderes políticos, por concepções de tempo e etc. Ainda, inseriu esses sujeitos numa atuação intelectual engajada, exemplificadas nas mudanças “materiais e sociais” que deveriam acontecer naquele meio. Essas concepções de disputas, embates, inclusive por projetos de futuros, foram expressas, por exemplo, no próprio título do jornal *A Liça* ou nome da agremiação.

Podemos entender ainda, seguindo os estudos de Pierre Bourdieu, que práticas desse tipo, em que os intelectuais trocam críticas positivas entre si, dos seus trabalhos e de suas atuações, podem ser entendidas como círculo de elogios mútuos^[180]. Ainda segundo o mesmo autor, o grupo, ou grupos

vinculados, mantem a prática das trocas de elogios entre si por contribuir na aceitação de um intelectual entre seus pares e passar a ser entendido como igual. O reconhecimento como intelectual, dentro de grupo, sempre leva em conta as críticas e os elogios veiculados.

A partir das pesquisas realizadas por Paula Rejane Fernandes, destacamos, também, que as práticas e os intelectuais não podem ser estudados fora do campo intelectual. Estes estão inseridos na sociedade e devem atender demandas solicitadas por ela, manifestadas nas críticas ou laureadas por elas. A autora ainda pressupõe que ao se inserir em um campo os intelectuais estabelecem relações com outros, seja por troca de favores, ou para executar a troca de elogios mútuos, importantes para reforçar laços de amizades e produzir críticas positivas, responsáveis por legitimar os intelectuais como produtores de um saber autorizado.^{| 181 |}

Os intelectuais cratenses manifestaram apoio à publicação do jornal *A Liça*, assim como, ao órgão representado pelo jornal. Desse modo, outras instituições jornalísticas da cidade também publicaram sobre o aparecimento de tal periódico. O *Sul do Ceará* realizou a seguinte publicação:

A LIÇA

<< Na quarta feira 8 do vigente, foi distribuído, nesta cidade, o primeiro numero d' A Liça, jornal literário e noticioso, com bem ellaborados artigos e muito bem impresso. A Liça é orgam do sympathico Club Romeiros do Porvir, e promette tudo fazer

| 181 | FERNANDES, Paula Rejane. **A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia:** arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

pela patria. Saudando ao novel collega, desejamos-lhes uma vida longa e gloriosa, luctando sempre em defesa da patria e pelo progresso da terra onde vê a luz. Ao bom conceituado collega enviamos a expressão sincera do nosso agradecimento.^{|182|}

| 182 | O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 02, p. 3.

| 183 | O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 02, p. 3.

Ao passo em que um jornal era citado no editorial, fosse por seu aparecimento, para acusar o recebimento de um número especial, etc., implicava, na maioria dos casos, em uma réplica publicada no jornal citado. A movimentação dos títulos desses jornais, assim como os laços de amizades estabelecidos nos bastidores, foi importante para a consolidação de publicações, títulos e intelectuais que se colocavam a frente dessas redações. Era importante participar desse ritual de citação, principalmente, no caso de novos órgãos, quando se fazia parte da arena impressa. Tratou-se, nesse caso, de se fazer e se ler de forma pública. O jornal *Sul do Ceará* recebeu agradecimentos d'*A Liça* ao transcrever palavras que reiteravam as críticas positivas assinaladas pelo trabalho realizado: “Eis o juízo lhamo que externou a nosso respeito o ‘Sul do Ceará’ intermerato paladino de ideias patrióticas que em nossa terra sae á luz da publicidade”^{|183|}.

Publicar agradecimentos ao jornal que havia lhe feito uma crítica positiva fez parte dos acordos e relações estabelecidas no círculo de elogios mútuos, pois, para ser mútuo, um precisa tecer elogios sobre o outro. No entanto, os elogios publicados pelos redatores do jornal *A Liça* sobre o jornal *Sul do Ceará*, também, eram importantes para a imagem

do jornal que transcrevia a coluna, pois quanto mais destaque e lugar de distinção ocupasse quem estabeleceu a crítica mais contribuição teria na legitimação.

O desejo por se tornar um dos intelectuais aceitos no campo era manifestado e mantido por essas relações de trocas, nesse caso, de elogios, mas que poderiam ser também de favores, entre outras. Uma das formas, portanto, que os redatores usaram para se aproximar do grupo de intelectuais, já consolidado no meio jornalístico daquela cidade, foi de destacar a aproximação entre os programas mantidos pelos dois jornais. O fato das duas redações defenderem ideias patrióticas na cidade, expressadas pelos próprios lemas publicados nos jornais, os colocavam como defensores das mesmas ideias, ou pelo menos, militando nas mesmas causas.

As semelhanças entre essas instituições não paravam apenas por compartilharem elementos nos programas editoriais. José Alves de Figueiredo, redator do jornal *A Liça*, foi um dos fundadores do jornal *Sul do Ceará*, como vimos no tópico anterior, tecer comentários positivos sobre o programa mantido por tal periódico era ao mesmo tempo elogiar um trabalho que ele ajudou na fomentação, sem contar que estaria alimentando relações pessoais com amigos, com quem trabalhou junto naquele projeto, caso de Esmeraldo Sobrinho, um dos fundadores daquele periódico e redator-chefe.

Segundo Jean-François Sirinelli, em torno da edição de jornais, por exemplo, se estrutura redes de sociabilidades responsáveis por aprofundar laços de amizades, sentimentais e até mesmo políticos. No

entanto, ainda podemos pensar, seguindo as indicações do mesmo autor, que o “microclima” caracteriza um microcosmo intelectual particular¹⁸⁴. A descrição do microcosmo dos Romeiros do Porvir pode ser organizada a partir de algumas tensões entre os membros da agremiação com intelectuais que compunham relações a partir dessas redes de sociabilidades. Por exemplo, a partir da trajetória de Soriano de Albuquerque, apresentada no segundo tópico do primeiro capítulo, e de José Alves de Figueiredo, discutidas na seção anterior do presente capítulo.

O jornal *A Imprensa*, também editado na cidade do Crato a época em que o órgão dos Romeiros do Porvir foi posto em circulação, igualmente se manifestou. Na seção “o que dizem de nós”, um espaço também para falar do outro, a redação publicou o seguinte.

“A Imprensa” jornalzinho desta cidade, redigido por uma turma de moços futurosos, noticia o nosso aparecimento com phrases tão delicadas e lisonjeiras que nos servem déveras de estímulo para juntamente com tão distincta collega continuarmos a trabalhar pelas letras em prol da patria. Com desvanecimento transcrevemos para as nossas columnas o seu júizo e nosso respeito!¹⁸⁵

Sob a qualificação de “moços futurosos”, que muito se assemelha ao termo “Romeiros do Porvir”, a redação do jornal *A Liça* agradeceu ao grupo responsável pelas palavras do jornal *A Imprensa*, por noticiar o seu aparecimento e por trazer frases “tão delicadas e lisonjeiras”. Quando se tratou do

| 184 | SIRI-
NELLI, *Op. Cit.*

| 185 | O QUE
DIZEM DE NÓS,
A Liça, Crato,
número 03, p. 3.

trabalho intelectual conjunto, em que se desenvolvia na cidade, o fato de “trabalhar pelas letras em prol da pátria” mais uma vez foi elemento de aproximação entre programas editoriais e intelectuais. O aspecto letrado se fez presente nos projetos dos Romeiros do Porvir para além da edição do jornal, no entanto, serviu como elemento privilegiado, inclusive, para sedimentar tais concepções e projetos mantidos pelo grupo. O fator letrado ganhou tal destaque nesse enunciado que, as letras, por si, justificavam o trabalho em defesa da pátria, que deveria apenas guiar o que seria feito.

A redação do jornal *A Imprensa*, também, realizava a defesa das letras como ponto de partida para o trabalho jornalístico, assim sendo, realizou comentários nesse sentido.

| 186 | O QUE
DIZEM DE NÓS,
A Liça, Crato,
número 03, p. 3-4.

<<A LIÇA>>

Foi distribuido no dia 8 deste, n’esta cidade, o illustre órgão que serve de epigraphe. Elle appareceu na arena jornalistica com uma aureola de luz, porque elle è um apostolo das letras. “A Liça” órgão do Club Litterario “Romeiros do Porvir” surgiu como representante d’aquella esperançosa sociedade. Bem elaborado e mui bem impresso, elle estrelou com brilhantismo. A sua frente acha-se o talentoso moço Alves de Figueiredo, bem conhecido em nosso meio. Ao novel collega, pois, almejamos uma longa existencia e cheia de triumphos.^{| 186 |}

O “apostolo das letras” “estrelou com brilhantismo”, segundo as palavras dos redatores d’*A Imprensa*, para alcançar tal feito, o jornal contava

com Alves de Figueiredo a frente da redação. No entanto, na própria redação, no número de estreia, alvo de um número considerável de críticas positivas, foi assinalado que,

| 187 | NOSSO APARECIMENTO, **A Liça**, Crato, número 01, p. 1.

temos conhecimento de que nos falta o preparo necessario para vencermos as innumeraveis arestas de dificuldades que hão de surgir nesse tentamen, mas sentimos a força da vontade a bradar-nos dentro que sigamos.^{|187|}

E as dificuldades surgiram logo no primeiro número, por mais que pelas críticas transcritas não fiquem evidenciadas. O artigo de fundo, assim como a primeira edição do jornal, foi o primeiro contato escrito dos Romeiros do Porvir com os demais intelectuais da cidade do Crato e por mais que o texto tenha agradado, gerando uma série de elogios, foram identificados erros, que a própria redação fez questão de assinalar no segundo número do jornal:

JUSTIFICATIVA

O artigo de fundo do nosso primeiro numero, mau grade nosso, sahi inçado de incorrecções, ficando elliptico um trecho, ambiguo outro, resultando d'ahi ser pouco lisonjeira a expectativa de nosso adentamento intelectual. Não nos queremos eximir absolutamente de erros, pois começando agora, mal iniciando os primeiros passos na vida cruel do jornalismo, não podemos apresentar aos leitores senão locuções incertas e phraseados toscos. Mas erros tão crassos so nos

poderam escapar por descuido e falta de prática de revisionistas. Esperamos, pois, ser desculpados pelos amáveis leitores.^[188]

| 188 | JUSTIFICATIVA, **A Liça**, Crato, número 02, p. 01.

O fato de “erros tão crassos” serem publicados somente podia escapar por descuido, existia uma preocupação em afirmar que mesmo o texto tendo saído “inçado de incorrecções” o “adeantamento intelectual”, de tais sujeitos, não deveria ter descrédito por este motivo. No entanto, ao folhearmos as páginas do mesmo jornal, os problemas pareciam resolvidos com aquele pedido de desculpas, passou a interessar a partir de então “o que dizem de nós”, os erros e incorrecções eram rapidamente suprimidas pelos elogios anunciados por outros “intelectuais distintos”.

Os “distintos” da cidade do Crato, e dos arredores, sempre eram arrolados na seção, prestavam elogios e recebiam na mesma intensidade. Manter laços de sociabilidades intelectuais com outros intelectuais foi de fundamental importância para que o grupo pudesse sobreviver com a redação de um jornal e mediação cultural. A redação, também, publicou carta endereçada por José Moreira Tavares, assinante do jornal, enviada da cidade de Brejo dos Santos (atualmente Brejo Santo), distante do Crato, aproximadamente, 80 quilômetros.

BREJO DOS SANTOS

Sr. Redactor d'A Liça. Em minha banca de trabalho paira o nº 2 de seu conceituado Jornal; é sobre maneiras agradável para mim, a visita deste

denodado campeão que é um verdadeiro mensageiro do progresso intellectual desta parte do Ceará! Orgão de uma distincta companhia de moços estudiosos e devotados do bem publico, amantes que são, das letras e dos interesses geraes da patria, - não ha duvida – que o seu periodico, cedo – enraisar-se-h'a no coração generoso da mocidade estudiosa.^[189]

| 189 | BREJO
DOS SANTOS,
A Liça, Crato,
número 04, p. 04.

Um dos objetivos elencados para a fundação e publicação de tal hebdomadário foi o de que com a publicação de um jornal o Club Romeiros do Porvir expandiria sua atuação para além dos limites da cidade. O trecho acima citado foi o primeiro indício de que tal exercício realizava aos poucos um dos objetivos pelo qual foi posto em circulação. No entanto, destacamos, também, o quão simbólica era a publicação de um dos seus assinantes enviar uma carta em que os colocavam como “mensageiros do progresso intellectual”. Esse trecho, da carta escrita por José Tavares, nos ajudou a entender como a própria ideia de intelectualidade estava sendo gestada e circulada naquele momento. Entendemos, assim, que produzir ações intelectuais e ser mensageiros destas se unem as próprias concepções utilizadas na definição de “intellectual” pela historiografia contemporânea, definidas a partir da atuação sociocultural ou por mediação e engajamento desses sujeitos no seu próprio tempo. A escrita na imprensa, também, corroborava para esse próprio entendimento de intellectual, naquele período. Segundo Maria de Lourdes Eleutério, escrever na

imprensa, na transição do século XIX para o XX, se tornou um bem de distinção, um instrumento de legitimação e até mesmo de poder político.^{| 190 |}

Dos jornais editados fora da cidade do Crato, que prestaram críticas positivas para o jornal que tinha por redator Alves de Figueiredo, destacamos o fato de dois serem editados na cidade de Baturité, distantes mais de 400 quilômetros. Transcrevemos, a seguir, os dois títulos que visitaram as folhas do jornal *A Liça*:

O QUE DIZEM DE NÓS

O Oitenta e Nove valente campeão da imprensa baturiteense noticiou o nosso aparecimento pela forma seguinte: << Recebemos o nº 1 da “A Liça” jornal de programma literário e noticioso que appareceu na cidade do Crato, neste Estado, em 8 do corrente mez. E’ orgam do “Club Romeiros do Porvir,” redigido por uma turma de clubistas; tem por divisa: tudo pela patria. Desejamos ao novo collega, vida longa, retribuïremos sua visita com a permuta de nossa folha >>. Muito penhorados agradecemos a gentileza do distincto colega.^{| 191 |}

Ainda da mesma cidade, o periódico *Município*, também, realizou críticas positiva ao jornal cratense.

O *Município* jornal de grande formato e escripto por pennas bem aparadas que sae à luz da publicidade na florecente cidade de Baturité assim se externou a nosso respeito: “A Liça – é o titulo de uma interessante folha litteraria que vem de

| 190 | ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. (In) MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 94

| 191 | O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 07, p. 3.

aparecer na cidade do Crato, dirigida por habeis pennas”. Ao conceituado paladino das letras patrias os nossos sinceros agradecimentos.^[192]

| 192 | O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 07, p. 3.

Destacar que esses órgãos eram de uma cidade distante interessava aos redatores do jornal pelo fato de expressar o alcance que o órgão dos Romeiros do Porvir tinha conseguido, mas, também, por se mostrarem bem relacionados. O que foi publicado na seção “o que dizem de nós”, ao longo dos números editados pelo jornal, nos permitiu traçar relações com as críticas dirigidas ao intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado, estudado por Paula Rejane Fernandes. Nos dois casos, houveram seleções empenhadas com o que deveria ser publicado ao seu respeito, no caso aqui estudado o que deveria ser publicado sobre o jornal, o Club Romeiros do Porvir e seus membros, desse modo os próprios interessados em construir imagens positivas de suas atuações auxiliaram na produção de representações para si, evitando, assim, opiniões contrárias.^[193]

| 193 | FERNANDES, 2014, p. 78.

O último enunciado, escolhido para discussão, nesta parte, diz respeito à crítica realizada pelo periódico *Iracema* ao jornal *A Liça*.

O QUE DIZEM DE NÓS

A “Iracema”, orgam do Club Minerva, que se edita em Santa Izabel, Estado do Pará, e que tem como redactor-chefe o nosso talentoso e sympathico patricio Edilson Sucupira, accusando a recepção do nosso jornal, expressa-se mui delicadamente a nosso respeito e faz uma ligeira dissertação sobre o heroismo e coragem com que a

nossa sociedade de letras encarou certas perseguições baixas e vis e transpôs os grandes embaraços que lhe entulharam a senda iniciadora de sua brilhante. Agradecendo a gentileza da notícia e a delicadeza da phrase, enviamos daqui dos extremos da terra de Iracema, uma saudação á illustre collega e ao futuroso Club Minerva, fazendo votos pelo seu continuo progredir.

Edilson Sucupira, quando escreveu tal crítica, era ex-membro do Club Romeiros do Porvir e quando sócio foi um dos seus primeiros presidentes. Elogiar o heroísmo e coragem do grupo era em certa medida traçar elogios sobre ele próprio, como um dos fundadores do grupo, mas, também, por reconhecer em seus amigos, moços de uma mesma agremiação, continuidades de um projeto que também era seu.

Recebemos pela primeira vez: - A LIÇA – Elegante e gracioso jornal litterario e noticioso que se edita na cidade do Crato, Estado do Ceará, sob a redação dos socios do Club “Romeiros do Porvir” a chave de ouro que abriu a propaganda litteraria e civilisadora n’aquella terra talhada para grandiosos commettimentos progressivos, em face da pasmosa fecundidade intelectual dos seus filhos. Em seu artigo – programma –, pois que é o primeiro numero que recebemos, ella faz a sua saudação publica com todos os visos de uma campeão correcto e digno de representar e defender os interesses de um Club, que na jornada existencial de quatro annos, tem passado pelos steppes espinhosos da inveja, da calunnia

e de innumerous impecilios, sem contudo baixar a frente sob o peso do desanimo e do aniquilamento. - Labor ominia vincit - . A LIÇA, alem de uma nitida impressão, contem um magnifico repertorio de bellas peças litterarias em que ressumbram as fulgurações geniaes dos seus autores. Penhoradissimos agradecemos a visita da illustrada collega, e retribuiremos.^{|194|}

| 194 | O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 09, p. 3.

| 195 | BOURDIEU, 2002.

Ao jornal, se dirigiu como “elegante e gracioso”, um “campeão correcto”. À corporação de letras, da qual havia sido membro, se referiu como “a chave de ouro” e sua abertura para propagandas civilizadoras. Aos intelectuais dos Romeiros do Porvir coube, portanto, manter a frente levantada enfrentar os desafios, pois “*labor ominia vincit*”, o trabalho vence tudo [tradução literal]. Foi sob essas imagens que os Romeiros do Porvir desejavam ser arquivados. Arquivaram as representações que eles escolheram, usaram como suporte as páginas do jornal *A Liça*.

A troca de elogios mútuos, entendida a partir de Bourdieu^{|195|}, faz parte das relações estabelecidas entre intelectuais, aqui, tentamos identifica-las, nas fontes, e percebemos que utilizar os jornais foi uma prática possível e acessível para manter tal comportamento. O jornal ainda serviu de veículo para os projetos que os Romeiros do Porvir entenderam como indispensáveis à cidade do Crato, nesse caso, a própria imprensa foi considerado elemento indispensável para o progresso e civilização, como veremos na próxima seção.

“Um passo mais agigantado no caminho do progresso”: a circulação de elementos “modernos” e “civilizados”

| 196 | A
IMPRENSA. A
Liça, Crato, 23 de
setembro de 1903,
p. 1.

Ninguém poderá contestar que a imprensa tem sido e será sempre o mais poderoso factor do progresso – instruindo os povos e combatendo abusos e preconceitos. Evangelisadora intemerata do bem e do dever, tem congraçado os homens para o alevantamento da sociedade. Nenhuma outra instituição tem tido resultados tão benéficos no impulsioneamento das idéas civilisadoras.^{|196|}

“A Imprensa”, título de texto publicado no número 12 do jornal *A Liça* e assunto sobre o qual se debruçaram naquele artigo, foi destinado a apontar definições e tarefas daquela “poderosa empresa”. Apresentada como o fator de progresso mais poderoso, ainda foi apontada como a melhor maneira de impulsionar/circular ideias civilizadoras. Os redatores do jornal, que se apresentavam como “verdadeiros evangelizadores da crença de Gutemberg”, faziam da imprensa quase divindade, símbolo “todo poderoso” do progresso, noção que se ligava com o próprio nome na agremiação do qual o jornal era órgão, ao se nomearem de Romeiros do Porvir: “os moços que marchavam para o futuro”.

Para melhor compreensão de quais “idéas civilisadoras” falavam os redatores desse hebdomadário, recorremos ao próprio. Mapeamos os principais temas discutidos, apresentados e dispostos,

principalmente, como artigos de fundo, onde apresentaremos e discutiremos ao longo desta seção. Acreditamos, ainda, que publicações referentes ao trabalho de produção intelectual mais elaborado dos membros grupo ficavam sempre localizadas na primeira página, caso, também, do texto “a imprensa”.

Com a publicação do artigo a partir da cidade do Crato, produzido para pensar a própria atividade jornalística, os responsáveis pela edição d’*A Liça* criaram representações para a atividade da imprensa, tão quanto, para os próprios membros do grupo. Na condição de intelectuais que possibilitaram a fundação e circulação de um jornal, também se inseriram como responsáveis pela circulação de uma linguagem escrita, prática cultural capaz de clamar por mudanças. Organizados em torno de uma agremiação, se auto afirmavam como responsáveis pelo progresso material, proporcionado pela escrita, mas também pelo caráter formativo, no sentido educacional do termo, ao circularam ideias capazes de civilizar outros sujeitos. Segundo o mesmo editorial,

Onde nasce um jornal, desfralda-se a bandeira de um povo, que cheio de crenças já vislumbra o diluculo de um futuro brilhante. Graças ao auxilio dessa poderosa alavanca do progresso, o homem de hoje não é mais um triste seguidor do homem antigo, a entalhar na pedra da rocha caracteres enigmaticos, com o fim de transmittir um facto de seu tempo aos posterios, ou a noticia de um descobrimento util á humanidade.¹⁹⁷

| 197 | A
IMPRENSA. A
Liça, Crato, 23
de setembro de
1903, p. 1.

A imprensa, tomada como elemento indispensável para o progresso e civilização, não era uma bandeira defendida apenas pelos Romeiros do Porvir. Para Antonio Bezerra, que viajou pelo interior do Ceará em comissão de estudos nos anos finais do século XIX, em seu livro **Notas de Viagem**, “uma cidade sem jornal é como a fonte sem água”. Ainda segundo mesmo, “o jornal é o livro do povo, e onde o povo não lê não se instrui, a ignorância alimenta as paixões, avulta a estatística dos crimes”¹⁹⁸. Também no Crato, no ano de 1902, em comemoração do primeiro aniversário do jornal *Cidade do Crato*, esse periódico fez circular um número especial dedicado para pensar a atividade jornalística daquele órgão, assim, também publicaram na mesma edição uma seção intitulada de “A Imprensa”, homônima à coluna publicada no jornal *A Liça* no ano de 1903. Pudemos perceber que as concepções também se cruzaram.

| 198 | BEZERRA, Antonio. **Notas de viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1935, p. 71. Sua primeira edição data do ano de 1899, publicada pela Tip. Econômica, com o título *Província do Ceará – Notas de viagem (Parte Norte)*.

A imprensa é hoje o veículo do pensamento. Debaixo do tecto da officina é que a idéa vae procurar guarida contra as imposições da época e contra as devastações dos tempos. [...] A imprensa è o registro indestructivel do progresso, a resenha, a synthese, o fio condutor da Historia. Os sucessos humanos não se apagam, como o fogo fatuo, no ambiente da morte. A imprensa os transporta em suas azas de condor pela via-lactea da Historia para o dies ire do futuro. [...] Dest’arte a imprensa política, adoptando os resultados surprehendentes das Artes, é também uma alavanca poderosa do progresso, um elemento inestimavel de desenvolvimento dos povos. O seu papel culminante é, aproveitando as

conveniências locais, as riquezas nativas, promover o engrandecimento material do meio, a prosperidade colectiva da civilização. [...] O jornal é uma necessidade da civilização, uma garantia da ordem, um marco da evolução humana.^[199]

| 199 | A
IMPrensa.
Cidade do Crato,
Crato, 27 de outubro
de 1902, p. 2.

| 200 | CRUZ, *Op.*
Cit.

Tratado como “alavanca do progresso” e até mesmo como “uma necessidade da civilização”, os atributos ao jornal nos sertões cearenses criavam representações em torno da prática escrita, dos intelectuais atuantes e do conteúdo veiculado. Dentre os exemplos citados, pudemos perceber que, embora tenhamos partido do jornal *A Liça*, essas concepções também atravessaram anos antes os escritos de Antonio Bezerra e as publicações do jornal *Cidade do Crato*. Devemos entender ainda, portanto, que essa visão da imprensa tratada como elemento fundamental para a civilização, ou que ela civiliza, não era um projeto pensado apenas para os interiores. Heloisa Cruz, por exemplo, nos chamou atenção para o fato de que jornais e revistas projetavam sobre as grandes cidades as demandas de diferentes grupos sociais, esboçavam os projetos de civilização e davam visibilidade a um processo acelerado de ocupação/invenção dos espaços públicos, assumindo, inclusive, um papel importante nos anos iniciais da república e na organização das cidades da *Belle Époque*.^[200]

A imprensa jornalística, apresentada, ainda, como “defensora dos direitos do povo”, tão como, lugar de circular os resultados “uteis”, ajudava na construção/invenção do espaço público da cidade do Crato. Uma cidade representada pelas ideias do *vir a ser*, um lugar à progredir, conduzidas pelas

páginas de um jornal, escritas pelos Romeiros do Porvir, mas, também, utilizada para garantir aos membros do grupo a condição de intelectual engajado. A preocupação com a circulação da palavra escrita era o desfecho das atribuições da imprensa na civilização, pois, a escrita jornalística deveria ser circulada e consumida para ser legitimada como prática cultural naquele meio. Ao artigo “A Imprensa”, publicado n’*A Liça*, acrescentaram nas últimas linhas palavras que vão de encontro a essas ideias, como pudemos ler adiante.

| 201 | A
IMPRENSA. A
Liça, Crato, 23
de setembro de
1903, p. 1.

Tudo elle procura desvendar e revestir da verdade, levando com facilidade e presteza os uteis resultados obtidos, ao conhecimento do mundo civilizado por meio do jornal e do livro. E’ a grande defensora dos direitos do povo, é a estrela que o guia pelo caminho do tempo, é a censora obstinada dos máus, tendo o nobre arrojo de, menospresando ameaças, denunciar os seus crimes.^{|201|}

Adeptos da ideia de que a imprensa circulou conhecimento e ajudou construir o “mundo civilizado”, pensamento que se difundia pela geração de intelectuais atuante nos anos iniciais do século XX, ainda viam nos livros um lugar e papel importante na estrutura da sociedade cratense. Por este motivo, o Club Romeiros do Porvir, para além da publicação de um jornal, também mantinham uma biblioteca. A difusão das ações e das representações praticadas pelo grupo, no jornal, somavam-se as finalidades da biblioteca, que para além de servir como instrumento de formação para os membros do grupo,

tinha o caráter de “popular”, aberta a população e apresentada, também, como elemento de civilização mantido pelos membros do Club literário.

Para além do próprio poder civilizatório do jornal, como apresentado pela redação do órgão dos Romeiros do Povir, a circulação de ideias e de elementos indispensáveis para a civilização, como os membros do grupo também assinalaram, foram importantes pontos de partida para analisarmos os elementos e as ideias apresentadas como civilizadas, à elas que voltaremos. Os intelectuais, em torno da edição do jornal, disseram circular elementos importantes para a construção de uma “cidade futura”, iniciamos, assim, uma incursão pelos textos publicados naquele periódico, que diziam respeito a essa circulação de elementos apresentados como modernos, civilizados e símbolos do progresso.

A porta de entrada para as discussões propostas pelos Romeiros do Porvir, no jornal *A Liça*, foi a própria noção de intelectualidade, em que os membros do grupo começaram a construir nas duas primeiras edições do periódico. Sob o título de “O nosso aparecimento” e “Gratos”, textos publicados no primeiro e segundo número, respectivamente, para além da apresentação de um programa editorial e agradecimento pela recepção no meio jornalístico, esses artigos buscavam construir para os membros o lugar de intelectuais, responsáveis por produzirem, defenderem e circularem elementos do viver moderno que deveriam ser implantados na cidade do Crato. Entendemos, então, como essa construção e defesa se deu a partir do terceiro número do jornal, quando apresentado texto sob o título de “A via-ferrea”.

A VIA-FERREA

Um telegrama dirigido de Fortaleza para a <<Cidade do Crato>> trouxe-nos a feliz nova de haver o governo federal resolvido prolongar a via-ferrea de Baturité como medida attenuante das agruras da secca, tendo já, para este fim, aberto os necessarios créditos. Só por efeito de uma inspiração divina poderia o sr. Rodrigues Alves ter esta generosa lembrança. Em outras circunstancias estando o Ceará a gozar os seus proventos, abundante e prospero, seria isto apenas uma promessa de um passo mais agigantado no caminho do progresso. Mais hoje, na quadra difficil e abrolhosa que vamos atravessando, como Christo com os pés em sangue caminho do Golgotha, é um auxilio que nos envia, complacente e bom, o patriotico presidente da Republica, não obstante a elle termos direito. Não é o pensamento de que, decorridos poucos annos, o sibillo da locomotiva venha nos despertar desta apathia e insipidez em que vivemos, peculiares aos logares atrasados, trazendo nos a civilização com suas mil e variadas suggestões, que nos faz mover a pena em estos de entusiasmo.^{| 202 |}

A via-férrea^{| 203 |}, que era um desejo dos políticos, intelectuais e de boa parte dos habitantes da cidade do Crato, desde meados do século XIX, parecia se apresentar cada vez mais próxima de ser efetivada, como essa notícia deixou-nos perceber. Para entendermos como essas noções, em torno da chegada do trem, foram lidas pelos Romeiros do Porvir e tratadas como importante artifício do progresso, apoiamo-nos nas discussões realizadas por Ana

| 202 | A VIA-FERREA. **A Liça**, Crato, 22 de julho de 1903, p. 01.

| 203 | Trata-se da Estrada de Ferro de Baturité (EFB). A Estrada de Ferro de Baturité (Linha Sul) seguia de Fortaleza, no litoral, passava pelo Maciço de Baturité, atravessava o sertão central e finalizava na cidade de Crato, no sopé da Serra do Araripe. Cf. REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. **O Espaço a Serviço do Tempo: a Estrada de Ferro de Baturité e a invenção do Ceará**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

Isabel Cortez, ao destacar que o trem no final do século XIX e início do século XX fora recebido como novidade e estava relacionado diretamente à ideia de modernidade. Sendo possível, compreensões que entendiam que “aonde chegassem os trilhos se iniciava uma nova época de progresso”^{| 204 |}, ou nas palavras transcritas d’*A Liça*, os trilhos e o trem vinham “trazendo nos a civilização com suas mil e variadas sugestões”.

Vale destacar, portanto, nessa passagem, que o trem não apareceu somente pelo seu caráter modernizador. É com tom de lamento que os redatores d’*A Liça* mencionaram o fato de que “seria isto apenas uma promessa de um passo mais agigantado no caminho do progresso”, caso o prolongamento da estrada de ferro não fosse recebida nessa “quadra difficil e abrolhosa”. A notícia teria uma recepção muito mais animadora em contextos de abundância de chuva e de víveres. A estrada de ferro, a princípio responsável por alterar as formas de viver, a paisagem e a própria experiência frente ao tempo, tinha sua chegada prometida à cidade do Crato com um caráter filantrópico.

Ainda segundo os estudos de Ana Isabel Cortez, compreendemos que “a Estrada de Ferro de Baturité foi a única ferrovia, que se tem notícia, cuja construção foi proposta com fins filantrópicos”^{| 205 |}. Foi sob os discursos de auxílio e socorros públicos, para as Províncias do Norte, que as justificativas para a construção de tal linha férrea foram estruturadas. A expectativa dos cratenses, no início do século XX, por exemplo, justificavam mais um vez

| 204 | CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias descarriladas: o trem na cidade do Crato**. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008, p. 28.

| 205 | REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. **O Espaço a Serviço do Tempo: a Estrada de Ferro de Baturité e a invenção do Ceará**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015, p. 308.

tal necessidade, a importância da estrada de ferro foi amparada justamente no seu caráter de “auxílio”. Vale destacar ainda que, pela própria semântica que o termo sertão ganhou na segunda metade do século XIX no Cariri cearense, discussão realizada no capítulo seguinte, receber obras de caráter filantrópico era simultaneamente mostrar sua face “sertaneja”, escancarada pela “seca”, na quadra difícil que atravessavam.

| 206 | A VIA-FERREA. **A Liça**, Crato, 22 de julho de 1903, p. 01.

Não. E' um sentimento inteiramente humanitario. E' a lembrança de nossos irmãos e nós mesmos não precisarmos sahir estugados em busca do exilio onde mil vicissitudes amargas, opróbios e até a escravidão nos esperam, a nós que nascemos livres em um torrão onde tudo é livre como o vento (permittam-nos paraphrasear o poeta), e **encontrarmos nas aras da terra natal o soccorro de que precisamos**. [...] Hoje felizmente a cousa é diferente. **Nossa desgraça** despertou a comiserção do digno presidente da Republica, que tão acertado rumo vae dando á nau da patria.^{|206|} [Grifos nosso]

Mesmo com as justificativas, que também eram apresentadas de acordo com o contexto climático da época, a questão da via-férrea não deixou de ser tratada, pelos membros da redação do jornal, como importante elemento moderno a ser inserido na paisagem da cidade do Crato. Desse modo, o grupo passou a publicar também elementos que julgaram responsáveis para o progresso material, para além do próprio jornal, assim já apresentado no primeiro número.

É possível entender, ainda, como a estrada de ferro ganhou esse caráter de civilização, ou a circulação de ideias em torno de elementos civilizadores, quando nos apegamos a outra publicação, realizada no número 04, no mesmo jornal, destinado a pensar sobre a via-férrea. Foi assim em texto publicado sob o título de “AINDA SOBRE A FERRO-VIA”,

| 207 | AINDA
SOBRE A FERRO-VIA. A Liça,
Crato, 29 de julho
de 1903, p. 3.

De uma carta dirigida de Fortaleza a um distinto amigo nosso, a quem muito agradecemos a fineza de nos-a ter mostrado, extrahimos o trecho abaixo:

“A grande novidade do dia è o prolongamento da estrada de ferro. Aqui reina grande contentamento. O Crato vai ser o emporio do Ceará. A riqueza de seu solo vai dar logar á muitas empresas. O governo mandou trabalhar até perto do Iguatú e pedem verba para o Crato. O dr. Accioly tem feito jus a fratidão de todos os cearenses. Desta vez vamos ter estrada de ferro no Crato.”

Subscreve esta carta um conspícuo filho desta terra, de fins experiencia, que ali se acha. Por conseguinte a suas palavras vem corroborar mais em nossos corações a esperança da consecução deste ideal tão almejado por nós.^{| 207 |}

As “palavras que vieram corroborar para a esperança nos corações” daqueles moços, faziam acreditar na efetivação daquele “ideal tão almejado”, expressavam, nesse caso, muito mais os elementos para o desenvolvimento da cidade, do que seu caráter de socorro público. Reproduzindo frases do tipo, “Aqui reina grande contentamento”, “O Crato vai

ser emporio do Ceará”, os redatores do jornal *A Liça*, circulavam as “ideias civilisadoras” que disseram defender e veicular nas páginas do órgão. Os redatores defendiam ainda o poder que a chegada do trem teria para o progresso da cidade sul cearense, parecia que a estrada de ferro era o caminho a ser seguido para o Crato se tornar o “empório do Ceará”. Ana Isabel Cortez ainda nos lembra que, seguindo a ideologia dominante da época o trem surgiu como um símbolo do moderno, não apenas que proporcionava o progresso, mas ele próprio fora tratado como ícone das grandes inovações tecnológicas, como elemento do viver moderno.^[208] Ter uma estrada de ferro e a circulação de trem não era apenas “um passo agigantado” no “caminho do progresso”, mas era, também, um símbolo desse progresso materializado no emaranhando de ferros e madeiras que se apresentariam na paisagem, a partir da técnica.

| 208 | CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. 2008, p. 28.

Para além de elementos técnicos que expressassem o desenvolvimento da cidade do Crato, os “moços que marchavam para o futuro” se empenharam para a formação de sujeitos que pudessem conviver com uma nova cidade, projetada no futuro. Desse modo, “a instrução” também foi assunto discutido e colocado como essencial para a construção da civilização, ou de uma cidade civilizada.

A INSTRUÇÃO

Começo lembrando uma maxima de grande valor e alcance para o momento actual: a instrução é um thezouro cuja chave é o trabalho. Eu e a distincta mocidade cratense marchamos reunidos quaes outros mineiros que se propõem

a procurar nas profundezas da terra o precioso metal puo n'ella se encerra; nós, como elles vamos tambem em busca d'esse precioso thesouro que se é o ornamento do rico é tambem a riqueza do pobre – na phrase de um grande pensador. Procuremol-o com esforço incessante, sem desanimar n'essa romaria augusta e sancta. – Além, não muito longe, colheremos os louros da victoria, recebendo a dôce compensação dos nossos sacrificios.^{| 209 |}

| 209 | A INSTRUÇÃO. A Liça, Crato, 08 de julho de 1903, p. 3.

Na passagem anterior, escrita por Theophilo Siqueira, membro da agremiação literária dos Romeiros do Porvir e farmacêutico na cidade do Crato, alguns apontamentos se colocaram como necessários para serem aqui discutidos. Para Siqueira, a instrução deveria ser um bem a ser experimentado pelos ricos e pelos pobres, acreditamos que pelo caráter de formação de sujeitos, que poderia ocorrer a partir dessa prática. Devemos destacar que, a atividade de ensino, ou pelo menos sua defesa, foi uma das bandeiras levantadas pela corporação literária da qual fazia parte, mas pensada por membros do grupo que apresentaram iniciativas individuais, como o caso de Soriano de Albuquerque, com a fundação do Colégio Leão XIII. No texto, ainda, foi possível destacar as palavras transcritas a seguir:

Essa tibieza, essa indiferença que vão hasteando por toda nossa patria, em matéria de instrução, muito principalmente no tocante as classes desvalidas temos trazido tristissimos resultados. O cidadão sem a energia e orientação que a instrução pode dar é uma peça automatica que somente

se move por vontade de outrem. Está nimiamente provado que a instrucção é um poderoso guia nos mares procelosos da vida social, e alguém já o disse: aquilo que distingue o homem do homem e o leva incólume ao ponto culminante de suas aspirações. Não percamos o ensejo que se nos proporciona, aproveitemos a feliz inspiração d'aquelles que, ousados batalhadores. não trepidarão em dar o golpe profundo n'essa indiferença anti-patriótica, fazendo da instrucção entre nós, uma realidade. – A causa é justa e nobre. Aceitem se acatemos os generosos intuitos d'essas almas modeladas no bem, e que o nosso maior empenho, o nosso empenho de honra de cidadãos que sentem bater-lhes no peito o sancto amor da patria, ajudal-os até o fim. Hoje, pode-se assim dizer: raiou para nós a nossa primeira aurora. Na escuridão que nos cerca, começam apparecer raios de luz e, amanhã, esses raios, com a nossa constancia e força de vontade, se desenvolverão prodigiosa e admiravelmente. Ninguém mais se perderá na escuridão; o pharol está accêso.^[210]

| 210 | A INSTRUÇÃO. A Liça, Crato, 08 de julho de 1903, p. 3.

Em algum momento existiu a preocupação de uma instrução pública. A própria ação de um cidadão, segundo as ideias defendidas pelo autor, deveria ser orientada pela instrução, não existiria um sujeito moderno/civilizado seguindo automaticamente a vontade de terceiros. A instrução foi tomada como ação patriótica, defesa que era também lema do jornal, “Tudo pela pátria”, afinal de contas “a causa é justa e nobre”.

O grupo de intelectuais, aqui estudado, desenvolveu ações que buscavam contribuir para essa causa, a já citada “biblioteca popular”, aberta ao

público e com empréstimos de livros, parecia, em alguma medida, corroborar com uma instrução que deveria ir além dos ricos, dos filhos das classes senhoriais, que atuavam nas linhas de frente política e intelectual daquela cidade. Somados a essas ações o teatro também ganhou características “formativas”, com encenações de revistas de costumes e peças escritas a partir da cidade do Crato, o grupo de teatro, mantido pelos Romeiros do Porvir, também preparava os sujeitos para viverem dentro da civilização e identificados com ela.

Para além das boas relações entre os homens, quando possível, mediadas pelas letras, deveria ser levado em conta ainda o comportamento do sujeito civilizado em relação ao mundo natural. A partir dos estudos desenvolvidos por Bruno Latour, entendemos que a própria forma dos humanos estruturarem suas relações com o mundo natural, tentando separar ontologicamente o humano do não humano, são aspirações “modernas” e que indicam, em certo grau, esse desejo por progresso/civilização.^[211] Desse modo, com a publicação de uma coluna intitulada “Açudagem”, que será discutida de forma mais aprofundada no próximo capítulo, nos fez entender que os intelectuais, aqui estudados, compreendiam que o homem poderia interferir no mundo natural. Levando em conta essa percepção foi possível compreender ainda que eles destacavam tanto as interferências responsáveis por uma convivência melhor, como as alterações que dificultavam essa relação.

| 211 | LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

Pobre Ceará moderno no Prometheu quando encontrarás quem te liberte do grilhão da miséria, quem te livre do abutre do infortúnio que corrêe continuamente?!... A Índia, a tua rival no infortúnio pela sua posição geographica, já se acha isenta de calamidades pelo patriotismo de seus filhos, pela força de vontade do governo inglez; nos seus campos onde outr'ora nada germinava a falta d'água, já se enfloram as verdejante acaras promissoras de abundantes messes. | 212 |

| 212 | AÇUDAGEM, *A Liça*, Crato, 19 de agosto de 1903, p. 1.

| 213 | PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos avançados*, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

Citando o caso da Índia, os redatores do jornal *A Liça* associavam o fim das calamidades ao “patriotismo de seus filhos”. A interferência no mundo natural, por meio da técnica, criava condições para uma melhor relação. A açudagem, com isso, prometia, como indicado ao longo da publicação dessa coluna, resolver os problemas da seca no Ceará, que eram verdadeiros “grilhões de miséria”.

Se por um lado, reconheciam a ação humana como capaz de transformar a natureza (por meio da técnica) e assim construir uma relação melhor entre o homem e o mundo natural, esses sujeitos, também, transformavam a natureza de forma que poderia dificultar a relação com este. Até mesmo no caso da cidade do Crato, que esbanjava recursos naturais, como as descrições utilizadas para criarem representações em torno daquele espaço, poderia ser transformada em um espaço desprovido, desses mesmos recursos, caso fossem mal aproveitados. Podemos perceber que existiu em alguma medida uma “sensibilidade ecológica”, termo trabalhado por José Augusto Pádua^{|213|}, que nos ajudou a entender

como os intelectuais assumiram posições conservacionistas, nesse caso, a defesa das matas cratenses, que também se ligava a própria noção de homem civilizado, deveria alterar a natureza para assim melhorar sua relação e nunca dificultar.

Na coluna publicada na edição de número 09, do jornal *A Liça*, foi o publicado texto sob o título “Pelas Matas”, transcrito a seguir.

PELAS MATAS

Todos conhecem, todos clamam que hoje em nossos dias, já não é o Cariry tão fértil, tão abundante, tão productivo como há meio século atrás – os rios eram profundos e caudalosos, os brejos eram taes que em muitas partes não se prestavam ao plantio da canna visto serem pantanos inaccessíveis, charcos extensos, e sómente, nos terrenos lateraes e mais elevados vicejavam vigorosos cannaviaes e verdejantes seares; por toda parte força e vigor, e a floresta virgem estendendo-se por vales e serras em toda sua pujança e vigor atestava a feracidade do solo. Mas hoje estancam as fontes, minguem os rios, secam os brejos que estão transformados em terrenos aridos e escavados quase improductivos, desaparece a fertilidade e vem substituí-la a esterilidade, e as seccas a nos surprehenderem constantemente, aniquilando nossas lavouras, principal fonte de nossa riqueza.^{| 214 |}

Para uma melhor compreensão desse exceto devemos situá-lo de forma mais precisa ao seu contexto. Os Romeiros do Povir, que escreveram e publicaram o artigo no ano de 1903, eram herdeiros intelectuais

da geração que atuou, principalmente, na segunda metade do século XIX. Como discutiremos mais precisamente no próximo capítulo desse trabalho, ao longo da segunda metade do século XIX, os intelectuais cratenses se apoiaram principalmente no mito da natureza abundante do Cariri cearense e da vasta riqueza natural para justificar seus projetos políticos. Assim, a ideia de uma região distinta foi amparada, em grande medida, nas representações que levavam a natureza da região como principal elemento de sua riqueza e distinção das demais localidades. Dessas concepções, foi construída, ao longo do XIX (apropriadas, reconstruídas e circuladas pelos Romeiros do Porvir), a representação de “oásis”, lugar que se distinguia de todos os sertões que estavam ao redor do Cariri.

Voltando ao apelo dos redatores d’*A Liça*, “pelas matas”, podia ser entendido também como a defesa de um projeto que ainda estava amparado nos recursos naturais. Projeto amparado em representações para dizer o Crato e o Cariri distintos do sertão, espaços de progresso a serem construídos, lugares “naturalmente” ricos e que, por este motivo, deveriam ter sua defesa referenda. No entanto, o Cariri representado e defendido pelos Romeiros começava a se desfazer, ao mesmo movimento em que as matas eram derrubadas. O Cariri não era mais o mesmo de “meio século atrás”. Portanto, os problemas ainda pareciam reparáveis e por isso o apelo de uma nova forma de se relacionar com a natureza.

E como não há effeito sem uma causa verdadeira que o justifique, cremos sinceramente que, comparando-se o Cariry d’outr’ora, fertilissimo nos

seus vales e serras, rico na sua lavoura e na criação pecuaria, com o de hoje, já sem aquelles bosques seculares, sem aquella abundancia d'agua e uberidade do solo, podemos asseverar que a causa deste effeito, acausa do desaparecimento da riqueza agricola de nossa terra é a completa devastação da verdejante selva millenar que nos legou a naturza em todo seu esplendor, em toda sua força vital. Chateaubriand já no primeiro quartel do seculo passado pugnava pela conservação das matas em seu paiz; dizia: << ... as selvas alimentam os ribeiros de lymph criystallinas, conservam a humanidade do solo e a fertilidade dos campos: para termos agua conservamos os nossos bosques.>>

E não é somente isso a utilidade das matas: absorvem certos gazes que nos são nocivos á saúde, tornando assim mais puro e são o ar que nos conserva e dá vida, attrahem as aguas do subsolo e as exalam em transpiração; e portanto as searas que lhes fiquem adjacentes poderão por mais tempo resistir ao estio e mais facilmente ser irrigadas por essa grande quantidade d'agua que soem lançar ao ar as grandes arvores.^[215]

| 215 | PELAS
MATAS. A Liça.
26 de agosto de
1903, p. 1.

Para além de identificar a causa, existiu certo temor de que o Cariri viesse a se tornar seco e estéril. Os próprios Romeiros do Povir associaram em vários momentos, como veremos a seguir, o sertão como o lugar ausente de recursos naturais, onde predomina a seca, onde a agricultura se torna inviável. Defender as matas era também escancarar o medo de que o Cariri virasse o sertão, que fora outrora tão hostilizado pelos intelectuais cratenses. Ainda podemos perceber, que os textos produzidos pelos redatores o

jornal, principalmente, os artigos de fundo, sempre referenciava algum autor ou contexto, para ser relacionado com o assunto em discussão. Seguindo os ensinamentos de Antoine Compagnon, toda citação é antes uma leitura.^[216] Desse modo, fazer referência aos escritos de Chateaubriand era também afirmar as práticas letradas que estavam sendo desenvolvidas naquele contexto, se afirmarem enquanto intelectuais que tinham uma biblioteca a sua disposição e livros que ajudavam a pensar a própria forma de serem agentes no espaço em que estavam inseridos. Citar, nesse caso, justificava e legitimava seus lugares de leitores, intelectuais e como aqueles que veiculavam ideias que civilizam. Amparados nas narrativas que diziam o Cariri como perdendo sua riqueza e pela leitura de Chateaubriand, encerravam o texto num tom de sentimentalismo, após racionalizar todos os males econômicos e de saúde.

| 216 | COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 17.

| 217 | PELAS MATAS. **A Liça**. 26 de agosto de 1903, p. 1-2.

Lembrem-se, pois, todos dessas verdades e procurem evitar que continue o destroço dos restos das matas que ainda existem por ahí em fora, tanto na serra como valle e evitarão ainda o grande mal da esterilidade de nossos campos e consequentemente da decadencia agricola e commercial do nosso meio. Pertence ás autoridades municipais estabelecer leis energicas, prohibitorias de tal devastação, e aos senhores proprietarios de sitios zelar para interesses seus e de seus descendentes, esses bosques que acaso existam em seus dominios ou essas arvores que se erguem hoje de novo sobre os destroços das antigas. E, quaes lucos sacros, guardemos essas arvores, á sombra das quaes brincaram nossos avós e sob a ramada das quaes brincarão nossos filhos...^[217]

O lado sentimental, com que o texto terminava, justificava um afeto existente no próprio mundo natural, capaz de conectar homens de outrora com os que ainda virão. É na natureza, principal elemento no jogo de distinção entre o Cariri e os sertões, que estariam ligadas gerações de uma mesma família, diga-se de passagem, famílias que pertenciam as classes senhoriais, que estruturaram, a partir da natureza daquele espaço, representações, identidades e projetos políticos regionais capazes de justificar seus próprios lugares sociais. Desse modo, o habitante civilizado deveria reconhecer na natureza as unidades e identidades do Cariri, mas, também, entender que a forma com que se relacionassem definiria o porvir e o progresso material.

As práticas culturais letradas e seus usos para finalidades formativas foi a linha de frente naquilo que os membros do Club Romeiros do Porvir entenderam como elementos indispensáveis para civilização. Nessa seara, estruturaram uma “biblioteca popular”, um grupo de teatro, exibições cinematográficas e o jornal *A Liça*, que para além de se configurar como elemento da civilização, era, nas palavras daqueles intelectuais, o mais importante elemento na construção da civilização. O projeto materializado nas páginas do jornal conferia ao grupo a possibilidade de expansão de suas ideias e representações, inclusive, para outras cidades.

Tratado como veículo dos anseios, que o grupo colocava em prática em suas reuniões, o jornal também foi entendido como elemento do viver moderno, para além de contribuir com a imagem

dos membros do grupo enquanto intelectuais, contribuiu para a construção da cidade do Crato, como uma cidade moderna, ou pelo menos, que marchava para um futuro de progresso, onde os membros do grupo, se apresentavam como responsáveis pela condução. Além de elemento do viver moderno, o jornal ajudou a circular outros elementos desse mundo moderno em suas páginas. E, em alguma medida, ajudou, pelo menos pelas representações veiculadas pelo grupo, para distanciar o Cariri e a cidade do Crato do sertão, posição adotada também por outras gerações de intelectuais. Desse modo, entendemos que pensar as maneiras construídas pelos intelectuais para as formas de ver, dizer e ser no sertão, principalmente a partir do Crato, se tornou objetivo indispensável para execução deste trabalho.

Crato, Cariri, Sertões:
formas de ver, dizer e ser no sertão



O sertão, seus usos e representações: uma História dos Intelectuais no espaço sertanejo

É verdade podermos considerar o Cariri uma zona à parte no interior do nordeste. Por isso, em geral, se não julgam os sertanejos os caririenses. Em virtude de um certo orgulho nativista, talvez porque o termo sertão lhes dê a ideia de uma zona seca e estéril, acham que sua terra, muito bonita e fértil, não deve incluir-se naquela designação. **O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão.**^[218] [grifo nosso]

As apropriações da natureza no Cariri cearense foi ponto de partida e amparo para que número considerável de seus habitantes viessem se considerar não sertanejos, leitura possível a partir das proposições de Irineu Pinheiro^[219]. O Cariri, constituído como uma “zona à parte”, era “lindo e rico”, foi apresentado desde meados do século XIX como “oásis do sertão”, discussão realizada no próximo tópico deste capítulo. No entanto, mesmo que os aspectos naturais tenham servido como ancora para tais discursos, dos quais afirmavam aquele espaço enquanto um “oásis”, os “intelectuais caririenses” criaram estratégias para entrar e sair dos sertões no sul cearense. Essas estratégias, como vimos

| 218 | PINHEIRO, Irineu. **O Cariri:** seu descobrimento, povoamento, costumes. – Ed. fac.sim. – Fortaleza: FWA, 2009, p. 7.

| 219 | Irineu Pinheiro (Crato, 6 de janeiro de 1881 – Crato, 21 de maio de 1954) médico, escritor e jornalista, foi importante intelectual da geração que se afirmou nos meados do século XX, na cidade do Crato, sendo um dos sócios fundadores do Instituto Cultural do Cariri (ICC). Suas principais publicações são: *O Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914* (1938); *O cariri - Seu descobrimento, povoamento e costumes* (1950); *Cidade do Crato* (1953), em parceria com J. de Figueiredo Filho;

anteriormente, levavam em conta, para além de elementos naturais e climáticos, os aspectos letrados, políticos e técnicos.

O trecho acima transcrito foi publicado no ano de 1950, no livro **O Cariri**, autoria de Irineu Pinheiro. Tal autor, que falou e escreveu sobre o Cariri desde o Crato, tentou traduzir naquela obra um compilado do pensamento e experiência social Caririense elaborada nos últimos cem anos, levando em conta o ano de publicação do livro. Dentre as representações que reuniu e fez circular reafirmou a de que o Cariri fazia distinção do sertão. Irineu Pinheiro se inseria no campo intelectual da cidade do Crato, principalmente, porque era herdeiro da geração “Romeiros do Povir”. Suas relações com Zuza da Botica e José de Figueiredo Filho, por exemplo, fez com que o pensamento social daquelas duas gerações estivesse em consonância, embora a forma de enfrentar a experiência do tempo tenha as distinguido.^{| 220 |}

Devemos entender, portanto, que existiram concepções de sertões sendo operacionalizadas no Cariri cearense, pelo menos, desde início do século XIX e que seus usos não devem ser entendidos como homogêneos. Foram estruturadas a partir de interesses, por este motivo, devem ser compreendidas nos seus respectivos contextos. Por essa razão, talvez, Irineu Pinheiro destacou mais adiante, ainda na mesma obra, que,

Ufanam-se de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes, nos mais rigorosos estios, suas fruteiras, seus brejos, o *habitat*, por excelência, da cana de

Efemérides do Cariri (1963), obra póstuma.

| 220 | Os primeiros, Romeiros do Povir, acreditavam em uma região a ser construída, já os membros da geração de Irineu Pinheiro, principalmente, a partir da organização do Instituto Cultural do Cariri (ICC), acreditavam na região como unidade a ser reestruturada, “resgatada em um passado glorioso”. A escrita de uma História Regional, logo, a escrita de uma história para o Cariri cearense e para a cidade do Crato, foi a principal atividade empreendida pelos intelectuais da geração de Irineu Pinheiro.

açúcar, suas palmeiras erectas como sentinelas em torno de suas cidades e vilas, etc. Mas, quer queiram ou não, **o Cariri é puro sertão**. Apenas um tracto mais feliz de nosso *binterland*. Se consultarmos nossos dicionários, veremos que o vocabulário sertão significa <<floresta, mato, longe da costa, no interior de um continente.^{|221|} [grifo nosso]

| 221 | PINHEIRO, Irineu. *Op. Cit.*, p. 07-08.

| 222 | ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p.402.

Compreendemos, no entanto, que as formas de representar o Cariri e o sertão, mantidas pelos membros do Club Romeiros do Porvir, aticava as contraposições entre esses dois espaços, como se fossem antagônicos, opostos. Desse modo, o sertão foi empurrado, por meio de representações e práticas culturais, para fora do espaço entendido como região do Cariri, foi definido por aqueles intelectuais como o território que ficava depois das fronteiras da região sul cearense. Voltando a leitura de Irineu Pinheiro, portanto, diz que o Cariri até poderia ser tomado como tal, pois, a partir dos significados que apresentou e tomando os mesmos como referência, tais identificações eram possíveis. As palavras de João Guimarães Rosa, nos serviram perfeitamente para entender as contradições alimentadas nesse espaço, pois, segundo ele, “sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera”.^{|222|} O Cariri, lugar do “quando menos se espera”, e, por esse motivo, tomado como sertão. A intersecção desses dois espaços ora foi tratada como elemento estratégico, outras, como condição política, social e espacial. Não podemos entender os usos destas noções fora de seus contextos e historicidades, as

representações mobilizadas anunciavam projetos políticos, formas de ver a si, o “outro”, o espaço e o próprio tempo.

As palavras “sertão” e “sertões” foram, desde o período de expansão marítima portuguesa, utilizadas para nomear, caracterizar, delimitar e produzir sentidos para diversas espacialidades. Naquele cenário, o olhar do colonizador português nomeou como sertão realidades que julgavam estranhas, exóticas, distantes, incivilizadas, incultas e selvagens. As apropriações e circulações das representações mobilizadas em torno desses conceitos, e das espacialidades que estes passaram a nomear, ainda hoje nos causam problemas nas suas definições por serem diversas, múltiplas e constantemente apropriadas por novas práticas culturais.

O aparecimento do termo, segundo Tiago Bonato, remete aos primeiros relatos a respeito do novo mundo. Nos escritos de Pero Vaz de Caminha, ao descrever as terras que se tornariam as Américas, ou em Diogo do Couto e João de Barros, ao relatarem os feitos portugueses no Oriente, os termos sertão e sertões já se faziam presentes e acompanharam os viajantes no processo de colonização, ao nomearem territórios distantes, distintos e diversos^{| 223 |}. Fossem terras do Ocidente ou do Oriente, o fato de serem desconhecidas pelos europeus as uniu, nesse primeiro momento, sob um único signo: sertão. No entanto, os usos desses conceitos implicaram, desde os seus primeiros usos, uma pluralidade de sentidos, espaços, relações sociais e experiências culturais. O termo sofreu modificações na América portuguesa e passou a ser definido com maior precisão ao longo do processo de colonização.

| 223 | BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição:** a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783- 1822). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná (Departamento de História), Curitiba, 2010, p. 16.

A partir do século XIX, o sertão passou a ser representado e construído no território brasileiro, mais que uma localização geográfica, ganhou conotações históricas, sociais, culturais e climáticas. Os significados e sentidos construídos durante esse período, reformulados à luz da formação do Brasil como nação independente, estiveram identificados a uma espacialidade, identificada em um conjunto semântico que conferia a essa palavra desígnios de atraso, barbárie e incivilidade. Por um lado, pelas práticas violentas, personalistas, fanáticas e míticas, por outro, pelo espaço despovoado, de baixa densidade demográfica incapaz de construir uma civilização própria^[224]. O espaço que deve ser modificado, civilizado, sempre alvo de projetos, um problema para a nação, para a ordem, para o progresso e para a civilização. Portanto, Janaína Amado, chamou atenção para a inversão dessas concepções, em alguns casos. O sertão ao mesmo tempo em que foi o ambiente hostil e inóspito representava também a esperança e a liberdade para os perseguidos pelas autoridades. Sertão como inferno ou paraíso, deveríamos levar em conta, então, quem falava e de onde falava^[225].

Segundo Erivaldo Fagundes Neves, as concepções em torno da ideia de sertão, produzidas e mais aceitas desde o processo de colonização no Brasil, se misturam e formam um conceito que é espacial, econômico e social. Se associa aos conceitos geográficos, semi-árido; econômico, a pecuária; percepção espacial, o interior; e, noutra social, enquanto região pouco povoada^[226].

| 224 | CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. Introdução. In: CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. (Orgs.) **Capítulos de História Social dos Sertões**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

| 225 | AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, p. 145-151, 1995, p. 149-150.

| 226 | NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural, **Politéia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003, p. 156.

Mesmo sendo uma noção que assumiu várias dimensões semânticas, para ser forjada enquanto conceito, em alguns momentos, parcela dessas dimensões predominaram sobre outras, responsáveis pela definição e produção de caricaturas do que seria um espaço sertanejo. Ainda no século XIX, os elementos naturais foram importantes artifícios para as produções intelectuais, pensaram o território nacional a partir de uma época e lugares com influências semelhantes. Ler a ideia de sertão no pensamento social brasileiro, na passagem do século XIX para o XX, nos levou a entender como essa dimensão foi importante para a definição do próprio conceito. Consideramos ainda que, as ideias de sertão desassociadas das ideias de natureza, nesse período, se esvaziavam de sentido em boa parte dos seus usos semânticos, quando uma das preocupações era conceituar e criar imagens para as espacialidades a serem assim definidas²²⁷.

Maria Elisa Mäder, também, chamou atenção para o fato de que a maioria dos intelectuais, no século XIX, atribuíram grande importância à natureza na construção de características para o território nacional, mas também para os espaços regionais.²²⁸

Segundo a mesma autora, ainda foi possível perceber que, no projeto de construção nacional de várias nações na América Latina a exaltação da natureza substituiu o papel da tradição e herança na construção e legitimação de novas identidades. No caso do objeto de pesquisa aqui discutido, os intelectuais trataram exaltação da natureza para distinguir-se do seu entorno, tratado como sertão, justamente, pela ausência de uma natureza abundante.

| 227 | Cf. MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica:** ciência e nacionalidade no país d'os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapernig, 2007; MÄDER, Maria Elisa. **Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. História Unisinos**, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 262-270, 2008; BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação.** Tradução de Johannes Krestschmer; Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009; OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A natureza na interpretação do Oeste: sertão e fronteira no pensamento brasileiro.** In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ,

Dos primeiros empregos da palavra sertão, possíveis de serem mapeados e associados à expansão marítima, até os dias de hoje, diversas espacialidades foram nomeadas por esse conceito. Muitas outras realidades construídas socialmente, que não foram diretamente designadas por esse termo, também poderiam ter sido, por terem experiências sociais e geográficas semelhantes. Ainda seguindo os estudos de Maria Elisa Mäder, entendemos como outras experiências sociais e espaciais dialogam com os sertões brasileiros, caso dos “pampas”, na Argentina, ocupados pelos “gaúchos”, que poderiam ser facilmente relacionados pelas representações pejorativas e pelos estigmas recaídos sobre essas duas espacialidades^{| 229 |}. Dessa forma, o conceito de sertão, tratado como uma categoria de análise, pensada a partir de um campo de estudo específico, abre possibilidades para ser manejado no tempo e no espaço, resguardando sua historicidade e suas próprias dinâmicas. Associado a um campo de saber, História dos Sertões, não deve ser pensado em dimensões que levem em conta apenas o território, as dimensões espaciais e os famosos pares duais para suas caracterizações (litoral x sertão; civilizado x incivilizado; moderno x atrasado; urbano x rural), visto que, mais do que o termo, as formas e os conteúdos utilizados para se referir aos interiores americanos tiveram sentidos e intenções políticas semelhantes, principalmente, território brasileiro, mas também em outros países.

As definições apresentadas, até aqui, foram construídas, em sua maioria, pelo olhar de fora, estrangeiro ao espaço e a condição sertaneja. Esse fato, nos

Magali Romero (Orgs). **Vastos sertões**: história e natureza na ciência e na literatura. 1º ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015, p. 21-40.

| 228 | MÄDER, *Op. Cit.*

| 229 | MÄDER, *Op. Cit.*

leva a hipótese de que a condição de “estrangeiro”, nesse caso, ajudou na construção e definição de representações do sertão como uma realidade única. Essa concepção, que homogeneizou sobre um único termo uma pluralidade climática, cultural, política, geográfica, social e etc., foi questionada a partir de um campo de estudos, no qual defendemos, inclusive, todas essas pluralidades quando mencionamos tal conceito. Partindo de um rápido panorama, no qual buscamos apresentar o conceito de sertão, na possibilidade de pensar esse conceito em dimensões mais plurais, acreditamos que suas leituras e seus usos foram heterogêneos, portanto, imbricados de diferentes interesses políticos e jogos de representação. Nessa seara, de disputas e formas de representar os sertões, os intelectuais tem espaço de destaque, mais ainda, se levarmos em conta aqueles que atuaram em espaços entendidos como sertanejos e construíram representações para suas próprias espacialidades, caso dos Romeiros do Povir.

Para os intelectuais cratenses, organizados em torno da agremiação literária Club Romeiros do Povir, as representações de progresso em torno da cidade; a representação de intelectuais “distintos”, para os membros daquela geração; e, a representação do sertão como sendo os espaços vizinhos daquela região e assolados pelas secas, constitui a forma de enxergarem e representarem o próprio espaço sertanejo que estavam inseridos. É, portanto, partindo das representações construídas pelos intelectuais, a partir de tais enunciados, desde a atuação no espaço sertanejo, que estruturamos a discussão desta seção.

Empenhamo-nos por produzir esta pesquisa a partir do campo da História dos Sertões, dessa maneira, tentamos algo diferente, por entendermos que as representações sobre os sertões, mais estudadas, compreendem aquelas construídas com o olhar de fora. No nosso caso, propormos uma inversão, olhamos desde o sertão personagens que construíram representações sobre seus lugares e seus tempos, nesses espaços. O diálogo com estudos que também se preocuparam em entender as representações dos sertões, a partir dos mesmos, foram úteis para a compreensão desta proposta. Pois, os sertões alvo de leituras e representações são territórios em constantes conflitos, seja em nome da civilização, modernização, pacificação, organização, ou por sua reorganização semântica, onde formas de ver e dizer são tão importantes quanto a própria realidade social inscrita. Ainda devemos assinalar que os sertões representados por intelectuais que atuaram em espaços sertanejos não necessariamente se distinguem daqueles representados por intelectuais que olharam de fora para dentro. Veremos, que em alguns casos, essas representações se construíram de forma muito diferentes, mas, não devemos tomar essa diferença como norma, pelos motivos que veremos a seguir.

Os movimentos intelectuais que se dedicaram a escrever, representar e dizer o sertão, desde os sertões, seguiram, pelos menos, dois padrões de organização, exemplificados, a seguir, com casos do Maranhão e Bahia, no primeiro momento, e o Cariri cearense, no segundo: 1) os que identificaram ser possível criar imagens positivas para

os espaços assim nomeados, a partir de elementos letrados, recursos naturais, recursos técnicos e da menção dos termos sempre acompanhado de algum adjetivo para qualifica-los, caso de enunciados como, “sertão civilizado”, “sertão dessemelhante” e “sertão de águas e letras”. No entanto, reconheciam que as concepções mais difundidas, como as citadas na primeira parte deste tópico, também eram a realidade de alguns espaços; 2) àqueles que reafirmaram as representações mais caricaturadas dos sertões (lugar da seca, natureza árida, relações políticas arcaicas, lugar atrasado), para que assim pudessem fazer distinção do sertão em relação à espacialidade que ocupavam. Representando e dizendo o sertão caricaturado como o “outro”. O caso dos intelectuais membros do Club Romeiros do Povir, se vinculou à essa última concepção, fizeram esforço intelectual monumental, juntamente com outras gerações de intelectuais da cidade do Crato, para distanciar o Cariri do sertão, só baixaram a guarda em momentos estratégicos, por exemplo, para justificar a construção de uma via-férrea, como vimos.

Importante destacar que, as representações construídas pelos Romeiros do Povir e os elementos escolhidos por esses intelectuais, não afastavam “naturalmente” o Cariri da condição de sertão, para essa possibilidade foi necessário construir representações com tal intencionalidade, revestidas de esforço e projetos políticos. Para entendermos que os aspectos letrados, intelectuais ou uma natureza abundante não são motivos responsáveis por criar essas oposições de forma espontânea, exemplificaremos, a

partir de trabalho acadêmicos, casos que não estruturaram essas distinções, ainda lembramos que, essas oposições mais do que consequência de elementos e experiências culturais, naturais e sociais, que os distinguem, são projetos políticos. Desse modo, buscamos entender como esses mesmos elementos foram utilizados como base de representações, por intelectuais “sertanejos”, em outros espaços, com experiências semelhantes, onde tratavam seus espaços como um sertão.

Os estudos de Alan Kardec Pachêco Filho, sobre os sertões do Maranhão^{| 230 |}, são aqui ponto de partida para a construção dos paralelos e para a qualificação dos movimentos intelectuais organizados desde os sertões, responsáveis por elaborarem representações nesses e para esses espaços. Alan Kardec Filho, levou em conta que o “sertão” (ao se referir ao conceito produzido pela *intelligentsia* brasileira) estava desde há muito tempo posto, elaborado de fora para dentro, definido como sendo o euclidiano, o que torna as concepções estigmatizadas e estereotipadas. Por este motivo, nos alertou, logo de partida, para o fato de que trabalhou com um “sertão dessemelhante”: “um sertão de águas e letras”.^{| 231 |}

O Sertão dos Pastos Bons, recebeu de Carlota Carvalho^{| 232 |}, a alcunha de “mesopotâmia parnaibana e tocantina”, fazia alusão, segundo Alan Kardec Filho, a quantidade de rios nascidos ali, dos quais vão se construindo em importantes contributos para as bacias que auxiliam na formação dos rios Parnaíba e Tocantins. Pastos Bons foi designação a partir da gramínea verde e abundante em toda a

| 230 | PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. Um sertão de águas e de letras. **Outros Tempos**, v. 11, n. 17, p. 35-52, 2014.

| 231 | *Idem*, Ibidem.

| 232 | Segundo o mesmo autor, Alan Kardec Filho, “Carlota Carvalho é autora de um instigante trabalho para a compreensão do sertão maranhense em fins do século XIX e início do XX.” PACHÊCO FILHO, *Op. Cit.* p. 44. Ela é apresentada pelo mesmo autor como uma importante intelectual para os estudos dos sertões no Maranhão.

região.^{| 233 |} Carlota Carvalho, uma das intelectuais estudas por Alan Kardec Filho, ainda chamou atenção para o fato de que a “mesopotâmia” atraiu para o seu interior e para o seu entorno um sem número de homens, mulheres e “todos os espíritos liberais da capital, isto é, os homens de melhor cultura intelectual, mais conscientes, mais altruístas e mais amigos da liberdade”^{| 234 |}.

Sob as representações de um sertão regado por rios, esses em grande quantidade, e por um sem número de homens e mulheres irmanados com ideais de civilização, Carlota Carvalho chegava a mencionar Pastos Bons como “o sertão” (no singular), título de sua obra, mas revestia esse conceito de atributos e adjetivos positivos. Mesmo reconhecendo, no passado e no presente, elementos que distanciassem Pastos Bons das concepções de sertão mais utilizadas naquele momento, a intelectual maranhense viu na sua escrita a possibilidade de alargar o que se entendia por sertão. As águas e as letras, aspectos letrados expressivos desde meados do século XIX, fazia do sertão do Maranhão mais um espaço sertanejo, no entanto, era também o sertão de intelectuais, de projetos para civilizar o espaço, um sertão dessemelhante.

Revestir o sertão com representações que pudessem expressar ideias positivas, também, foi estratégia utilizada, no início do século XX, em algumas cidades do interior da Bahia. Nas análises propostas por Valter Santos de Oliveira^{| 235 |}, realizadas a partir textos de memorialistas, artigos da imprensa e, principalmente, imagens fotográficas urbanas, em

| 233 | PACHÊCO FILHO, *Op. Cit.*

| 234 | CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000, p.106, *Apud* PACHÊCO FILHO, *Op. Cit.*

| 235 | OLI-VEIRA, Valter Gomes Santos de. “Vivemos identificados com a civilização, dentro da civilização”: autoimagens urbanas nos sertões da Bahia. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 301-318, 2015.

idades baianas próximas de Canudos, o mesmo destacou representações que foram responsáveis por criar imagens positivas para os sertões da Bahia. Na verdade, o autor fala que o principal objetivo foi identificar como as cidades apareciam nas fotografias e de que forma ajudaram na construção do espaço público do sertão baiano.

| 236 | OLI-
VEIRA, *Op. Cit.*
p. 302.

| 237 | *Idem*,
p. 304.

Valter Santos de Oliveira trata por autoimagens urbanas, as representações, principalmente a partir de fotografias, produzidas por intelectuais que mediarão e produziram representações sobre o sertão baiano. As produções nas cidades de Senhor do Bonfim e Jacobina são suas principais balizas. Tais representações, veiculadas nas décadas iniciais do século XX, carregavam em si o desejo de afastar os estereótipos em torno do sertão baiano, cristalizado, principalmente, a partir da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Essas representações apareciam recheadas dos novos elementos que adentravam aos interiores no alvorecer do século XX. A estrada de ferro, teatro, cinema, imprensa e, principalmente, a fotografia, naquele caso, construía representações, que nas palavras do autor do texto, era “muito distante das imagens construídas pelos olhares externos”^{| 236 |}; tratava-se de “uma imagem de sertão civilizado”^{| 237 |}.

No entanto, os sertões representados por intelectuais, que viam e diziam desde esses espaços, nem sempre adotaram a busca por elementos “dessemelhantes” na tentativa de revestir tais espaços com aspectos positivos. Por este motivo, tomamos os exemplos citados não como norma, mas sim como

uma das formas de organizar e produzir representações desde esses espaços. A partir do caso do Club Romeiros do Porvir, por exemplo, entendemos que as representações veiculadas e elaboradas em torno do sertão, pelos membros daquele grupo, mostrava que a pluralidade (cultural, social, climática), de tais espaços, não era a melhor ideia a ser defendida, como foi nos casos anteriormente apresentados. As representações de um sertão estigmatizado serviam aos intelectuais cratenses, principalmente, quando os mesmos tomavam esses signos como regra, assim, construíram uma identidade para a região do Cariri onde tomavam o sertão como o “outro”.

| 238 | OLI-
VEIRA, Lucia
Lippi, *Op. Cit.*

Para uma melhor compreensão de como os intelectuais que elaboraram o pensamento social brasileiro construíram e passaram a ler os sertões, dimensão importante para a proposta aqui discutida, ainda dialogamos com outros trabalhos acadêmicos que tentaram dar conta dessas discussões. Os estudos de Lucia Lippi Oliveira, por exemplo, nos ajudaram a construir essas reflexões. Na busca de entender as narrativas sobre o Oeste brasileiro, realizou considerações importantes na temática e na forma de conduzir a pesquisa. Desse modo, interessou a esta pesquisadora compreender as ideias de sertão presentes no mundo intelectual a partir do pensamento social. Os sertões foram nomeados, tematizados, representados pelo mundo letrado e intelectual, narrativas foram construídas como instrumentos para manter a ordem e a organização.^{| 238 |}

Ainda segundo a mesma autora, foi possível entender que, discutir os diferentes significados que a palavra sertão assumiu no pensamento

social brasileiro nos ajudou a compreender os caminhos da construção da nação^{| 239 |}. Podemos pensar, desse modo, que entender essa elaboração a partir do Cariri cearense, principalmente da cidade do Crato, nos ajudou a entender a construção da própria região sul cearense. Foram elencadas, repetidas vezes, a singularidade e distinção dessa parte em relação aos seus arredores. Para os agentes intelectuais que atuaram no século XIX e, principalmente, no início do século XX, no sul cearense, construir uma região a partir de interesses políticos ainda compreendia a possibilidade de uma integração nacional. Pois, ao se diferenciarem dos sertões dos arredores, o sul cearense estava em consonância com os lugares mais civilizados e adiantados do território brasileiro.

| 239 | *Idem*,
Ibidem.

| 240 | SAL-
GUEIRO, Edu-
ardo de Melo.
Fugindo do
estigma: visões
sobre Mato Grosso
nas páginas da
Série Realidade
Brasileira e da
revista Brasil-O-
este. **Anos 90**,
Porto Alegre, v. 24,
p. 269-300, 2017.

| 241 | *Idem*,
Ibidem.

As análises realizadas pelo historiador Eduardo de Melo Salgueiro, também, nos serviram como referências na elaboração da proposta e discussão com o grupo de intelectuais aqui em estudo^{| 240 |}. Os estudos que trataram de analisar as representações dos sertões do Mato Grosso, dialogam com os nossos questionamentos por entendermos que existiu uma produção intelectual, realizada na imprensa, que tentou, em grande medida, fugir de estigmas em torno dos espaços mato-grossenses. A ideia que aquele território poderia ser associado às noções de sertão, e assim às de atraso, incivilidade e barbárie se tornou uma questão “incômoda”, como o próprio Eduardo Salgueiro nos sugere.^{| 241 |}

Na região do Cariri cearense, os intelectuais também encararam a possibilidade desse espaço ser tratado enquanto sertão como uma questão

“incômoda”. Essa concepção perpassou textos literários, a historiografia local, assim como, textos produzidos e divulgados na imprensa. Esses discursos têm suas justificativas fundadas a partir das características naturais, dos elementos letrados, dos projetos políticos que visavam autonomia, e etc. Na tentativa de afastar esse espaço “sertanejo” (a região do Cariri cearense) do sertão várias representações em torno dessas espacialidades foram construídas e veiculadas pelos intelectuais que atuaram nesse espaço, trataremos destas questões nas próximas seções deste capítulo.

No entanto, ressaltamos que mesmo com as dificuldades de definição do termo, e da falta de consenso sobre quais elementos melhor representam os sertões, podemos compreender que os apontamentos realizados até aqui se fizeram necessário. Para além das relações sociais, fundamentais na construção e alteração semântica do conceito de sertão, os conteúdos veiculados em torno desses termos também ganharam espaço importante nas nossas discussões, ao pensarmos a pluralidade das concepções apropriadas e representadas ainda hoje. Desse modo, o exercício aqui empreendido, se encarregou de pensar como os intelectuais foram/são importantes na construção e circulação de representações em torno dos sertões, ou, de experiências que se aproximam da realidade sertaneja.

A dimensão da História dos Intelectuais nos Sertões foi pensada por nós como um conjunto de possibilidades teórico-metodológicas para pensar um objeto, mais do que simplesmente a escrita

da história sobre um recorte entendido como sertão ou por pensar elementos ditos sertanejos. Preocupamo-nos, sobretudo, em questionar como os intelectuais criaram representações e ou circularam sobre o sertão e no sertão. Os intelectuais que atuaram nesses espaços, estavam inseridos em redes de sociabilidades próprias do seu espaço; se apropriaram das artes, como literatura, artes plásticas, cinema, fotografias, música, dentre outras; agiram a partir de interesses políticos; e, mediaram conceitos de sertão. A História dos Intelectuais nos Sertões, desse modo, pode render percursos em torno das articulações que compreendem as formas de dizer, ver e ser em diversas espacialidades.

Os intelectuais do Club Romeiros do Porvir se organizaram em torno de uma agremiação porque compartilhavam de sensibilidades em comum. A própria ideia de um grupo povoado por diversos “moços” intelectuais e “distintos” servia para alimentar as contraposições entre o Cariri e o sertão, pois, o segundo era tomado como o lugar inculto, incivilizado, nas proposições mais estereotipadas.

A proposta dessa discussão, também, se justificou pela necessidade de pincelar um quadro que trouxesse outras representações para as espacialidades sertanejas. Embora os Romeiros do Povir reforcem tais estigmas, em torno do sertão, e para assim se afastarem dele, acreditamos que, na verdade, mais do que afastar o Cariri do sertão esses intelectuais ajudaram a construir sertões plurais, sertões “modernos”, que acreditavam ser no futuro espaços modelos para a civilização, com atividades

culturais próprias e uma série de elementos técnicos. Por esse motivo, utilizamos de confrontar outras realidades sertanejas, em períodos semelhantes, para pensarmos que ser modernizado, ter água em abundância, e etc. não os transformava “naturalmente” em um espaço não sertanejo, mas sim em um sertão “dessemelhante”, “civilizado”, para reafirmar alguns termos utilizados até aqui.

No entanto, mesmo compreendendo tais proposições, reconhecemos que boa parte das identidades construídas em torno do Cariri tomaram o sertão como alteridade, lembrando outras oposições como: litoral-sertão, civilização-sertão. Foram produzidas num jogo de diferenciação, onde um refletia a imagem invertida do outro, desse modo, sentimos a necessidade de entender como tais representações foram construídas.

| 242 | HISTÓRIA
DAS MISSÕES
NO CARIRI
NOVO NOS
ANOS DE 1864
E 1868. **A Voz
da Religião no
Cariri**, Crato, 21
de fevereiro de
1869, p. 2.

Os usos do sertão na construção/ manutenção da região do Cariri cearense

O valle do cariri-novo, situado no centro dos sertões do Norte do Brasil. Figura a terra da Promissão entre os desertos da Palestina. Dotado de um sólo fertilissimo, natureza prodiga. Cortadas por regalos perennes, elle se achava como o paiz de Canaan habitado por nações barbaras e quase ímpias.^{|242|}

A região situada no extremo sul do Ceará, “O valle do cariri-novo” ou Cariri cearense, como passou a ser denominada, foi representada desde o século XIX

como espaço privilegiado. Darlan de Oliveira Reis Junior nos chamou atenção para o fato das origens do nome ter relação com a nação Kariri, grupo que ocupava aquele espaço antes da colonização e que passou a conviver com os colonizadores depois do processo de ocupação, no final do século XVII. Destacou ainda que, apesar de fazer referência a um povo, com o passar do tempo, outros elementos se tornaram predominantes na construção de uma identidade regional, como, por exemplo, “a de natureza bela e com fartura das águas em pleno sertão”.²⁴³

| 243 | REIS
JUNIOR, *Op. Cit.*
p. 25.

Nesta seção, nos deteremos a um conjunto de representações e discursos construídos e circulados, principalmente, na segunda metade do século XIX. Justificamos esse recuo por entendermos que a compreensão de tais enunciados, assim como, os próprios usos das noções de sertão, foram determinantes para a forma com que os integrantes da geração de intelectuais Romeiros do Porvir se apropriaram de uma identidade caririense e das representações em torno do sertão. No século XIX, quando viajantes, jornalistas, escritores, poetas, políticos, dentre outros intelectuais, passaram a dizer e representar o Cariri como uma região, elegeram um conjunto de símbolos, aos quais nos deteremos adiante, que distinguia o Cariri de outros espaços, sobretudo, dos espaços do seu entorno: os sertões. Desse modo, a criação de uma identidade regional para o sul cearense, elaborada no centuário oitocentista, foi traduzida pela condição de cessar as possibilidades daquele espaço ser entendido como sertanejo, ou associados à elementos que o fizessem referência de alguma maneira.

Embora “situado no centro dos sertões do Norte do Brasil”, como descrito no trecho acima citado, a condição de sertão, associada ao espaço geográfico, era suprimida pelas riquezas naturais, pelo solo fértil e por ser a “terra da promessa”. O Cariri apresentado em condição análoga com “terra da Promissão entre os desertos da palestina” ou como “oásis do sertão”, fazia sentido somente porque estava situada, tomando o “Norte do Brasil” como referência, em uma região desprovida de riquezas e que foi facilmente associada a ideia de deserto, em várias passagens. Desse modo, mesmo com noções que em alguma medida vinculavam o Cariri como parte do sertão, as representações em torno dessa região passaram a ser operadas na tentativa de distanciar aquela parte do sul cearense do sertão. Pois, a ideia de que essa região se distinguia de todo seu entorno desembocou na construção de uma identidade através da alteridade, principalmente pelos critérios ambientais^{|244|}, o sertão visto como o “outro”.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior, a construção de uma identidade regional se ampara, principalmente, nas relações sociais estabelecidas no espaço. Entendemos, ainda segundo o mesmo autor, que a noção de espaço está intimamente ligada à formulação de fronteira, de definição, atrelada ao domínio e ao comando.^{|245|} As proposições que passaram a ser formuladas para o Cariri cearense, a partir do século XIX, ajudaram, desse modo, a construir esse espaço regional e singular. A criação de uma fronteira, no espaço regional do sul cearense, foi estabelecida a partir das ideias de sertão, elaboradas e representadas naquele espaço.

| 244 | Sobre identidade e alteridade ambiental no Cariri cearense, consultar: SILVA, Leandro Maciel. **Oásis do Sertão: A Paisagem do Cariri cearense (séc. XIX - XX).** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

| 245 | ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 3º Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

As fronteiras, segundo Lucien Febvre, não são fincadas apenas na terra por forças dos estados, levam em conta os sentimentos, as paixões e os ódios de uma época. Os espaços estão intrinsecamente ligados a uma geografia afetiva e através dos sentimentos se estabelecem as fronteiras. Com isso, os sentimentos dessa geografia são a junção dos espaços e das identidades, pontos de apegos temporários, criações humanas de um momento histórico.^[246] No sertão, condição tão odiada e rechaçada pelos intelectuais do Cariri cearense, residia a possibilidade da fronteira.

No entanto, segundo Darlan Reis Junior, “a região não é toda banhada pelas águas, sendo que a maior parte de seu território é composta das chamadas “terras secas”, de maneira que nem todos os solos eram propícios para a agricultura de gêneros alimentícios.”^[247] Ainda segundo o mesmo autor, foi possível identificar que a ideia de “oásis” reforçava a percepção de uma região predominantemente irrigada por água em abundância e terras férteis. Associada à essas representações, os intelectuais ainda construíram a ideia de que aquele espaço tinha uma “vocação natural” para a prática agrícola.^[248]

A partir de artigo publicado no jornal *O Araripe*, fundado e editado por João Brígido dos Santos^[249], conseguimos compreender sob quais bases esse discurso foi construído, quando publicado em 02 de agosto de 1856:

Nas grandes provincias agricolas vemos, que a criação de gados está confinada para os sertões, e que os que achão interesse em criar

[246 | FEBVRE, Lucien. **O Reno:** história, mitos e realidades. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[247 | REIS JUNIOR, *Op. Cit.* p. 33.

[248 | *Idem*, *Ibidem*.

[249 | “João Brígido nasceu na Província do Rio de Janeiro e depois veio morar no Ceará onde exerceu atividade de jornalista, de político, cronista e historiador. Este era participante e porta voz ativo do grupo liberal provincial e cratense, onde fundou e dirigiu *O Araripe*. Foi também um dos responsáveis pelos primeiros estudos e publicações a respeito da História do Ceará, que lhe rendeu livros como: *Apontamentos para a história do Cariri* – textos

algumas reses nos terrenos araveis, o fasem em grandes cercados ou vallas, em que despendem avultadas commas. A cerca ou valla do criador de alli corre por conta de quem cria; entre nós porem quer-se o contrario; o plantador è quem deve cercar sua lavra, o criador poderá ter seos gados dispersos pelos campos. Isto é querer um productor que o estranho concorra com amaior porção de um trabalho, que sobre elle só deve pesar. **O lugar ou é de criar, ou de plantar: si se convem em que é de plantar, como irremes-sivelmente se hade conceder ao Cariry,** não deve o lavrador cercar suas [ilegível], ou ovel-o-ha faser a custa de quem o poder prejudicar. [...] Si decretaes, o que não é de esperar de tanta experiencia e illustração reunida nesse augusto recinto, que longe de serem confinados para os sertões, sejam os gados apinhados em derredor das lavouras do Cariry tereis lançado no barathro esta florescente comarca.^[250] [Grifo nosso]

A defesa que se fazia do Cariri como uma zona “vocationada para agricultura”, também, era instrumento retórico na construção de representações, para essa região, onde a tratavam como lugar distinto do sertão. Como vimos, no próprio trecho acima transcrito, nos sertões é o lugar da pecuária. Ao destacarem que “o lugar ou é de criar, ou de plantar” e associarem o Cariri a essa segunda opção, associaram também as ideias de civilização e progresso, que estavam em curso na segunda metade do século XIX, onde havia uma valorização da agricultura como atividade responsáveis por guiar a nação, em construção, pelos trilhos do progresso.

que eram publica-dos no *O Araripe* e posteriormente virara livro, em 1888 – *Miscelânea histórica*, em 1889, *O Ceará - lado cômico*, em 1899 e *Ceará - Homens e fatos*, em 1919.” ALVES, Maria Daniele. **Desejos de civilização:** representações liberais no jornal *O Araripe* 1855 - 1864. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Mes-trado Acadêmico em História e Cul-turas – MAHIS, Fortaleza, 2010, p. 16.

| 250 | O ARA-RIPE, Crato, 2 de agosto de 1856, p. 2.

No entanto, o pesquisador Hugo Eduardo Damasceno chegou a mencionar disputas e conflitos entre “agricultores”^{|251|} e criadores de gado, na região do Cariri cearense.^{|252|} A classe senhorial, associada à João Brígido e outros “liberais”, enxergava nessas disputas, ocorridas na segunda metade do século XIX, o espaço perfeito para a difusão da ideia de que o Cariri era uma terra a ser destinada para a agricultura e não deveria ser sugestão para a pecuária, que deveria ser “confinada para os sertões”.

O agricultor, si devesse cercar suas geiras, desvelo-hia faser a custa de quem o podesse prejudicar. Não serà isto mais consentaneo com os principios de justiça? Aquelle que por algum modo pode dar origem ao damno de seo visinho, è que se deve pre-munir de cautelas. Não obstante rasão tão poderosa, utilidades tão visiveis, uma dessas leis, que não tem o cunho da experiencia, e que se afastão do axioma de Levis: A lei è a justiça escripta; lei anteeconomica, parcial, e absurda longe de impor ao criador a condição de cercar seos gados, impõe ao lavrador a de cercar seo sitio! **Se estiveramos no certão diríamos que isto assim deveria ser, mas no brejo, não o podemos tolerar.**^{|253|}

A atividade econômica predominante, a agricultura, no caso do Cariri, era justificada pelos intelectuais a partir recursos naturais e do mesmo modo qualificava essas regiões. As representações em torno do sertão, proferidas desde a cidade do Crato, como as aqui apresentadas, o colocavam como sendo o oposto do Cariri. O sul cearense estava para a agricultura assim como o sertão estava para a pecuária.

| 251 | Por agricultores, nesse caso, devem ser entendidos os proprietários de grandes porções de terra em que trabalhadores (livres e escravizados) cultivavam grandes lavouras e que tinham condições de expressar suas opiniões de maneira pública, inclusive, com publicações de textos no jornal *O Araripe*.

| 252 | CAVALCANTE, Hugo Eduardo. Disputas entre a agricultura e a criação de gados no Cariri cearense da segunda metade do século XIX: o liberalismo de João Brígido e o jornal *O Araripe*. *Revista Eletrônica Discente História*, com, Cachoeira, v. 4, n. 8, p. 37-46. 2017.

| 253 | A CRIAÇÃO DO GADO. *O Araripe*, Crato, 1 de setembro de 1855, p. 3.

A atividade agrícola e sua “vocação”, foi um dos principais pilares da identidade caririense construída no século XIX e que teve influência sobre a geração de intelectuais do Club Romeiros do Porvir, possivelmente, por ajudar a construir para essa região a ideia de um espaço distinto.

| 254 | A PROVINCIA DO CARIRI. **O Ara-ripe**, Crato, 14 de julho de 1855, p. 2.

Sua topographica posição, sua espantosa fertilidade, e mais que tudo essas agoas nativas e percunes, que a providencia creou para abrigo dos certões por occasião das seccas, dão-lhe uma emportancia e influencia sempre crescente sobre os districtos centraes das provincias confinantes com esta parte do Ceará e sobre os da Bahia á margem do S. Francisco. De feito é um Oasis no meio do grande deserto, quando o sonô tem reduzido a pó as aprasiveis campinas do certaô. Aqui uma constante verdura, uma perpetua primavera faz rir o coração ao emigrante, que foge aos abrasados lares. No meio das maiores calamidades do climatericos annos de 25 e 45 o Cariri formava excepção; tudo estava abrasado, a fome deselovava as comarcas visinhas, e elle reseedindo aos influxos de um sol abrasador, ministrava ao certaô seos fructos, seos cereaes, e alimentava massas enormes de populações. O Cariri foi sempre o celleiro de seos visinhos; a unica salvação dos certões, cuja numerosa população conta com suas substancias alimenticias nas occasiões mais desesperadas.^{|254|}

Ao destacar enunciados como “abrigo dos certões”, “oasis no meio do grande deserto”, “celleiro de seos visinhos”, “unica salvação dos certões”, destacamos como essas representações não criaram

apenas distinções entre o Cariri e um “outro”, mas também o conferia poder. Com isso, entendemos que a representação desse espaço, como lugar privilegiado, foi utilizada como instrumento político e ajudou no domínio da classe senhorial sobre o território. Para Darlan Reis Junior, a busca por autonomia política também foi um importante “instrumento de afirmação da importância do projeto civilizatório” e um dos aspectos que se destacou na construção de uma identidade regional^{|255|}.

No entanto, mesmo sendo exibido, a partir das representações acima citadas, em que o Cariri apareceu como espaço destinado a ajudar os sertões vizinhos, na prática, esse espaço e seus habitantes foram tratados como um problema. Os intelectuais e os senhores donos de terras percebiam que a questão da seca em outras regiões também se figurava como um perigo e ameaça ao sul cearense. Os discursos em torno do Cariri como espaço privilegiado se espalharam ao longo do século XIX e implicaram em migrações que tinha essa região como destino.

Sobre esses fluxos migratórios, para o sul cearense, Otaviano Vieira Junior diz que o Crato acabava catalisando maior parte desses migrantes, afirmou, ainda, que aumentou consideravelmente seu contingente populacional nesses períodos de estiagem.^{|256|} Foi, também, do Crato, lugar que tomou para si o projeto de delimitação do espaço e da identidade caririense, que partiram preocupações com tais situações.

| 255 | REIS JUNIOR, *Op. Cit.* p. 37.

| 256 | VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacas-martes**: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

No mesmo jornal, *O Araripe*, em que foram publicadas representações do Cariri como “salvação dos sertões”, era lamentada a situação de “horror” que os habitantes sertanejos inseriam essa região.

| 257 | NOTÍCIA LOCAL. **O Araripe**, Crato, 20 de fevereiro de 1858, p. 1.

Si as chuvas voltarem aos campos dos sertões vizinhos, o estado actual milhorará, pelo contrario o Cariri tornar-se-ha um theatro de horrores pela agglomeração dos povos d’aquelles lugares, onde não apparecer o inverno.^{| 257 |}

O Cariri como um espaço privilegiado, por suas condições climáticas, era salvo das secas, nesse enunciado, um problema apenas dos “sertões vizinhos”. No entanto, não escapava do “theatro de horrores”, por suas atraentes condições naturais, para onde se destinava os “povos d’aquelles lugares, onde não apparecer o inverno”. Importante destacar que, essas representações em torno da noção do Cariri foram formuladas, majoritariamente, a partir da cidade do Crato. Devemos entender, nesse caso, as próprias condições que aquela cidade criou ou foi submetida naquele contexto.

As mudanças na organização territorial durante o século XIX foram refletidas em um conjunto de representações que passaram a ser (re)elaboradas desde então. A apropriação realizada em torno dos processos de organização espacial, da história e da cultura do Cariri cearense, foram importantes instrumentos utilizado pelos intelectuais cratenses para comporem representações positivas daquela cidade, mesmo quando esta se enfraquecia

politicamente e perdia parte do seu território. Ao longo do século XIX, no Cariri cearense, vilas passaram a cidades e povoações a vilas.

O Crato, que no início do século XIX, de acordo com dados referentes ao ano 1823, correspondia em média à 80% do território entendido como Cariri cearense, passou a representar menos de 25%, do mesmo território, em 1872^{| 258 |}. As alterações nos limites espaciais do Crato e, por consequência, a perda de influência política sobre o território do sul cearense, foi ocasionada pelas novas vilas e cidades que conquistaram independência ao longo daqueles 49 anos. A perda de território era traduzida no enfraquecimento político. Seguindo as proposições de David Harvey, entendemos que as bases de organização do território foram redefinidas e delas foi estruturada uma luta para reconstruir as relações de poder^{| 259 |}. Se os movimentos políticos alteraram os limites e o domínio sobre o território, as bases espaciais foram reorganizadas por meio das representações do Crato como “cidade da cultura”, pioneira e influente.

As representações do Cariri cearense como uma região vocacionada para a agricultura, destinada “naturalmente” para o progresso, era proferida a partir dos intelectuais que atuavam na cidade do Crato e ajudava a construir representações também em torno desse espaço. O Crato, que era no início do século XIX quase sinônimo do Cariri, em termos espaciais, perdeu boa parte desse território. Em contrapartida, um conjunto de representações para o Cariri cearense, elaboradas e amparadas a partir

| 258 | Fontes utilizadas para a construção desses percentuais: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE); CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos:** a família escrava no Cariri Cearense (1850-1884). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

| 259 | HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 217.

da paisagem natural e cultural do Crato fazia com que esses dois espaços viessem a se justapor por meio das representações. Se o Crato não era mais “sinônimo” de Cariri em bases espaciais, representações como as trabalhadas aqui, que ajudaram a construir uma identidade para a região sul cearense, reestabelecia essa unidade por meio do mundo simbólico e das representações.

O Cariri cearense, do qual o Crato faz parte, ficava localizado no interior do Ceará, região de semiárido. Para deslocar o Cariri cearense do sertão, um dos aspectos na construção de uma identidade caririense, as elites regionais e intelectuais, principalmente, nos séculos XIX e XX, elaboraram e reafirmaram, quando necessário, representações em torno dessa noção. Definições para além do sertão em oposição ao litoral. Essas conceituações que tomavam o sertão a partir do par de análise dual sertão-litoral, como principal forma de definição, não serviam aos intelectuais cratenses, que tentavam definir identidades se distanciando do espaço sertanejo. Nesse caso, foi necessário atribuir outras representações ao sertão, que não apenas uma noção espacial de interior, em que o Cariri também seria inserido. Outras representações passaram a operar nesse espaço, foram importantes instrumentos políticos no século XIX, quando a região ganhava uma existência história, representada e vivida, e foi, ainda, elemento fundamental nas representações que os Romeiros do Porvir deram a ler naquela cidade.

Mesmo com o esforço de afastar o Cariri do Sertão foi possível perceber, em certas medidas, que esses não suprimiram os efeitos esperados, alguns casos, se

tratou de discursos que não levaram em conta algumas condições para a própria consolidação das necessidades que foram vivenciadas ao longo dos anos.

| 260 | ALTAMIRANO, *Op. Cit.*

Os intelectuais tiveram papel importante sobre as apropriações e as representações que foram elaboradas e mediadas em torno daquela espacialidade, que passou a ser nomeada, representada e vivida. Carlos Altamirano nos ajudou a entender como essas identidades são construídas por um pensamento intelectual e como buscam estabelecer na alteridade seu ponto de partida^{| 260 |}. Para os intelectuais do Cariri cearense, principalmente, os que atuaram a partir da cidade do Crato, nomear aquele espaço como distinto tratou de eleger aos arredores enquanto um espaço alheio a sua realidade, em que diziam ser caracterizado pela seca, atraso, lugar incivilizado, de uma natureza perversa, da pecuária: o sertão. Tal noção, dessa maneira, foi convocada para a construção de uma identidade do Cariri, e também para a cidade do Crato, mas não como elemento de identificação, mas sim como diferenciação. Os intelectuais do sul cearense viam no sertão um “outro”.

Fugindo dos “sertões com todo seu cortejo de horrores”: o sertão à luz dos Romeiros do Porvir

Os viajantes haviam ultrapassado o limite dos campos mirrados do sertão, das áridas extensões por vezes pedregosas, e entrado na região uberrima do Cariry.^[261]

Entre o Cariri e o sertão residiu/reside uma fronteira. Mais que uma divisão política, esse limite permaneceu consolidado simbolicamente por meio de representações. Por meio de uma identidade cariense, estruturada ainda no século XIX, como vimos, existiu a convocação de um jogo de alteridade com os “sertões vizinhos”. Se estabelecia uma fronteira: o Cariri termina onde o sertão começa.

Valendo-se desses limites, Soriano de Albuquerque escreveu parte de um romance, **O Cariry**. Não temos notícias se o romance chegou a ser escrito e publicado em versão completa. Em 1904, quando esse exceto foi reproduzido pelo Almanaque do Estado do Ceará, Soriano de Albuquerque não era mais membro efetivo do Club Romeiros do Povir, no entanto, ainda fazia parte das redes de sociabilidades construídas em torno daquele grupo. Mesmo depois de sua saída da cidade do Crato, costumava se corresponder com José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica), Manuel Belém de Figueiredo e outros intelectuais daquela cidade, vestígios deixados nas páginas de jornais como *A Liça*, *Cidade do Crato* e *Correio do Cariry*.

| 261 | ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. In: **Almanache Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o ano de 1905**. Fortaleza: Empresa Typographica, 1904, p. 167.

Voltando ao trecho acima citado, percebemos que Soriano partiu de uma narrativa que tem como personagens “os viajantes”, agentes que estão intimamente ligados à história dos sertões, como por exemplo, em comissões de estudo, destinadas a mapear, reconhecer e catalogar o “Brasil profundo”. Ao ambienta-los, os situou em uma zona de conflito, “havia ultrapassado os campos mirrados do sertão”, adentravam na região do Cariri.

| 262 | ALBUQUERQUE, *Op. Cit.* p. 167.

D’aquelle ponto desdobravam-se terrenos sob a vestidura de compactas frondes—doce abrigo da passarada a encher de cantos a atmosphaera que flores sylvestres enchiam de perfumes... O aspecto triste das paizagens encontradas a principio demudara-se em louçanias viridentes. O inverno nesse anno se prolongava na região. Em mais o Cariry figura um perfeito oasis contrastando consideravelmente com os sertões que o cercam, pelo solo cortado de grande numero de regatos que nascem nas faldas da serra do Araripe, fertilizando-o, pela natureza do terreno extremamente apropriado á cultura.^{| 262 |}

Descrito como um “perfeito oasis”, o sul cearense se distinguia, dos “sertões que o cercam”, pelo número de regatos (pequenas correntes de água), pela serra do Araripe e até mesmo pela fertilidade do solo. Soriano de Albuquerque expressava seus sentimentos pelo “coração do Ceará”, como intelectual que foi acolhido no Crato, a partir das representações que tomavam o sertão como um “outro”, visto, descrito, dito a partir do Cariri.

Entendemos, portanto, que foi tarefa dos intelectuais, no alvorecer do século XX, principalmente dos Romeiros do Porvir, afastar, distanciar e fugir dos estigmas dos sertões.

| 263 | ALBUQUERQUE, *Op. Cit.* p. 167-168.

Ainda sobre a fertilidade e abundância que dispunha o sul cearense, descrito no romance, foram acrescentadas à narrativa algumas linhas explicativas sobre o processo de colonização daquele espaço, como destacado a seguir:

Devido á abundancia de fructos e caça, de que viviam as tribos indigenas, estas sustentaram renhidas luctas disputando-o da tribu que o occupava na epoca do descobrimento da bellicosa tribu dos Carirys, de que lhes vem o nome.^{|263|}

Embora seja mencionado o fato de que o Cariri tem esse nome por conta da “tribu dos Carirys”, que ocupava aquele espaço no momento de colonização, a identidade construída para a região, na própria narrativa, levou em conta, principalmente, os elementos que foram operados no século XIX, entre eles, o de recursos naturais abundantes, vocação agrícola e o oásis, sempre mencionado para fazer distinção com o sertão, como vimos na seção anterior. É importante destacar também que os Kariri (Carirys) se fazem ainda hoje presentes no território caririense e, portanto, não eram/são um passado distante como mencionado por Soriano. Resta, nesse caso, destacar o fato de ser mencionado as “renhidas luctas”, sangrentas, disputadas, desesperadas, que foram travadas na colonização daquele espaço, antes mesmo de ser nomeado como “oásis”, “coração do Ceará”, “celeiro dos sertões” e etc.

O trecho romanesco foi composto de apenas duas páginas, não existiu, com isso, espaço para a construção dos personagens, sabemos que são viajantes, mas não de onde estão vindo, muito menos aonde pretendem chegar, se são estudiosos, retirantes, sertanejos ou estrangeiros. No entanto, dentre os personagens existe um “moço”, que aparentemente desconhece o Cariri, e ficou surpreso pelas belezas que lhes são alcançadas pelo olhar, ao observar aquele espaço.

| 264 | ALBUQUERQUE, *Op. Cit.* p. 168.

O ar contemplativo do moço reveleva uma alma sonhadora, altamente impressionista, tão enlevado vinha, por vezes abstraído-se, absorvendo-se na perspectiva pompeiante da natureza. Ao chegar num alto fez o animal estacar para mais demorada contemplação do vastíssimo cenário que agora o seu olhar abrangia, embebido no vago, no indefinido, como que a deixar a alma dissolver-se na volúpia do longínquo... Viam-se terrenos variados de montes e vales, tractos de terra cultivados, pondo largas manchas verdes-claras no panorama. Alem, erguia o dorso, torcillando, majestosa serra, a cingir o horisonte duma faixa meio escura, em todo o ambito visual, com a linha regular de sua cumiada, emquanto que os flancos – falhados – davam-lhe a feição duma muralha gigante...

- O Araripe! gritou o arrieiro, que não perdia ocasião de se mostrar conhecedor da terra, citando nomes de logares que atravessavam, dando informações de vez em quando.^{| 264 |}

Diferente do “moço”, o “arrieiro” conhecia o Cariri. Fazia questão de citar o nome dos lugares que enxergava no panorama, tinha conhecimento sobre os sertões e por isso era importante na narrativa. Mas, Soriano fazia questão de demonstrar os sentimentos do “moço”, que assim como ele também era estrangeiro àquele espaço e se sentiu surpreso depois que o conheceu.

| 265 | ALBUQUERQUE, *Op. Cit.* p. 168.

E o moço ante tudo aquillo agora caminhava meditando: - “Como era intensamente bello o que via, aquelle ondular de montes na base da serra, aquelles campos abertos em vida sob o céu aberto em luz! Que fecundantes forças não poderiam ainda ser desenvolvidas dentro dos limites do bójo, enormemente azul, do céu do Cariry!.. Que futuro promissor adivinhava-se para aquella terra tão plena de proliferas energias para progredir!..”^{|265|}

Irmanados com o progresso, a geração de intelectuais dos Romeiros do Porvir acreditava fazer no Cariri, principalmente na cidade do Crato, o lugar do futuro. Descrito como lugar privilegiado, o Cariri se distinguia dos seus arredores pelas suas características naturais, pelas terras propicias para a agricultura, por sua beleza, mas ainda não era plenamente realizado (tomando como referência as idealizações do que poderia vir a ser). Como militante do progresso, do futuro, do porvir, Soriano acreditava num Cariri ainda mais promissor e colocava nas “meditações” do “moço”, personagem de seu romance, aspirações que eram suas e de sua geração. Por meio da técnica, educação, das artes

foi que os Romeiros acreditavam ser o Cariri o lugar de acontecimentos futuros, a construção de um espaço não sertanejo, justificado pelos elementos inseridos e/ou projetados, que representavam o progresso e a civilização, associados ao mundo natural, descrito como exuberante.

| 266 | ALBUQUERQUE, *Op. Cit.* p. 168.

A imagem “impressionista”, captada pelo “moço”, foi justificada da maneira seguinte:

Quem pela primeira vez pisa o solo cariryense não pode deixar de sentir-se empolgado por essa sugestão contemplativa, por essa visão deliciante, a menos que não seja um indiferente aos aspectos sedutores da natureza. Na verdade é o “coração do Ceará” o Cariry, como já o qualificaram: coração golfando vida, palpitante quando mesmo o Ceará como que se ankylosa ao flagellar-o a implacabilidade do sol!.. | 266 |

No último parágrafo, do trecho d’**O Cariry**, acima transcrito, a ideia de que os aspectos naturais proporcionavam uma experiência diferente e uma “visão deliciante” se juntou com a própria noção do Cariri como espaço distinto do Ceará, pois, embora territorialmente seja parte do Estado as condições climáticas eram responsáveis por esse distanciamento. A partir do último quartel do século XIX, mais precisamente da seca dos anos de 1877, 1878 e 1879, o Ceará, de forma geral, passou a ser identificado quase que por sinônimo de seca, imagem que os intelectuais do Cariri queriam afastar da região, mesmo que ali também tenha sido sentido os mesmos problemas causados pela seca.

No entanto, Ceará, seca e sertão estavam diretamente associados no pensamento social da segunda metade do século XIX e início do século XX no Ceará, principalmente, na literatura, como assinou Ivone Cordeiro Barbosa^{| 267 |}. Por este motivo, a obra de Soriano reproduz alguns padrões de representações e estava em consonância com as próprias proposições literárias do período (sertão e seca enquanto sinônimos) e do grupo Romeiros do Povir (Cariri tratado como oposição ao Sertão). Nesse caso, a narrativa de Soriano colocou o Cariri e o sertão como espaços distintos, opostos, seja por sua natureza ou por sua condição climática.

Em texto publicado no jornal *A Liça*, referente aos trezentos anos de colonização do Ceará, pudemos ter ideia da imagem proferida sobre o mesmo, desde a cidade do Crato.

Tu que tens tragado o fel das grandes desgraças, sofrendo [ilegível] restas e a inclemencia dos homens que te desprezam nos momentos criticos das secas, e regeitado, briosa e altiva, os socorros que te aviltam, te limitando, qual Agar, a implorar do céu a gotta d'agua para mitigar a sêde dos teus filhos, recebe as nossas ovações enthusiasthicas na data augusta dos teus annos.^{| 268 |}

O grupo que fazia associações diretas entre seca/sertão e seca/Ceará, tentou criar oposições do sul cearense não apenas com o sertão, mas também com o próprio Estado, criando representações que colocavam o Ceará, com exceção do litoral e do Cariri, como um grande sertão. Em outra passagem do mesmo jornal, ainda podia ser lido:

| 267 | BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão:** um lugar incomum - o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

| 268 | 31 DE JULHO, *A Liça*, Crato, 05 de agosto de 1903, p. 1.

É cousa dogmatica: o Ceará está condenado eternamente ao flagelo tremendo das seccas. [...] Cahem as primeiras chuvas, a semente grela, mas, apenas abrem-se as primeiras folhas, os ventos desviam o curso das nuvens e o sol verberando a prumo raios de fogo em pouco tempo reduz tudo a pó, incinera tudo. Começa então o horrendo cataclysm: a criação mumifica-se, nas florestas parece que lavrara um incendio devorador e cruel, a terra escalda os pés do viandante, o vento que d'antes era galerno sopra qual siroco maldito.^[269]

| 269 | AÇUDA-
GEM, *A Liça*,
Crato, 12 de agosto
de 1903, p. 1.

Retomamos, assim, as discussões que nos fazem compreender a importância dos aspectos naturais dentro do recorte por nós estudados, ao entendermos como elementos diversos foram convocados para criarem e fazer circular representações em torno do Cariri cearense, sob o pretexto de que o mundo natural naquele espaço não pertencia ao sertão. No caso das publicações do jornal *A Liça*, os elementos da paisagem natural foram os principais recursos utilizados para a estruturação das representações em torno do sertão na cidade do Crato.

Voltando aos episódios da seca da década de 1870 e as narrativas decorrentes daquele acontecimento, ainda podemos identificar como as representações a partir daquele período fez com que o Ceará passasse a ser identificado, por aquela geração de intelectuais, como um território condenado ao flagelo. Por suas condições climáticas e por suas florestas que mais pareciam ter “sido incineradas”, foram algumas experiências divulgadas de maneira

generalizante e que ilustravam uma das imagens de sertão que os Romeiros do Porvir alimentavam nas representações que cultivavam.

Essas representações, ainda, seriam consolidadas ao longo do século XX, com os remanescentes e descendentes da geração de intelectuais dos Romeiros do Povir. Para exemplificar, apresentaremos trechos do romance *A Renovação*, de autoria de José de Figueiredo Filho, filho de Zuza da Botica. No romance que narra retirada de sertanejos fugindo da seca, uma das paisagens que se destaca é o Cariri cearense, descrito da maneira seguinte:

Ao longe uma faixa azulada, numa linha tão horizontal que poderia ser confundida com a visão do mar à distancia. Parecia que o comboio começava a penetrar na faixa litoranea, tal a mutação brusca do panorama, com o chapadão do Araripe em frente.^{| 270 |}

O Cariri não apenas era descrito como um espaço que fazia contraste com a paisagem do sertão, narrada até aquele momento. Na narrativa, o sul cearense foi mais facilmente aproximado com o litoral (“confundida com a visão do mar à distancia”), que estava em média 500 km de distância, do que com o sertão, que o rodeia. Essas diferenças são aprofundadas na passagem, a saber.

Já estavam mais familiarizados com a viagem e puderam melhor contemplar as riquezas naturais da região caririense. Quando os campos

| 270 | FIGUEIREDO FILHO, José Alves de.

Renovação: romance de aspectos sociais do nordeste brasileiro. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1937, p. 24.

sertanejos completamente calcinados em consequência da escassez quase absoluta do líquido promissor, o Cariri ainda ostentava vegetação em plena verdejância.^[271]

| 271 | FIGUEIREDO FILHO, 1937, p. 40.

Essas representações foram perpetuadas ao longo de todo aquele século, não somente por meio da literatura, chegando ainda nos dias atuais concepções muito próximas a esses discursos.

Voltando aos Romeiros do Povir, ainda percebermos que n’*A Liça*, veículo das ideias daquela agremiação literária, a palavra sertão apareceu poucas vezes nas edições que consultamos. Para ser mais preciso, existem apenas duas ocorrências ao longo dos 12 números. A primeira menção ocorreu na edição de número 06, em coluna intitulada de “Açudagem”, a segunda ocorrência se encontrou no número 07, mas também disposta na mesma coluna. Nossas análises e resultados, quanto ao estudo de tais representações a partir do jornal, não foram prejudicadas por conta das poucas menções diretas às noções de sertão/sertões, pelo contrário, as poucas referências realizadas à essas palavras, e a ausência desses termos em boa parte do jornal, nos ajudaram a compreender em que forma e medida as representações do sertão foram realizadas pelo grupo, nesse caso, o órgão de comunicação do grêmio.

Identificamos, desse modo, que os elementos colocados em circulação pelos membros do Club Romeiros do Povir, destinados a produzir identidades em torno do Cariri, mobilizavam aspectos do modo de viver moderno, como já citados

anteriormente, no entanto, quando a ideia fora distanciar aquela região dos sertões os aspectos climáticos e os elementos da natureza ganharam maior destaque. As ideias e os usos que se faziam da natureza, naquele momento, foram de fundamental importância para as próprias noções de sertão que eram colocadas em circulação por aquele grupo.

| 272 | AÇUDAGEM, *A Liça*, Crato, 12 de agosto de 1903, p. 1.

Assim, trabalhar com as representações que foram colocadas em circulação onde os termos se fizeram presentes é o ponto de entrada na discussão dos sertões construídos por tal hebdomadário, para que, assim, possamos visualizar sobre quais elementos tais concepções foram associadas. Em 12 de agosto de 1903, a palavra sertão foi mencionada pela primeira vez nas páginas do jornal *A Liça*. A coluna “Açudagem” amparou discussões que estiveram diretamente associadas com as relações de natureza e cultura, como transcrito a seguir.

Brandam todos os jornaes, clamando soccorros, relatando os factos com um colorido de sangue. Os soccorros que apparecem apenas salvam uma pequena parte da população morrendo as outras á mingua do pão. E que têm feito os poderes competentes em nosso beneficio, com o fim de evitar os effeitos desse pesado castigo que periodicamente peza sobre nossas cabeças? Quasi nada, apenas alguns kilometros de via-ferrea e um açude na zona pedregosa do Quixadá, que não se presta à agricultura. **E a seca lavra actualmente em nossos sertões com todo seu cortejo de horrores.**^{| 272 |} [Grifo nosso].

O problema “em nossos sertões”, de acordo com a redação do jornal, era a seca. Nos trechos destacados, foi possível identificar Ceará, seca e sertão como palavras interligadas, organizadas em um mesmo campo semântico e como aparato para a sedimentação de uma concepção de sertão. Nesse caso, o sertão também era marcado pela omissão política. Mesmo com o empenho de “todos os jornaes, clamando soccorros”, quase nada foi realizado. A via-férrea e o açude foram ações insuficientes. O açude, construído em uma zona imprópria para a produção agrícola (“zona pedregosa do Quixadá”), a via-férrea, naquele contexto, ainda adentrava pouco ao território sertanejo, como vimos no capítulo anterior, era apenas uma promessa para o Cariri. As críticas aos recursos empregados soavam também como um protesto pela falta de investimentos no Cariri cearense. A estrada de ferro, desejada pelos intelectuais e políticos cratenses desde o último quartel do século XIX, era justificada, nesse caso, pela possibilidade de exportar sua produção para outras regiões interioranas do estado, apontadas enquanto necessitadas: os sertões. Quanto aos açudes, seria no Cariri, também, onde os melhores investimentos seriam realizados, segundo a linha de defesa do editorial, pois era uma zona vocacionada para a produção agrícola.

E como os ingleses resolveram o grande problema das seccas por meio dos grandes açudes, deveria o nosso governo, **fazendo despesas inutis pela Capital Federal pelo sul da republica, dispor-se energicamente a vencer a natureza ingrata do norte**, abrindo creditos para a açudagem; e

encarregando desta obra homens de reconhecida competencia na materia, os quaes percorrendo todo o estado, reconhecessem os locais próprios para este *desideratum*, tendo em mente enriquecer estes vastos campos fertis e productores. Aqui no Cariry fonte de todos os viveres que abastecem esta zona atacada pela secca e antigamente celeiro de **todos esses sertões dos estados circunvizinhos**, ha bons locais apropriados para açudes, os quaes, seriam feitos com emprego de pouco dinheiro pela facilidade que apresenta a configuração do solo. Mostramos como exemplo um optimo lugar no valle dos Caraes, neste valle tão fertil e já tão conhecido pela grande quantidade de arroz que produz nos annos de inverno.^[273] [Grifo nosso].

| 273 | AÇUDAGEM, A Liça, Crato, 19 de agosto de 1903, p. 1.

Existiu um esforço, por parte da produção intelectual veiculada pelo jornal, em afastar o Cariri do sertão, até mesmo do Ceará, como vimos. No entanto, o Cariri cearense clamava por socorros e necessidades que eram as mesmas da outra parte do estado, as mesmas necessidades dos sertões que estavam ao seu entorno. Apresentar os sertões enquanto vizinhos colaborou para a ideia de oásis gestada ainda no século XIX pelas elites senhoriais, que fizeram uso desse discurso enquanto instrumento político. O desejo era criar fronteiras entre uma zona privilegiada e o seu entorno, embora, as condições administrativas fossem semelhantes, os problemas os mesmos e as posições geográficas se unissem.

No entanto, a própria agremiação reconhecia o problema de amparar uma identidade para a região do Cariri apenas nos elementos naturais. A ideia de

que o Cariri estava perdendo sua pujança e vigor na paisagem natural, como discutido no capítulo anterior, deixava-o mais próximo da possibilidade de ser sertão. Possibilidade que inquietava os intelectuais, os levaram a construir identidades cada vez mais definidas para aquela espacialidade e considerá-la de outras maneiras, que não sertaneja. Tais proposições, também, apontavam para os impactos econômicos causados pela perda das matas.

| 274 | PELAS
MATAS. A Liça,
Crato, 26 de agosto
de 1903, p. 1.

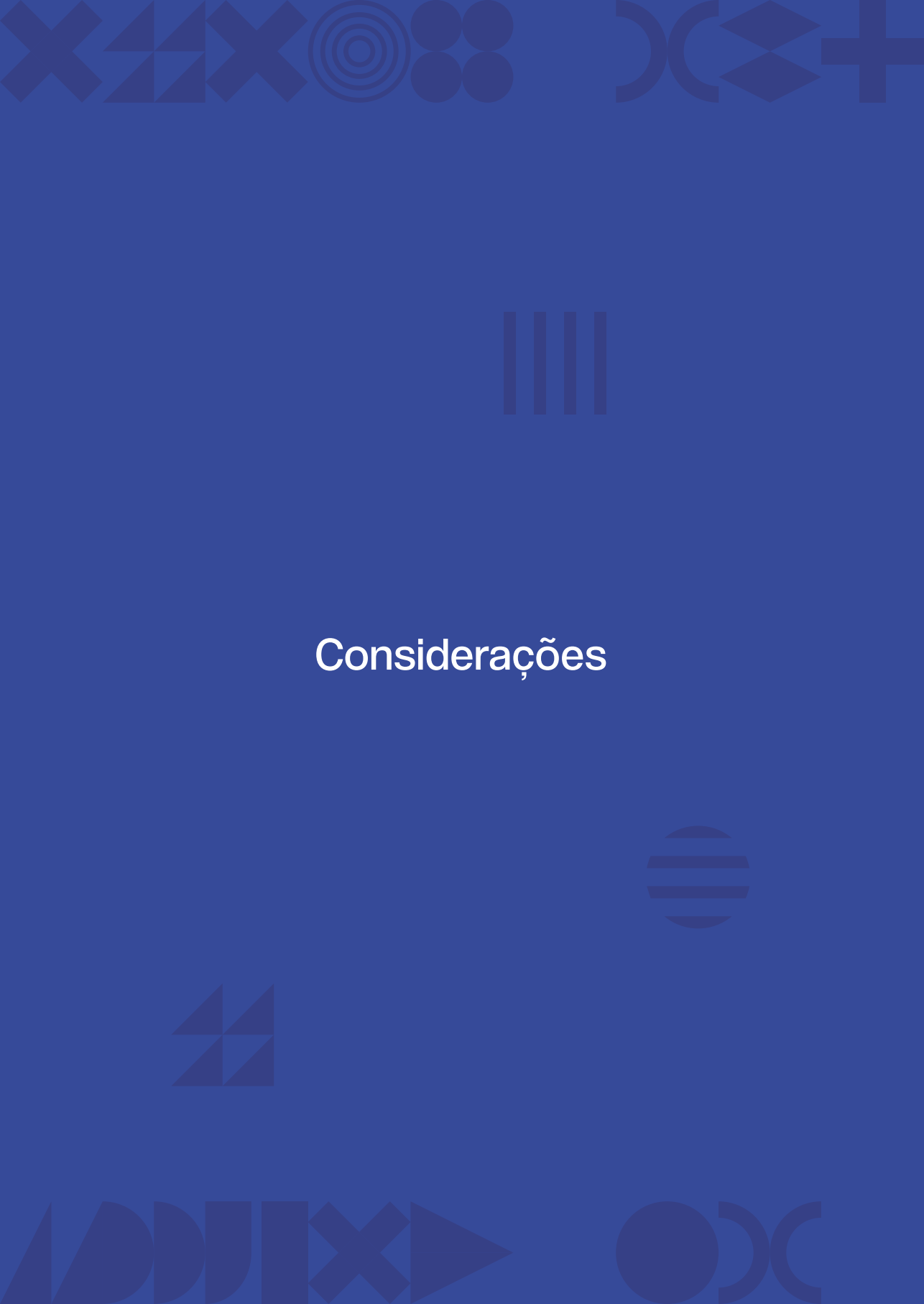
O Cariry d'outr'ora, fertilissimo nos seus vales e serras, rico na sua lavoura e na criação pecuaria, com o de hoje, já sem aquelles bosques seculares, sem aquella abundancia d'agua e uberidade do solo, podemos asseverar que a causa deste effeito, acausa do desaparecimento da riqueza agricola de nossa terra é a completa devastação da verdejante selva millenar que nos legou a natureza em todo seu esplendor, em toda sua força vital. [...] Lembrem-se, pois, todos dessas verdades e procurem evitar que continue o destroço dos restos das matas que ainda existem por ahi em fora, tanto na serra como valle e evitarão ainda o grande mal da esterilidade de nossos campos e consequentemente da decadencia agricola e commercial do nosso meio.^{| 274 |}

As representações dos sertões mediadas pelo grupo, que ora se referia aos “nossos sertões”, num tom de acolhimento, e em seguida “esses sertões dos estados circunvizinhos”, como um “outro” alheio, se amparou nos recursos naturais e em condições climáticas mais que em elementos geográficos, condições de organização administrativa, relações

econômicas, percepções espaciais ou sociais. Desse modo, a concepção de sertão, veiculada pelo grupo, associou o sertão diretamente à seca, terras áridas e improdutivas, áreas sem vegetação verde, escassez de água, entre outros elementos que caracterizam uma área com poucos recursos naturais. No entanto, como já discutido anteriormente, produzir e fazer circular representações para diferenciar o sertão do Cariri se tornava uma linha tênue, pois, mesmo com os discursos em torno dos elementos naturais do Cariri, aquela região era composta, em grande parte, como já vimos, pelas chamadas “terras secas”, solos não propícios para a agricultura.^{|275|}

| 275 | REIS
JUNIOR, *Op. Cit.*

Naquele momento, construir a cidade do Crato, assim como o Cariri, enquanto um espaço não sertanejo era abrir espaço para outras possibilidades naquele território, que poderia ser, intelectualizado, moderno, civilizado e conter mais alguns elementos que representavam o progresso. Desse modo, os Romeiros do Porvir, enquanto grupo, construíram para si a identidade de um grupo que contribuía para o desenvolvimento daquela região. Recorreram, muitas vezes, a outros intelectuais para se apontarem enquanto “moços distintos”. Os clubistas comunicavam conhecimento e cultura, em contrapartida, uma elite letrada e de “bom gosto” qualificavam aquelas produções como sendo dignas de representar o meio intelectual da cidade. Ser letrado, por sinal, naquelas representações, não combinava com sertanejo. Logo, as letras foram lidas como mais uma estratégia de distanciar o Cariri do Sertão.



Considerações

Traz “A Liça” uma collaboração que prova o esforço dos seus redactores e mostra que ao Club Romeiros do Porvir pertencem moços que promettem ser no futuro, d’aqui há alguns annos apenas, braços fortes que hão de suster a espada jornalística defensora intranzigente desse torrão de gloriosas tradições no Brazil. De alguns annos para nós o intellecto cratense tem mostrado um desenvolvimento admiravel. A mocidade desse pedaço do Ceará tem sabido deveras honrar o logar que lhe serviu de berço, impulsionado pela nobreza de um sentimento raro. [...] Os moços cratenses na sua collectividade, da motivos de sobra para que nós outros distantes, nesta capital, nos orgulhemos de pertencer ao Crato. [...] Agora é lutar, meus caros e distinctos contrerrâneos, do Romeiros do Porvir!²⁷⁶ |

| 276 | A LIÇA, A Liça, Crato, 23 de setembro de 1903, p. 2.

Em torno de uma agremiação literária, o Club Romeiros do Porvir, fundada no ano de 1900 na cidade do Crato, alguns moços “distintos” criaram e fizeram circular representações em torno de si e do espaço em que estavam inseridos. Esses moços, que se tratavam como intelectuais e que reservavam à cidade do Crato e ao Cariri a condição de espaços civilizados e destinados ao progresso, faziam questão de afirmar de tais enunciados, fossem a partir dos seus escritos ou amparados no “que dizem de nós”.

Autonomeados de Romeiros do Povir, se apresentavam da forma seguinte: “somos moços marchamos para o futuro guiados pelo pharol da crença e nada nos deterá o passo.” No entanto, mesmo não poupando detalhes de sua “missão”, faziam questão de destacar quando ela era reforçada por outros intelectuais. Quando Emilio Brigido apresentou sua opinião sobre o jornal *A Liça* e os membros do Club, no trecho anteriormente citado, dizia se orgulhar do Crato, mesmo estando distante, por ter, naquela cidade, uma coletividade de moços empenhados com desenvolvimento intelectual. Os Romeiros do Povir, que ganharam destaque no texto apresentado, eram descritos como aqueles que construíam projetos com “esforço”, “que promettem ser no futuro” “braços fortes”, que faziam parte de uma geração de intelectuais com admirável desenvolvimento. “Agora é lutar”, dizia Emilio Brigido, e, assim, o fizeram. Como aqueles que diziam fazer “tudo pela pátria”, se engajaram em diferentes frentes de atuação na cidade do Crato, criaram condições para representar aquele espaço e dessas representações criaram imagens positivas em torno de si, do Crato e do Cariri.

Para entendermos como essas representações foram construídas e como os modos de ver, sentir, fazer e ser foram forjados, naquele contexto, realizamos as tessituras deste trabalho a partir da História Cultura e da História dos Intelectuais, realizadas a partir de discussões que levavam em conta o papel das sensibilidades na História. Pois, quando colocamos esses campos em diálogos é quase impossível fazer sem trazer à cena essas

questões mais sensíveis. Compreendemos por intelectuais, a partir de Sirinelli, os sujeitos criadores e/ou mediadores socioculturais, assim como, os atores sociais que assumem pontos de intervenções e destaque nos espaços no qual se encontram inseridos.^{|277|} Desse modo, entendemos os membros da geração Romeiros do Porvir enquanto intelectuais. A noção de intelectualidade era perpetuada na própria organização do grupo, que se diziam “distintos”, mas também levamos em conta o próprio contexto sobre o qual falamos. Falamos de intelectuais, nesse caso, numa cidade, à época, majoritariamente rural e analfabeta. Ser letrado, escrever em jornais, participar de uma agremiação literária, fundar uma biblioteca, os fizeram “intelectuais” engajados com as demandas próprias de um tempo.

| 277 | SIRI-
NELLI, *Op. Cit.*

| 278 | HERS-
CHMANN;
PEREIRA, *Op.*
Cit.

O desejo de contribuir para a construção de uma cidade moderna, civilizada, letrada e intelectualizada, diferindo-se das imagens difundidas sobre o sertão, naquele contexto, fazia parte dos projetos estabelecidos pelos Romeiros do Porvir como atividades do grupo. Esses intelectuais se sentiam construtores da cidade, ao mesmo tempo, apresentavam elementos responsáveis por distinguir o Crato das demais aos seus arredores, uma “cidade futura”, sobretudo.

O grupo, fundado na transição do século XIX para o século XX, estava em consonância com os próprios movimentos que estavam em curso. Como vimos, o nome da agremiação se vinculou com a ideia de uma “devolução” em torno do progresso, num momento em que se discutiam **A invenção de um Brasil moderno**^{|278|}. As próprias condições

sociais, que possibilitaram a fundação do grupo, diziam respeito a emergência de novas práticas culturais que estiveram em curso no início do século XX na cidade do Crato. A organização em torno de uma agremiação literária era resultado de desejos e aspirações em comum, uma necessidade em conviver em espaços de sociabilidades definidos, organizados em torno de projetos.

A fundação de um jornal, órgão da agremiação, também agrupou projetos e intelectuais em seu entorno. A prática da escrita, efetivada pelos membros desse grupo, principalmente, em torno da redação de jornais, deu um caráter de maior legitimidade para representações circuladas. Foi através das páginas de um periódico que os “evangelizadores da crença de Gutemberg”, como se apresentaram os redatores do jornal *A Liça*, desenharam os “caminhos do progresso” para a cidade do Crato e para o Cariri cearense. Para além do jornal, entendido como elemento indispensável e que promoveria a civilização, defendiam a instrução pública, a construção de açudes, uma via-férrea, bibliotecas e certa “sensibilidade ecológica”. Desse modo, para além de ser um elemento do viver moderno, o jornal era o veículo das ideias e aspirações que os membros do grupo defendiam, foi por tais páginas, também, que mapeamos essas representações e projetos.

Foi através das páginas d’*A Liça*, também, que os membros da agremiação literária buscaram consolidar a representação de intelectuais “distintos” para os mesmos. Além da prática letrada, manifestada pela escrita e publicação de um jornal editado

semanalmente, os juízos reproduzidos sobre o órgão e a agremiação, naquele hebdomadário, servia como verdadeiro arquivo das memórias que desejavam circular e arquivar. As críticas positivas perpassaram quase todas as edições analisadas do jornal, os julgamentos que outros intelectuais faziam à respeito desses, foi tão importante quanto qualquer outro conteúdo veiculado no jornal. Para além de criarem representações para a cidade do Crato, como lugar do progresso, criaram para os membros do grupo a condição de intelectuais que “tem sabido deveras honrar o logar que lhe serviu de berço”.

Portanto, as representações em torno de um “outro”, tratado como o ponto de diferenciação, conferia identidade para uma região (Cariri cearense) e também foram importantes para a sedimentação das imagens que criaram para si (intelectuais) e para os espaços em que estavam inseridos (lugares destinados ao progresso). Esses intelectuais, que se apropriaram de um conjunto de representações elaboradas ainda no século XIX, faziam do sertão esse “outro”, nos restou, nesse caso, pensar como essas representações foram apropriadas e (re)elaboradas. Os Romeiros do Porvir, atuantes na primeira década do século XX, marcaram uma geração que fez ponte entre as produções intelectuais do século XIX àquelas que foram consolidadas ao longo do século XX. As discussões nos permitiram traçar alguns resultados em torno dessas representações, foram estruturadas a partir dos textos publicados no jornal *A Liça*, mas, também, em textos dos membros do grupo, publicados em outros meios de divulgação, como exemplo, um trecho do Romance “O Cariry”, autoria de Soriano de Albuquerque.

Para as representações em torno do sertão, visto da cidade do Crato como um “outro”, os usos da natureza, operacionalizados por essa geração de intelectuais, foi elemento importante. No século XIX, emergiram ideias do Cariri cearense como o “oásis do sertão” ou “celeiro dos sertões”, pois, nessas leituras, além de ser uma espacialidade diferente era tratado como refúgio para os habitantes sertanejos das localidades limítrofes. Essas representações, provenientes dos discursos e dos usos que se faziam dos recursos naturais, atribuíam ao Cariri a condição de região “privilegiada”, concomitantemente, ao sertão era destinada a ideia de lugar desprovido de recursos naturais, seco, infértil e miserável.

No entanto, destacamos que existiu/existe uma pluralidade social, cultural e semântica em torno do conceito de sertão. As formas de ver e ser no sertão não são imutáveis, muito menos homogênea, ainda mais se levarmos em conta o tempo ao qual o conceito foi usado e as várias espacialidades que ele nomeou ou nomeia, ainda hoje. Desse modo, podemos pensar que, não foram os usos da natureza, das letras/artes, representações de progresso, de intelectualidade, capazes de afastar a região do Cariri da condição de sertão. As relações espaciais estabelecidas e as próprias demandas administrativas, nos deixou ler que, mesmo depois de todas as representações empreendidas, poderia ser e/ou foi entendido como sertão.

Ao desenvolvermos esta pesquisa em um programa de pós-graduação fundado recentemente, com área de concentração em História dos Sertões,

sentimos necessidade de pensar nosso objeto dentro desse campo em construção. Evandro dos Santos, professor do programa ao qual me referi, nos convidou a pensar a diversidade historiográfica ao passo que identificou como escrever e reconhecer histórias dos sertões a partir de novas e velhas epistemologias^{| 279 |}. Nessa tarefa, sugeriu a necessidade de retomar debates epistemológicos e políticos que acompanham os campos já consolidados. O autor, ainda, defendeu as aproximações sustentadas pela proposta de uma História dos Sertões com a área específica dos estudos pós-coloniais. Pois, se preocupou em pensar outras formas de se apropriar dessas noções, questionar as definições predominantes e as formas ver os sertões.^{| 280 |} Desse modo, na tentativa de estudar “outros” sertões, buscamos seguir, ainda que de forma sutil, os apontamentos delineados pelo mesmo autor.

Do conflito do nosso objeto de estudos com a área de concentração em que a pesquisa foi realizada, propomos o termo História dos Intelectuais nos Sertões para nomear o exercício teórico-prático que realizamos ao longo deste trabalho. Buscamos entender, nesse caso, como um grupo de intelectuais se organizou e representou os sertões desde os mesmos. Ainda destacamos que, essas atividades não se encerram em si. É da possibilidade de gerar perguntas, dúvidas e críticas que apoiamos os sucessos e as contribuições deste trabalho.

| 279 | SANTOS, Evandro dos. Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias. **Sæculum – Revista de História**, João Pessoa, v. 24, nº 41, p. 441-452, 2019.

| 280 | *Idem*, *Ibidem*.



Referências



ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBURQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3º Ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALENCAR, Johnnys Jorge. G.; REIS, Ana Isabel Ribeiro. P. Cortez. **Controle Social e Trabalho**: a ordem do trabalho na ação missionária do Padre Ibiapina no Cariri cearense (1868-1870). In: XII SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC HISTÓRIA E HISTÓRIAS: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, 2016, Quixadá. Edição 2016, 2016.

ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de Historia Intelectual y otros ensayos**. 1º Ed. Buenos Aires: Siglo XXI editores Argentina, 2005.

ALVES, Hildebrando Maciel. **A face historiadora de J. de Figueiredo Filho e a construção do Cariri cearense**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ALVES, Maria Daniele. **Desejos de civilização**: representações liberais no jornal O Araripe 1855 - 1864. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Acadêmico em História e Culturas – MAHIS, Fortaleza, 2010.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, p. 145-151, 1995, p. 149-150.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão**: um lugar incomum - o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação**. Tradução de Johannes Krestschmer; Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição**: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783- 1822). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná (Departamento de História), Curitiba, 2010, p. 16.

BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato Intelectual**: dados bio-bibliográficos. Crato: Coleção Itaytera, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Itinerário de un concepto. s/l: Montessor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CANDIDO, Antonio. À guisa de introdução: A vida ao rés-do-chão. IN: CANDIDO, Antônio [et. al.]. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas (SP): Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro (RJ): Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. Introdução. In: CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro. (Orgs.) **Capítulos de História Social dos Sertões**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARIRY, Rosemberg; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa**: estudos e reportagens. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982,

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil. Imperatriz – MA: Ética Editora, 2000.

CAVALCANTE, Hugo Eduardo. Disputas entre a agricultura e a criação de gados no Cariri cearense da segunda metade do século XIX: o liberalismo de João Brígido e o jornal O Araripe. **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira, v. 4, n. 8, p. 37-46. 2017.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Trad.: George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In. HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. (In) MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103-130.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias descarriladas**: o trem na cidade do Crato. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos**: a família escrava no Cariri Cearense

(1850-1884). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Imprensa**: A imprensa na França, 1775-1800. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. (In) MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**: a construção das elites-Itajaí, 1929-1960. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FEBVRE, Lucien. **O Reno**: história, mitos e realidades. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERNANDES, Paula Rejane. **A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia**: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

FERNANDES, Paula Rejane. **Mossoró**: uma cidade impressa nas páginas de O Mossoroense (1872-1930). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2009.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Explicando. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

GOMES, Angela de Castro. “Essa gente do Rio...: Os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IRFFI, Ana Sara Ribeiro Parente Cortez. **O cabra do Cariri cearense**: a invenção de um conceito oitocentista. Tese de doutorado em História Social, 2015.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACÊDO, Nertan. **O Padre e a beata**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Renes; Brasília: INL, 1981.

MÄDER, Maria Elisa. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 262-270, 2008.

MARTINS FILHO, Antônio. Orelha do livro. (In): FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **Meu mundo é uma farmácia**: memórias de um farmacêutico. Fortaleza: Casa José de Alencar. 2 Ed, 1996.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país d'os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapernig, 2007.

NASCIMENTO, F. S. **Crato**: Lampejos Políticos e Culturais. Fortaleza: Edições UFC, 1998.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural, **Politéia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003, p. 156.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A natureza na interpretação do Oeste: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero (Orgs). **Vastos sertões**: história e natureza na ciência e na literatura. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015, p. 21-40.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. “Vivemos identificados com a civilização, dentro da civilização”: autoimagens urbanas nos sertões da Bahia. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 301-318, 2015.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. Um sertão de águas e de letras. **Outros Tempos**, v. 11, n. 17, p. 35-52, 2014.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do**

Ceará. Fortaleza: Universidade federal do Ceará/ Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989, p. 193-204.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri:** seu descobrimento, povoamento, costumes. – Ed. fac.sim. – Fortaleza: FWA, 2009.

PORTO, Sérgio Dayrell; MOUILLAUD, Maurice. **O Jornal:** da forma ao sentido. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no Cariri cearense:** terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. **O Espaço a Serviço do Tempo:** a Estrada de Ferro de Baturité e a invenção do Ceará. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas:** a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: editora da FGV, 1998.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. **“Releve, pois, a falta de minhas respostas...”:** interfaces entre as cartas e os livros de Gilberto Freyre [1933 – 1978]. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

RODOLFO, Renato Mesquita. **A Universidade (Federal) do Ceará entre o Benfica e a Gentilândia**: espaços, lugares e memórias (1956-1967). Dissertação de Mestrado (UFC), 2015.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. Fugindo do estigma: visões sobre Mato Grosso nas páginas da Série Realidade Brasileira e da revista Brasil-Oeste. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 24, p. 269-300, 2017.

SANTOS, Evandro dos. Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias. **Sæculum – Revista de História**, João Pessoa, v. 24, nº 41, p. 441-452, 2019.

SILVA, Leandro Maciel. **Oásis do Sertão**: A Paisagem do Cariri cearense (séc. XIX - XX). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 231-269.

SOUSA, José Bonifácio de. Registro Bibliográfico Cearense. (In) FIGUEIREDO, José Alves de **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958.

VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo**: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951). Tese (Doutorado

em História) - UFRJ/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Programa de Pós Graduação em História Social, 2003.

VIANA, José Ítalo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato**: memória, escrita da história e representações da cidade. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, 2011.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

Fontes de pesquisa

Centro de Documentação do Cariri – CEDOCC/URCA

Coleção Digital - jornal **O Araripe** (1855-1865)

O ARARIPE, Crato, 2 de agosto de 1856, p. 2.

A CRIAÇÃO DO GADO. **O Araripe**, 1 de setembro de 1855, p. 3.

A PROVINCIA DO CARIRI, **O Araripe**, 14 de julho de 1855, p. 2.

NOTICIA LOCAL. **O Araripe**, Crato, 20 de fevereiro de 1858, p. 1.

Coleção Digital - jornal **A voz da Religião no Cariri** (1868-1870)

HISTÓRIA DAS MISSÕES NO CARIRI NOVO NOS ANOS DE 1864 E 1868. **A Voz da Religião no Cariri**, Crato, 21 de fevereiro de 1869, p. 2.

Instituto Cultural do Cariri - ICC

Coleção Digital - jornal **Cidade do Crato** (1901-1904)

ALBUQUERQUE, Soriano. Rota íntima. **Cidade do Crato**, Crato, 13 de abril de 1902.

COLLEGIO LEÃO XIII, **Cidade do Crato**, Crato, 08 de dezembro de 1901, número 07.

EDILSON SUCUPIRA, **Cidade do Crato**, Crato, 27 de outubro de 1901, número 01.

GRACIOSA, **Cidade do Crato**, Crato, 22 de dezembro de 1901, número 09.

ALBUQUERQUE, Soriano. Livros. **Cidade do Crato**, Crato, 29 de dezembro de 1901, número 10.

MANIFESTAÇÃO AO DR. SORIANO, **Cidade do Crato**, Crato N 12. 12 de janeiro de 1901.

PORTICO, **Cidade do Crato**, Crato, 27 de outubro de 1901, número 01.

A IMPRENSA. **Cidade do Crato**, Crato, 27 de outubro de 1902.

Coleção Digital - jornal **Correio do Cariri** (1905-1911)

Coleção Digital - jornal **Sul do Ceará** (1905-1906)

Coleção Digital - **Revista Itaytera**

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Bandas Cabaçais do Cariri. **Revista Itaytera**. Crato, nº 1, ano I, 1955, p. 109-110.

MATOS, Florival. Crato e o primeiro cinema. **Revista Itaytera**. Crato, nº 1, ano I, 1955, p. 148.

VIEIRA, José Flávio. Cortinas desfraldadas. **Revista Itaytera**. Crato, nº 48, 2018, p. 47-48.

Biblioteca Pública Menezes Pimentel – BPMP

Coleção Microfilmagem - jornal **A Liça** (1903)

31 DE JULHO, **A Liça**, Crato, número 05.

A INSTRUÇÃO. **A Liça**, Crato, número 12.

A LIÇA, **A Liça**, Crato, número 12.

A VIA-FERREA. **A Liça**, Crato, número 03.

ACTA DE SESSÃO ORDINÁRIA, **A Liça**, Crato, número 03.

ACTA DE SESSÃO ORDINARIA, **A Liça**, Crato, número 06.

ACTA DE SESSÃO ORDINARIA, **A Liça**, Crato, número 09.

ACTA DE SESSÃO ORDINARIA, **A Liça**, Crato, número 10.

AÇUDAGEM. **A Liça**, Crato, número 06.

AÇUDAGEM. **A Liça**, Crato, número 07.

AINDA SOBRE A FERRO-VIA. **A Liça**, Crato, número 04.

BREJO DOS SANTOS, **A Liça**, Crato, número 04.

COMISSÃO DO 3º CENTENARIO, **A Liça**, Crato, número 02.

EXPEDIENTE, **A Liça**, Crato, número 03.

GRATOS, **A Liça**, Crato, número 02.

JUSTIFICATIVA, **A Liça**, Crato, número 02.

O NOSSO APPARECIMENTO, **A Liça**, Crato, 08 de julho de 1903, número 01.

O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 02.

O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 03.

O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 07.

O QUE DIZEM DE NÓS, **A Liça**, Crato, número 09.

PELAS MATAS. **A Liça**, Crato, número 09.

Biblioteca Nacional (BN) – Hemeroteca Digital

Coleção Digital – Jornal Pequeno

O JORNAL PEQUENO, **Jornal Pequeno**, Recife, 11 de maio de 1891, número 01.

QUADRO DE BACHARELANDOS, **Jornal Pequeno**, Recife, 1899, edição 92.

Coleção Digital – Jornal do Recife

CONGRESSO ACADEMICO, **Jornal do Recife**, Recife, 18 de agosto de 1896, edição 186.

CONGRESSO ACADEMICO, **Jornal do Recife**, Recife, 21 de maio de 1897, edição 113.

ESCOLA DE DIREITO, **Jornal do Recife**, Recife, 18 de março de 1899.

JORNAL DO RECIFE, **Jornal do Recife**, Recife, 01 de janeiro de 1859, número 01.

PARA O CEARÁ, **Jornal do Recife**, Recife, 30 de dezembro de 1899, edição 295.

SOCIEDADE GONÇALVES DIAS, **Jornal do Recife**,
Recife, 23 de junho de 1896, edição 141.

Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC

ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. In: **Almanache Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o ano de 1905**.
Fortaleza: Empreza Typographica, 1904, p. 167.

Ofício da Câmara Municipal do Crato, em 11 de novembro de 1873, ao Vice-Presidente da Província do Ceará, caixa 34, Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC.

Ofício da Câmara Municipal do Crato, em 12 de janeiro de 1864, ao Presidente da Província do Ceará, caixa 34, Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC.

Ofício da Câmara Municipal do Crato, em 24 de março de 1874, ao Vice-Presidente da Província do Ceará, caixa 34, Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC.

Obras de Época/memorialísticas

BEZERRA, Antonio. **Notas de viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1935. Sua primeira edição data do ano de 1899, publicada pela Tip. Econômica, com o título Província do Ceará – Notas de viagem (Parte Norte).

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **Renovação**: romance

de aspectos sociais do nordeste brasileiro. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1937.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **Meu mundo é uma farmácia**: memórias de um farmacêutico. Fortaleza: Casa José de Alencar. 2 Ed, 1996.

FIGUEIREDO, José Alves de. **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958.

MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu tempo**. Fortaleza: Edições UFC. Col. Alagadiço Novo, 1985.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Soriano de Albuquerque**. Um Pioneiro da Sociologia no Brasil. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977.

Dicionários

BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011, p. 841. [Grifos no original].

DICCIONARIO CONTEMPORÂNEO DA LINGUA PORTUGUEZA (feito sobre um plano inteiramente novo). Segundo Volume. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913.

Sites

Antonio Pinto Nogueira Accioly:

Disponível em:

portal.ceara.pro.br

Acesso em 15/11/2020.

Paulo Gonçalves de Arruda:

Disponível em:

antonimiranda.com.br

Acesso em 15/04/2019.

Paulo Gonçalves de Arruda:

Disponível em:

domingocomposia.com.br

Acesso em 15/04/2019.

Lista de publicações

Carne Preta, Pele Rara: contribuições para um Teatro Negro de Resistência

Álvaro Renê Oliveira de Sousa

As Peles que Dançam: pistas somáticas para outra anatomia

Marise Léo Pestana da Silva

Casa e Vizinhança: Modos de Engajamento. Cinema brasileiro contemporâneo e práticas moradoras

Érico Oliveira

A vida esculpida com os pés: memórias inacabadas de um poeta andarilho

Ethel de Paula

Memórias Brincantes: um experimento a partir do corpo e da poética do Maneiro Pau do Mestre Cirilo - Crato/CE

Izaura Lila Lima Ribeiro

Intelectuais no Sertão: o Club Romeiros do Porvir, a produção e circulação de representações em torno da intelectualidade, da cidade do Crato-CE e dos sertões (1900-1910)

Johnnys Jorge Gomes Alencar

A Experiência da Cia. Ortaet de Teatro no Centro-sul cearense: percurso pedagógico e processos criativos

José Brito da Silva Filho

“Rei de Paus na avenida de novo!”: coprodução de personagens, objetos e lugares no maracatu cearense

Lais Cordeiro

Da Porcelana aos Trapos: bonecas e memórias femininas no processo de poiesis

Larissa Rachel Gomes Silva

Passa um filme na cuca: recepção de cinema no Cuca Barra do Ceará

Luciene Ribeiro de Sousa

Gênero na cena performativa-política de Fortaleza

Manoel Moacir Rocha Farias Júnior

Itinerários no acervo do Instituto de Antropologia da Universidade Estadual do Ceará (1958-1968): a coleção Arthur Ramos como discurso

Maria Josiane

Dos engenhos à usina: patrimônio e cultura material canavieira do Cariri cearense (anos 1930-1970)

Naudiney de Castro Gonçalves

Escritos de uma Guerra Planetária

Noá Araújo Prado

Do Museu Fonográfico ao Arquivo Nirez (1969 - 1983): o engajamento cultural de Nirez em prol do passado de Fortaleza e da música popular

Renato Araújo

Invocação para o fim: o Sertão como arquivo

Ridimuin

Corpos Precários: pedagogia e política na experiência do corpo

Renata Kely da Silva

Grupo Independente de Teatro Amador (GRITA): Resistência Cultural e Apropriação Artística no espaço de Fortaleza (1973-1985)

Thaís Paz de Oliveira Moreira

Entre a mangueira do fato e a corrente de ouro: um estudo antropológico sobre a memória e os espaços, a partir das narrativas fantásticas de moradores da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, Baturité-CE

José Wilton Soares de Brito Souza

Fotografia e memória no corpo divino:
Orixá encarnado

Yasmine Moraes

Confira a coleção completa em:
arteurgente.com.br

A Coleção de Saberes, ação que integra o **Arte Urgente**, propõe a valorização de pesquisas acadêmicas, como forma de fortalecimento e incentivo a pesquisadores nos campos da arte e da cultura no Ceará. A iniciativa cria uma ponte entre estes trabalhos e um público diverso, expandindo os horizontes da aprendizagem e do conhecimento.

São 20 trabalhos que trazem reflexões contemporâneas em arte e cultura no estado, com temas relacionados às áreas de: artes visuais, audiovisual, circo, cultura popular, dança, teatro, literatura, música, performance, produção cultural, políticas culturais e patrimônio cultural.

Realização

Instituto
BR

QUITANDA
"Soluções Criativas"



Labs.
Culturais

Prod. Executiva

**CINCO
ELEMENTOS**
PRODUÇÕES

MARCO ARS

Apoio Institucional

**PORTO
DRAGÃO**



**INSTITUTO
DRAGÃO
DOMAR**



Apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 4.007, de 29 de junho de 2008.

**LEI
ALDIR
BLANC**
Lei nº 10.028/2000



**CEARÁ
cultura**
SECRETARIA



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL